



O ano de 2016 ficará marcado pela inauguração do Museu A LORD. Este espaço, que combina o passado com as novas tecnologias, assumiu um papel primordial no desenvolvimento das atividades da Fundação A LORD.

Um dos aspetos mais inovadores e diferenciadores desta proposta conceptual é o de que são os habitantes locais e a sua cultura local a primeira e principal preocupação do Museu - eles são, simultaneamente, o seu principal público e o principal dinamizador.

A inequívoca recetividade das suas atividades é um sinal de vitalidade, de reconhecimento e um forte incentivo para novos projetos.

A Fundação A LORD continuará a apostar no crescimento social, cultural e educacional da cidade de Lordelo, procurando, sempre, ir de encontro às necessidades e preocupações da comunidade local.

Estamos atentos ao futuro e queremos que faça parte dele. Contamos com a sua participação.

Francisco Leal

Presidente da Fundação A LORD



Ficha Técnica

Edição e propriedade

Fundação A LORD
Rua da Cooperativa, 27
4580-809 Lordelo PRD
Tel.: 224 447 357
geral@fundacaoalord.pt
www.fundacaoalord.pt

Periodicidade

Anual

Tiragem

500 exemplares

Depósito legal

161497/01

Design gráfico

Xpto Design

Impressão

Orgal Impressores

Presença

Revista da Fundação A LORD
Ano 18, n.º 25, 2016

Diretor

Francisco Manuel Moreira Leal
Presidente do Conselho de
Administração da Fundação A LORD

Coordenação

Ana Maria Martins
Lasaete Silva

Colaboração

Álvaro Pacheco
Ana Ferreira
Ana Maria Cabral
Ana Maria Martins
Ana Silva
Beatriz Ester Moura de Castro
Carina Araújo
Célia Sousa
Donzília Martins
Eugénia Gonçalves
Fátima Carneiro
Guilherme Moreira
Henrique Manuel Pereira
Lasaete Silva
Levi Guerra
Manuel Monteiro
Manuela de Abreu e Lima
Maria da Graça Mourão
Maria Florinda Almeida
Marília Almeida
Odete Mendes
Rosário Correia Machado
Rui Leal
Sara Lamas
Sílvia Rebanda
Vitor Moreira

AUDITÓRIO

Outro Modo de Escrita - Exposição Coletiva de Ilustração Infantojuvenil	6
Concerto de Reis	6
Audições da Escola de Música - Concertos	7
Intervalo da Vida III - Teatro	7
Sarau pela Associação dos Antigos Orfeonistas da Universidade do Porto	7
Exposição de Desenho e Escultura do Mestre José Rodrigues	8
Violência na Sociedade - Debater para Intervir - Conferência	9
Comemoração do Dia Mundial do Livro	11
Noite Mágica - Concerto	11
Maresia - Espetáculo	12
E o Mar Aqui Tão Perto - Espetáculo	12
XVII OrffLORD - Encontro de Orfeões	14
Homenagem ao Vencedor da Volta a Portugal em Bicicleta 2016, Rui Vinhas	16
Um Olhar Sobre os 20 Anos da Fundação A LORD 1996 / 2016 - Exposição Documental	17
Parabéns a Você...	18
Não Sei o Que o Amanhã Trará - Teatro de marionetas	19
Outubro Musical - Orfeão da Fundação A LORD e Fados de Coimbra - Concertos	21
Orquestra da Fundação A LORD - Concerto	21
Mulheres - Teatro	22
XX Aniversário da Fundação A LORD, XVI Aniversário da Biblioteca da Fundação A LORD	22
Pirmin Treku 2016 - Bailado	22

BIBLIOTECA

Histórias de Encantar, Teatro de Fantoques	24
Escritor do Mês	25
O Leituras Sugere...	25
Um Poema	26
Dia Mundial do Livro	27
Encontro com Rosário Castanheira	28
Feira do Livro	28
Visita Cultural - Alto Douro Vinhateiro - Visita à paisagem cultural do Vale do Douro	30
XVI Ateliê de Olaria	31
XVI Aniversário da Biblioteca, XX Aniversário da Fundação A LORD	31
Exposições	32
Outro Modo de Escrita	32
O Nosso Blog	32

COOPERAÇÃO

Gabinete de Apoio ao Doente - Artigos Ortopédicos	34
Lordelo Solidário	34
Ateliês	34
Atividades nas Férias	35
Comemoração do Dia Mundial dos Avós, Comemoração do Dia de São Martinho	36
Serviços de Mediateca	36
Colónia de Férias	37
Oferta de um Autocarro à Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Lordelo	37
Visitas Culturais	38
Natal, Tempo de Partilha!	38

ESCOLA DE ARTES

Clube de Teatro	40
Escola de Dança, Ballet Clássico	41
Escola de Música - Um Contributo para a Educação Musical	41
Orfeão	42
Orquestra	42



	FORMAÇÃO Folha de Cálculo	44
	MUSEU Inauguração do Museu A LORD	46
	OPINIÃO Humanizar o Ser Humano - Álvaro Pacheco 48 Indisciplina: um Caminho para a Prevenção - Beatriz Ester Moura de Castro 50 De Património dos Pobres a Património da Nação - Henrique Manuel Pereira 52 Da essência da Vida ao Viver Humano - Levi Guerra 55 O Século XX - Alguns Acontecimentos que Mudaram a História - Manuela de Abreu e Lima 56 Vem aí uma Bonequinha - Texto de Maria Florinda Almeida 60 - Ilustrações de Marília Almeida Reabertura da Torre dos Alcoforados - Rosário Correia Machado 63 A Justiça e o Relógio - Sílvia Rebanda 64 Viagens de Antanho (II) - Vítor Moreira 65	
	POESIA Teu sorriso; Janela sobre a praia; Rosa vermelha - Donzília Martins 70 Tocar a alma humana! - Levi Guerra 71 No hospital; Medos... - Odete Mendes 72	
	EVENTOS EXTERNOS	74

Auditório



O Auditório da Fundação A LORD apresenta-se como um espaço onde acontecem diferentes atividades culturais, tais como: exposições, conferências, concertos, espetáculos de teatro, dança, entre outros.

Para que tal aconteça, tem-se construído um projeto em que as diversas etapas conduzem à concretização das várias manifestações artísticas.

O Auditório é, também, um ponto de confluência em que a comunidade, como interlocutora, usufrui da sua programação, colaborando, também, no seu papel dinamizador.

Dar conta de novos projetos, será o propósito de toda a equipa que anima este espaço, para que continue a ser uma referência cultural da região.

OUTRO MODO DE ESCRITA

EXPOSIÇÃO COLETIVA DE ILUSTRAÇÃO INFANTOJUVENIL

Ana Maria Martins



▶ Assinala-se a exposição coletiva de ilustração infantojuvenil “Outro Modo de Escrita”, inaugurada no final de 2015, e aberta ao público durante os meses de janeiro, fevereiro e março de 2016.

Já muito se tem escrito sobre a importância da ilustração como complemento interpretativo do conteúdo dos livros infantojuvenis. Esta exposição veio mostrar que apesar da ilustração ter um universo diferenciado do texto escrito, exigindo competências de observação e interpretação adequadas, pode convergir em campos comuns quando se lê um texto. Daí o título da expo-

sição “Outro Modo de Escrita”.

Quando um jovem lê uma história, interpreta-a e imagina o universo onde se desenrolam os acontecimentos dessa história. Do mesmo modo, ao observar uma exposição de ilustração, executa operações semelhantes: interpreta as imagens e cria “mundos” imaginários.

Justificou-se, assim, o convite ao Agrupamento de Escolas de Lordelo, dando oportunidade a vários grupos de alunos de apreciarem as diversas obras expostas e participarem em atividades de leitura e expressão plástica que ajudaram a expe-

rienciar “outro modo de escrita”.

Neste sentido, cerca de 430 alunos dos Jardins de Infância e Escolas Básicas do Agrupamento de Escolas de Lordelo participaram em atividades criativas que partiram da apreciação das ilustrações expostas e na escuta de alguns contos, dos quais faziam parte as mesmas. Assim, surgiram trabalhos imaginativos, “novos modos de escrita”, à medida dos pequenos artistas.

Contudo, esta exposição não se destinou apenas a jovens. Um grande número de visitantes teve oportunidade de se confrontar com as obras de Afonso

Cruz, Alex Gozblau, Anabela Dias, André da Loba, Cátia Vidinhas, Cristina Valadas, David Pintor, Evelina Oliveira, Gémeo Luís, Gonçalo Viana, João Vaz de Carvalho, Maria Remédio, Patrícia Figueiredo, Marta Madureira, Teresa Cortez e Teresa Lima, que deram a conhecer as suas criações, veículos de magia, beleza e ensinamento.

Tanto quanto se pôde testemunhar, os visitantes das várias faixas etárias descobriram, nesta exposição, a história encerrada em cada uma das ilustrações, decifrando o valor metafórico das imagens.

CONCERTO DE REIS

Lasaleta Silva

▶ Mais um **Concerto de Reis** com o Orfeão e a Orquestra da Fundação A LORD!

O evento teve lugar, no dia 9 de janeiro de 2016, no Auditório desta Instituição.

Iniciou-se com a *Gloria* de Vivaldi e terminou com *Um grande Natal*, arranjo de Margarida Louro, executados, simultaneamente, pelo Orfeão e Orquestra. O restante repertório contou,

ainda, com alguns temas interpretados, à capela, pelo grupo coral e outros pela Orquestra.

É de salientar as melodias natalícias cantadas em diversas línguas, tais como: *Adeste Fidelis*, *Linda Noite*, *Ding Dong! Merrily on High* e *Feliz Navidad*.

Este concerto proporcionou ao público uma noite de alegria com uma mensagem de esperança. Daí, os calorosos aplausos!



AUDIÇÕES DA ESCOLA DE MÚSICA

CONCERTOS

Ana Ferreira e Lasaete Silva

*Se a música é o alimento do amor não porem de tocar.
Deem-me música em excesso...*

William Shakespeare

▶ Ao longo de 2016, cerca de 25 alunos da Escola de Música da Fundação A LORD realizaram a **Audição de Reis**, a **Audição da Primavera** e a **Audição Final do Ano Letivo**, nos dias 25 de janeiro, 2 de maio e 5 de julho, respetivamente.

Cada audição contou, em média, com 91 participantes. O repertório foi diversificado: cavaquinho, flauta, guitarra, per-

cussão, piano, saxofone, assim como canto.

Estas atuações visaram mostrar, essencialmente aos familiares, o trabalho desenvolvido pelos alunos e, também, despertar nestes o gosto pelas apresentações em público, proporcionando-lhes oportunidades, experiências e vivências durante a sua aprendizagem musical.



INTERVALO DA VIDA III

TEATRO

Sara Lamas

▶ No dia 13 de fevereiro, o grupo de teatro LORDator apresentou, novamente, a peça de teatro *Intervalo da Vida III*. O êxito da estreia justificou esta segunda exibição.

Durante a peça, o público ficou surpreso com as diversas peripécias: encontros, desen-

contros, intrigas, fenómenos estranhos, mortes...

As gargalhadas da assistência permitiram a descontração dos jovens atores.

À saída, o sorriso do público traduziu o sucesso desta segunda apresentação da peça *Intervalo da Vida III*.



SARAU PELA ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ORFEONISTAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Ana Maria Martins

▶ O palco do Auditório da Fundação A LORD, no dia 27 de fevereiro, tornou-se num espaço de exibição onde teve lugar a música clássica, fados, tangos, bem como danças tradicionais de várias regiões do país, nomeadamente a dança dos Pauliteiros de Miranda.

A Associação dos Antigos Orfeonistas da Universidade do Porto mostrou, através deste espetáculo, uma atividade artística dinâmica em que o espírito associativo esteve presente nos diversos grupos apresentados em palco, salientando-se o papel do maestro Paulo Nunes que dirige o **Coro Clássico** desta Associação.

Houve, assim, oportunidade de identificar temas musicais que ganharam vida ao serem interpretados de forma harmoniosa pelo **Coro Clássico**.

A evocação da vida estudantil de Coimbra esteve também presente na interpretação do fado académico que transmitiu sentimentos de nostalgia através das guitarras e vozes.

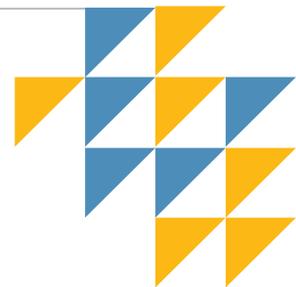
Seguiu-se um momento vivo, proporcionado pelo **Grupo de Danças** que, com o rigor dos seus trajes e a musicalidade dos temas, levou a assistência a um

envolvimento entusiasta com as danças tradicionais.

Depois do intervalo, a **Orquestra de Tangos**, acompanhada por um par de bailarinos, transportou a assistência até à cidade de Buenos Aires, capital do tango. Foi estimulante sentir a fusão da música e dança de forma impetuosa, deixando um registo de movimento e sensualidade.

A fechar o espetáculo, a **Tuna Veterana do Porto**, dirigida pelo Dr. Eduardo Coelho e Maestro António Sérgio Ferreira, apresentou um repertório variado, integrando música popular de Portugal, Brasil, Cabo Verde, Espanha, Argentina e Venezuela. É de salientar a parte instrumental - composta por violões, bandolins, cavaquinhos, contrabaixo e violinos, bem como acordeão e pandeireta - que confirmou o nível artístico da tuna que procura as suas fontes de inspiração na música de expressão ibérica.

Mais uma vez, a Associação dos Antigos Orfeonistas da Universidade do Porto proporcionou à assistência um espetáculo criativo e variado que justificou a grande expectativa e entusiasmo criadas pelas atuações anteriores.



EXPOSIÇÃO DE DESENHO E ESCULTURA DO MESTRE JOSÉ RODRIGUES

Ana Maria Martins

► No dia 9 de abril de 2016, a Fundação A LORD inaugurou a exposição do Mestre José Rodrigues tendo a honra de contar com a sua presença. Esta data teve um significado singular para a Instituição, já que parte da obra do artista foi dada a conhecer à comunidade do Vale do Sousa e a um público mais alargado que ocorreu à Fundação.

As peças expostas - desenhos e esculturas - legitimam a expressão, acima referenciada, da autoria do artista - *O que eu gosto é de transformar histórias em desenhos...*

Ao visitar a exposição, deparamo-nos com rostos e corpos desenhados e moldados que nos levam à sua contemplação e à procura do seu significado. Sobretudo nos desenhos, evidenciam-se olhares que, na sua imaterialidade, interpelam os visitantes.

Quanto às esculturas, o sagrado e o profano fundem-se, levando o observador a interrogar-se sobre o seu significado. É de referir as "anjas", os cristos e os presépios que encerram memórias subjacentes

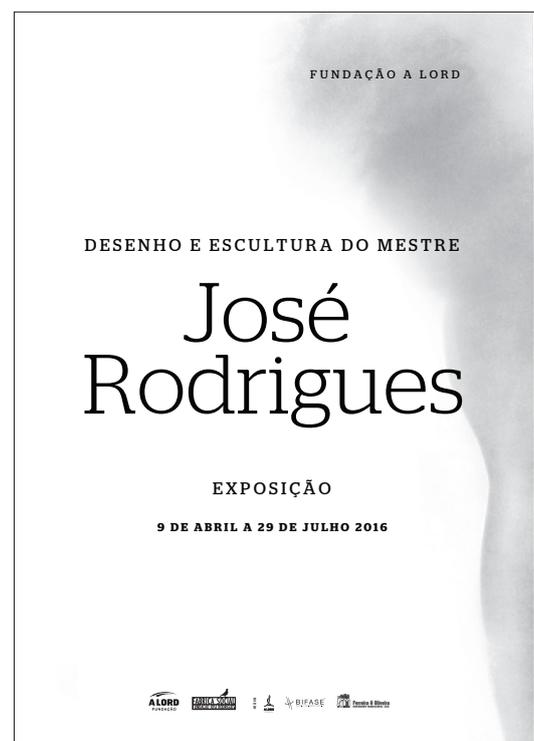
a uma certa religiosidade. Assim, o visitante confronta-se com a obra do artista, aprecia a sua beleza, conseguida através do seu génio, capaz de transformar matéria em obra de arte.

Neste sentido, justifica-se realçar as esculturas "Salomé" que traduzem de forma sublime a interpretação que o artista fez sobre uma figura bíblica, já trabalhada por outros artistas, que evoca uma história intemporal.

Ainda que não se reconheça a figura relacionada com a Bíblia, o tema da degolação cria junto do observador uma curiosidade e emoção que o leva a questionar os protagonistas presentes numa única peça - Salomé e João Baptista.

Assim, a observação e a interpretação das obras desta exposição estimularam, certamente, os visitantes para a fruição da beleza de cada uma delas, permitindo prosseguir um conhecimento mais aprofundado da obra do Mestre José Rodrigues.

*O que eu gosto é de transformar histórias em desenhos.
É importante que isso aconteça sempre.*
José Rodrigues



VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE – DEBATER PARA INTERVIR

CONFERÊNCIA

Ana Maria Martins

▶ No âmbito da programação do 1.º quadrimestre de 2016, organizou-se uma conferência sobre o tema “Violência na Sociedade – Debater para Intervir” para a qual foram convidadas as seguintes personalidades: Professor Doutor Levi Guerra, Dra. Beatriz de Castro e Dra. Sofia Lopes, como oradores, e Dr. Francisco Espinheiro, como moderador.

A abrir o debate, o Presidente da Fundação A LORD, Dr. Francisco Leal, referiu-se à violência como um estigma da sociedade que merece ser diagnosticado – “a sociedade deve tomar consciência da sua responsabilidade no sentido de contribuir para a prevenção da violência”. Agradeceu a presença de todos os intervenientes e deu a palavra ao Dr. Francisco Espinheiro.

Este, além dos cumprimentos habituais, apresentou o primeiro orador, Professor Doutor Levi Guerra, salientando o seu brilhante curriculum como médico, professor, poeta, pintor, conferencista..., assim como o seu estatuto de excelência – Chefe do Serviço do Hospital de Santo António, Diretor do Hospital de S. João, Fundador e Presidente do Instituto Cultural D. António Ferreira Gomes, Professor Catedrático de Medicina da Universidade do Porto, Prémio Nacional de Saúde 2013, Prémio Jornal de letras 2015... – que lhe advém dos estudos realizados em várias áreas e conhecimento do mundo. O moderador realçou, ainda, a sua qualidade de comunicador que utiliza a linguagem dos afetos para transmitir o conhecimento.

O Professor Levi Guerra iniciou a comunicação, expressando os seus cumprimentos ao Presidente da Fundação, aos elementos da mesa e a todos os presentes.

Assistiu-se, em seguida, à sua clara intervenção sobre a complexidade do tema “Violência na Sociedade”. Justifica-se dar conta nesta revista do que foi comunicado.

Segundo o Professor Levi Guerra, o tema da violência pode apresentar-se com vários matizes: violência política, estrutural, psicológica..., sabendo-se que a violência implica sempre um ato em que há uma agressão ao outro, um ato que significa falta de respeito e consideração pela vida humana. Assim sendo, este fenómeno constata-se em todo o mundo.

No decorrer da sua exposição, o Professor Levi Guerra apontou como exemplos a analisar as confrontações no futebol, as confrontações na política, entre outras, apelando para a procura do conhecimento. Referiu-se ao nosso cérebro, cuja evolução acompanhou o processo de conhecimento e a possibilidade de pensar e falar.

Acrescentou, ainda, a importância das condições em que se dá a fecundação de um ser humano. “... a forma com que um pai, particularmente uma mãe, recebe o anúncio de um filho e o ambiente em que deve prosseguir a gravidez, o nascimento, o importante grau de afetividade que as crianças podem encontrar...” potenciam o seu equilíbrio ao longo da vida. Neste contexto, referiu, também, o papel da escola na sua preparação para a vida adulta. Segundo o Professor, é importante que haja da parte da escola uma grande ajuda, pois, mais tarde, virá a profissão e a “criação” da independência – “Ser livre é não dominar ninguém, nem ser dominado por ninguém, respeitar os outros”. Ainda a este propósito, parafraseou Fernando Pessoa lembrando o conteúdo do poema “... Para ser grande, sê inteiro: nada / Teu exagera ou exclui. / Sê todo em cada coisa...”.

Subjacente a esta ideia, defendeu que só se pode crescer aprendendo mais, definindo objetivos para a vida, que devem ser mantidos na idade da reforma. Alertou para a vida de alguns jovens que

AUDITÓRIO
FUNDAÇÃO
A LORD

12 MARÇO
2016

21H30
CONFERÊNCIA

VIOLÊNCIA
NA SOCIEDADE

DEBATER PARA
INTERVIR

ORADORES

Prof. Doutor Levi Guerra
Médico, Professor Catedrático Jubilado de Medicina,
Prémio Nacional de Saúde 2013, Presidente da Direção
do Instituto Cultural D. António Ferreira Gomes

Dra. Beatriz Ester Moura de Castro
Diretora do Agrupamento de Escolas de Lordelo, Paredes

Dra. Sofia Lopes
Psicóloga do Agrupamento de Escolas de Lordelo, Paredes

MODERADOR

Dr. Francisco Espinheiro
Jurista

ENTRADA LIVRE
AUDITÓRIO DA FUNDAÇÃO A LORD
RUA DA CONDIÇÃO, 217 4800-000 LORDELO PAREDES
TEL: 224 467 267 | 222 321 865
WWW.FUNDAÇAOALORD.PT | EMAIL: @FUNDAÇAOALORD.PT



utilizam exageradamente as novas tecnologias, esquecendo-se da vida real. Estas, em determinadas situações, podem desencadear patologias que dão origem a comportamentos excessivos. Aconselhou, assim, a procura do saber mais, a valorização e a apreciação do que existe de belo na natureza – “o pôr do sol, uma planta, uma flor”.

A finalizar a sua comunicação, o Professor Levi Guerra realçou a fragilidade da vida que exige e resulta de um equilíbrio permanente, o valor da liberdade e o culto da tolerância. Citou Miguel Torga “... não pode estar seguro de nada quem conhece o que vale um corpo e o que pode o destino...”, “... o que é pena é que neste areal da vida, onde cada um segue o seu caminho, não haja nem tolerância nem humildade...”.

Assistiu-se a uma brilhante comunicação, marcada por um pensamento esclarecedor, em que cada um, a seu modo, guardou os conhecimentos transmitidos.

Dando continuidade à conferência, o Dr. Francisco Espinheiro apresentou a Dra. Beatriz de Castro como “o rosto das Escolas de Lordelo”.

Esta, na condição de Diretora do Agrupamento de Escolas de Lordelo, falou sobre o fenómeno da indisciplina em contexto escolar, testemunhando que não existe violência nas escolas que dirige. De-

finiu a indisciplina como um fenômeno relacional, interativo, que advém de diferentes fatores, entre eles o não cumprimento de regras.

A abordagem deste tema desenvolveu-se, assim, segundo os seguintes parâmetros: as causas, as consequências e as formas de prevenção da indisciplina.

Quanto às causas da indisciplina, a Dra. Beatriz de Castro apontou o Ministério da Educação, a Escola e a Sociedade. A este propósito, teceu algumas considerações sobre os programas impostos pelo Ministério que, muitas vezes, não estão adaptados às necessidades e perfil de alguns alunos. Por outro lado, referiu-se à Escola como uma Instituição em que há normas e regras e em que, frequentemente, determinados alunos têm dificuldade em cumpri-las. Lembrou também que alguns professores, ao quererem impor a sua autoridade, desencadeiam atitudes de autoritarismo que prejudicam o ambiente relacional da sala de aula, não contribuindo para os processos de aprendizagem que levam ao sucesso. Deu ainda importância ao papel dos pais e da família na transmissão de valores, criticando a atitude de alguns encarregados de educação que se demitem da sua função, desautorizando a própria Escola, o que contribui para agravar focos de indisciplina. Ao equacionar o problema, a oradora identificou a negligência da sociedade como uma das causas do fenómeno em discussão.

Sabe-se que a indisciplina tem como consequência o insucesso escolar, impedindo um ritmo adequado das aprendizagens, perturbando o papel social da escola. Segundo a opinião da Dra. Beatriz de Castro é necessário prevenir a indisciplina fazendo cumprir regulamentos internos, estimulando um bom relacionamento entre professores, assistentes operacionais e alunos. Em suma, reconheceu a importância do envolvimento de todos os intervenientes: professores, alunos, encarregados de educação e assistentes operacionais.

Finalmente, a Diretora do Agrupamento de Escolas de Lordelo deu a conhecer, a título de exemplo, algumas medidas adotadas nas Escolas que dirige: código de conduta da sala de aula e da cantina, regulamento interno - deveres, classificação dos comportamentos... -, plano de melhoria, acolhimento dos alunos com problemas de indisciplina, papel do Diretor de Turma, reuniões semanais com os pais, atividades extracurriculares, formação de professores na gestão de conflitos, entre outras.

A oradora mostrou uma forte sensibilidade para as questões da indisciplina no processo educativo, reforçando a ideia de que “Quando há verdadeiros compromissos entre vários atores educativos, não há obstáculo que não seja superado com sucesso, que não seja alcançado”.

Por fim, foi dada a palavra à psicóloga, Dra. Sofia Lopes, que apresentou uma perspetiva detalhada sobre a violência no contexto escolar. Sublinhou

o trabalho de cooperação do Ministério da Saúde para a promoção da saúde mental dos alunos, a fim de impedir comportamentos de risco. Destacou a importância da implementação de projetos adequados a cada escola, tendo em atenção o perfil dos alunos.

No que respeita ao Serviço de Psicologia e Orientação, explicou que este se destina a ajudar os professores “numa lógica de consultadoria”. Do ponto de vista dos alunos, a Dra. Sofia Lopes deu ênfase à multidimensionalidade da violência em contexto escolar. Neste sentido, abordou o conceito de *bullying* ao qual está subjacente um processo de violência entre pares que persiste ao longo do tempo. A este propósito, indicou os vários intervenientes: agressor, vítima, seguidores, apoiantes, defensores e espectadores. Daí a importância de identificar situações de agressão, tendo em vista a sua desmontagem e prevenção.

Com base em indicadores considerados potenciais fatores de risco, evidenciou alguns deles: género, idade, características físicas, obesidade, baixa autoestima, instabilidade emocional, baixo nível socioeconómico..

Chamou, também, a atenção para situações de negligência social, uma vez que esta pode gerar situações de violência.

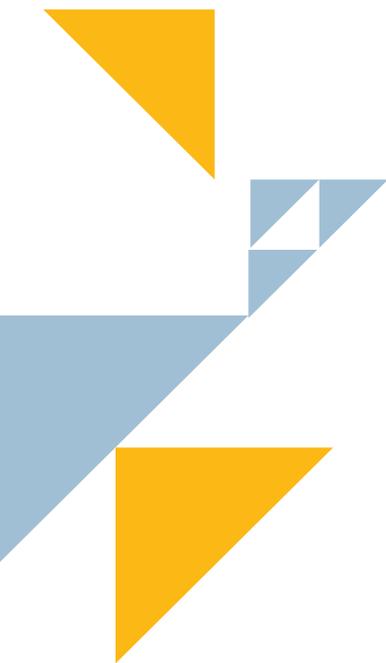
Expôs, ainda, algumas consequências de experiências de violência - autoestima diminuída, estados de ansiedade e depressão, ausências à escola, fobias estranhas -, alertando para os perigos das redes sociais em que a vulnerabilidade dos jovens pode ser aproveitada para procedimentos não aconselháveis.

Antes de terminar a exposição, a oradora mostrou que a violência no namoro pode, mais tarde, originar situações de violência doméstica. Para ilustrar a situação, a Dra. Sofia Lopes mostrou um pequeno filme cujos protagonistas - quatro rapazes e uma rapariga - evidenciaram, através das suas intervenções, comportamentos distintos em relação ao relacionamento com o género oposto. Tendo a escola um papel importante na promoção de uma convivência saudável entre rapazes e raparigas deve estar atenta a esta problemática.

Esta intervenção, apresentada de forma esclarecedora, permitiu uma reflexão sobre os valores que devem ser acautelados, uma vez que “as crianças de hoje são a nossa sociedade de amanhã”, como referiu a oradora.

Expostas as ideias dos conferencistas, seguiu-se um debate em que alguns elementos do público apresentaram questões pertinentes que foram esclarecidas de acordo com a sua especificidade.

Para além do debate, todos os participantes - oradores, moderador e público - tiveram oportunidade de apreciar dois excelentes momentos musicais executados pela violinista Suzana Lidegran e pela pianista Constança Lidegran Correia.





CELEBRAÇÃO DO DIA MUNDIAL DO LIVRO

Lasaleta Silva

▶ O Dia Mundial do Livro de 2016 foi celebrado no dia 23 de abril, no Auditório da Fundação A LORD.

O evento iniciou-se com umas breves palavras proferidas pelo Presidente da Fundação, Dr. Francisco Leal, que sublinhou o papel do livro como "... sinal de conhecimento, sabedoria e enriquecimento cultural.". Seguiu-se a entrega de certificados de formação profissional aos funcionários da Instituição que frequentaram as ações formativas *Noções Básicas de Higiene e Segurança no Trabalho - Eletricidade, Redes Inteligentes e Acolhimento e Encaminhamento*. Foi, ainda, apresentada pelo grupo de teatro LORDator Juvenil, a peça *Pai, Mãe, fomos assaltados!* de Luís Gonçalves.

Por último, foram entregues *Prémios de Mérito Escolar* aos 17 melhores alunos, no ano letivo 2014/2015, do Agrupamento de Escolas de Lordelo.

NOITE MÁGICA

CONCERTO

Donzília Martins

▶ No dia trinta de abril de 2016, a Fundação A LORD brindou-nos com mais um espetáculo do grupo *Ensemble Vocal de Freamunde* de fazer parar a respiração. As vozes e os sons entraram, cantaram e encantaram! Foi uma noite mágica!!!

Devido a um grave problema de saúde, há alguns meses que não me mimava com a diversificada e maravilhosa arte que esta Fundação põe ao serviço da cultura e da comunidade, ávida de coisas boas e belas da vida.

Como ainda não pudesse conduzir, convidei um casal amigo de Novelas, Penafiel, que me levasse ao espetáculo, pois não perderiam o seu tempo. Admirada, constatei que, residindo tão perto, sendo também animadores culturais da Associação Cultural Novelense, não conheciam esta maravilhosa Instituição. Nem o famoso grupo!

Depois da receção amistosa e simpatia com que foram recebidos; da bela noite de vozes fadadas para o encantamento, renderam-se ao encanto!

A sala estava completamente cheia, sinal que as pessoas aderem aos já habituais espetáculos, cientes da sua imemorabilidade.

Nos intervalos de cada atuação, o porta-voz do grupo animava a plateia com deliciosas ligações, fazendo a ponte com a música numa viagem pelo mundo. Assim, cada um pôde viajar pelos cinco continentes da Ásia à África, à América..., estacionando as vozes em cada canto com o canto português.

Foi ótimo! Foi lindo! Foram momentos de sonho e magia!...

Um género musical *Folk*, os gestos, as palavras, a imitação dos sons, os sorrisos, o dançar do corpo e da alma, tudo isso nos transportou para as mais altas esferas da arte e da poesia.

Não admira, pois, que tenham sido já vários os prémios ganhos por este grupo e os lugares alcançados ao longo da carreira dos seus curtos doze anos!

Parabéns *Ensemble Vocal de Freamunde!* Eu já vos conhecia de uma atuação na Câmara Municipal de Paços de Ferreira, mas fico cada vez mais presa ao vosso som e encanto.

Afinal!!! Meu caro apresentador, "O pato quando perde a pata fica coxo ou viúvo?!" Não fica coxo nem viúvo porque cantado por vós ganha asas e voa alto.

OBRIGADA Fundação A LORD por esta bela noite de sonho e magia e por contribuírem com o vosso empenho, génio e arte para o crescimento cultural de um povo!



MAREZIA

ESPETÁCULO BASEADO NA VIDA QUOTIDIANA DAS POVOAÇÕES COSTEIRAS PORTUGUESAS, RETRATADA EM CANÇÕES, DANÇAS E TRADIÇÕES RECOLHIDAS POR TODO O PAÍS

Carina Araújo

► Que título este, não é?

Quando viram anunciar este espetáculo, que foi representado pelo NEFUP, em que pensaram? Sonharam?

Eu! Sim... Viajei ao encontro dos meus cinco sentidos e ao reencontro da minha infância.

O meu coração palpitou, as minhas pupilas abriram como holofotes, os meus ouvidos escutaram atentamente, o meu olfato impulsivamente sentiu o aroma do sargaço e o palato salivou à procura da pitada de sal marítimo.

Maresia - Fundação A LORD e agora?

Expectantes ficámos “colados” às cadeiras do anfiteatro o tempo suficiente ou o tempo

apropriado. E enganem-se os mais céticos que o período de tempo passado surpreendeu:

- a nossa memória da faina no mar;
- os cantares típicos de um mundo de trabalho tão duro, característico e tão bem reconstruído e representativo de toda a costa Atlântica de Portugal;
- o cheirinho a sargaço, sim, esse cheirinho existiu, mesmo tão longe e tão perto que o palco foi pequeno.

Maresia - NEFUP

A forma como este magnífico grupo amador combinou a perícia e a delicadeza, não deixou indiferente qualquer apreciador do ofício da arte de representar

as nossas raízes culturais.

Um muito obrigado a cada um que se disponibilizou para representar e ao grupo que idealizou e convidou de forma carismática.

À Fundação A LORD parabéns por não só promover

como também divulgar o melhor que cada artista tem para oferecer...

Mar Acolhedor que **Reconquista a Essência Sentida na Infinita Arte** de acolher e disseminar a cultura.



E O MAR AQUI TÃO PERTO

ESPETÁCULO

Donzília Martins

► Pois é!

No dia 21 de maio, mais uma vez, me desloquei ao Auditório da Fundação A LORD para, de novo, me deliciar com as suas bem escolhidas e acertadas peças culturais.

Apesar do grande cansaço, foram vários os motivos que me impulsionaram a ir. O espetáculo, a cultura, a alegria, a vida, o lazer... Eu adoro a arte! Só a perco quando me é totalmente impossível a deslocação.

Sendo uma das principais personagens o Arrais, mestre do barco, um grande amigo (colega de curso do meu marido), o convite tornou-se irresistível. Não faltes! E não faltei!

Bem que o cansaço me pedia cama, mas os apelos tiveram mais força e venceram.

E valeu a pena, pois sabia que não ia perder o meu tempo.

Na verdade, são poucas as palavras para descrever um espetáculo daquela dimensão e profundidade - *Maresia*.

Mar chão, mar pão, mar vida, mar traição, mar luz, sol, magia, canção, azul, onda de neve, espuma e encantamento. Mas também morte e sepultura dos que o enfrentam procurando o amor e a vida.





Este espetáculo, baseado no quotidiano das povoações costeiras portuguesas, retrata, em canções e danças, todo um folclore de dor, sofrimento, sonhos, lutas e perdas.

Tradições, que recolhidas por todo o país por um grupo de estudantes universitários e licenciados, para que a vida se erga, se renove, se cante, se dance, se viva e dela não se perca um “cibinho” e nos traga novas lições para uma vida melhor.

Esta Associação Cultural Académica, o NEFUP, fundada em 1982, tinha e continua a ter como objetivo principal, a recolha, estudo e divulgação da etnografia e folclore português.

E que bem retratado foi este pedaço da vida do mar! Entremeados com uma linda história da princesa Lua para amenizar a dor, os trovões, as tempestades das muitas vezes que o mar se zanga. Ele serve de ponte, de serenidade, de beleza para o encantamento e encadeamento da poesia, do romântico luar das noites de lua cheia e das marés com que a lua atrai o mar.

Estas tradições e manifestações populares são uma chamada de atenção para as memórias coletivas, reproduzindo o mais fiel possível a nossa cultura etnográfica. Tudo me encantou e, com certeza, a todos os que faziam ou fizeram a casa cheia.

Este tema, *Maresia*, é-me particularmente gratificante!

Sendo mulher nascida na montanha, muitas vezes, o meu coração sonhou o mar...

Por isso, com a alma nos montes, trouxe o olhar da paixão para um vigésimo quinto andar na Póvoa de Varzim, em frente ao mar!

Aí, a todo o instante, vejo e ouço o som do mar, os pontos brilhantes que pontificam o mar da noite escura quando à tardinha os pescadores deixam a barra e vão mar dentro, mar fora, desvendando horizontes em busca da vida, muitas vezes, sem regresso.

Já não se veem as sargaceiras de saia arregaçada e ancinho ao ombro, desenhando e bordando tapetes de algas na areia dourada. Tenho delas saudades! Tudo se vai perdendo, daí a importância deste excelente trabalho de recolha.

As mulheres também já não puxam as cordas dos barcos...

Para que algo fique, restam estes pedaços de chão, de mar, de sal, de maresia, de vento, de redes, de tradição, de alma, de amor.

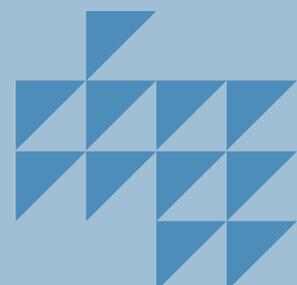
Também eu na minha montanha fiz o mesmo. Restaurei a casa onde nasci, vivi, cresci, amei e sonhei o mar. Onde eram as adegas, as lojas dos animais e a oficina de carpintaria do meu pai, fiz um pequeno mini museu etnográfico para que o meu espólio de saudade se não perca. Disso escrevi um livro, lindo, meio poesia, meio prosa poética, que pode ser consultado na Biblioteca da Fundação A LORD.

Nele retrato a alma das gentes transmontanas, a minha alma, o meu regresso à casa, ao lar, ao colo, ao chão, à terra, ao meu mar de trigo e de centeio, à luz, ao espólio de saudade e da vida.

A Fundação A LORD já nos habituou ao belo, ao maravilhoso e fantástico de qualquer forma de arte, realizando um excelente trabalho de difusão cultural, mentalizando as gentes locais e até dos mais afastados lugares, para o valor da cultura, para o entretenimento, para a aprendizagem, para a vivência de outras formas de vida, por vezes, mais amargas do que a nossa.

Parabéns NEFUP, por agarrarem as coisas e lhes soprarem vida e alma!

Obrigada Fundação A LORD, pela gentileza de me enviar o convite. Aqui fica o registo dos momentos irrepetíveis passados no Auditório da Fundação A LORD.



XVII ORFFLORD

ENCONTRO DE ORFEÕES

Ana Maria Cabral

► A música, que é formada pela combinação de vários sons e ritmos, deriva de uma organização prévia ao longo do tempo. É uma arte de representação e de espetáculo, é uma forma de linguagem e um meio de comunicação por excelência. A música, que é composta por três elementos: melodia, harmonia e ritmo, nunca será ruído ou cacofonia. Além do mais, é um fenómeno social que abrange todas as classes sociais, todas as raças, credos e idades.

Na música, pode integrar-se o Orfeão - grupo de pessoas que se dedicam ao canto coral; "Orpheon", cuja base etimológica "Orpheus" reside no latim, resultou no nosso conhecido Orfeu, personagem da mitologia grega e célebre poeta, que deu nome e inspiração tanto a correntes estéticas no Modernismo como aos próprios executantes e compositores de melodias ao longo de séculos.

Neste âmbito, realizou-se o *XVII OrffLORD*, no dia 25 de junho de 2016, com a participação do Orfeão da Fundação A LORD, Orfeão da Associação Cultural de Recardães e Coral Polifónico Queixumes de Hio.

O Orfeão da Fundação A LORD é composto por 27 elementos e interpreta música vocal diversa, à capela. Saliente-se a sua participação em eventos culturais organizados pela Fundação A LORD, entre outros, o *OrffLORD - Festival de Orfeões e Concertos de Páscoa e Natal*; esteve presente num memorável concerto realizado na cidade do Porto a 24 de junho de 2002, sob a direção do cónego Ferreira dos Santos; em abril de 2011, participou no *VIII Certame de Habaneras de Naran* (Espanha); em 2007, gravou um CD, registando aí o seu trabalho.

Através dos seus concertos, tem dado a conhecer a cidade de Lordelo e a sua Fundação.

Este orfeão foi fundado em 1998 e tem, desde essa data, como Maestro Manuel Luís Bovião Monteiro, possuidor de um vasto curriculum, já que, desde os 10 anos de idade, se dedicou à música, frequentando várias instituições: Conservatório de Música do Porto, XVIII Curso de Jovens Músicos, colaborou com a Banda de Música da Trofa, integrou a Orquestra de Câmara de Harpa, fundou a Tuna de Contabilidade do Porto, tendo-se deslocado várias vezes a países estrangeiros a convite de algumas associações musicais. Esta apresentação peca por parca, porque muito mais havia a acrescentar sobre este talentoso maestro.

No espetáculo musical que o *XVII OrffLORD* patrocinou, o repertório do Orfeão da casa foi o seguinte:

- Menina Estás à Janela - Vitorino Salomé / arr. Manuel Luís B. Monteiro
- O Milho da Nossa Terra - Tradicional / arr. Lopes Graça
- Coimbra - Raúl Ferrão e José Galhardo / arr. José L. Blasco
- Alma Llanera - Pedro Gutiérrez / arr. Ángel Sauce
- As Freiras de Sta. Clara - Tradicional / arr. J. Vicente Narciso
- Amanhã de Manhã - Doce / arr. Manuel Luís B. Monteiro

Como sempre, o Orfeão da Fundação A LORD esteve bem, à altura dos seus elementos e do seu maestro Luís Monteiro: afinados, harmoniosos, disciplinados, concentrados na música e atentos ao maestro. Foi um sucesso!





Orfeão da Associação Cultural de Recardães

Este orfeão foi fundado a 21 de novembro de 1986. É composto por 35 vozes mistas, sendo os seus elementos de diversas idades. É promotor e mentor de vários encontros musicais, estando também presente noutros, prestando prestimosa colaboração.

Dedica-se com zelo ao intercâmbio musical com coros de toda a Espanha e França, merecendo destaque especial os realizados com fins solidários: em 2005, a favor das vítimas do *tsunami* no Extremo Oriente; em 2006, em Valladolid, em apoio a crianças carenciadas da América Latina; em 2010, ao lado da Associação Achar, editando vários CDs.

Este orfeão tem como Maestrina Stanislava Pavlov que, desde 2009, assumiu a direção do mesmo, tendo criado, em 2014, o Coral Juvenil VocalArte. A Maestrina é licenciada em Pedagogia Geral Musical e professora de Solfejo e Educação Musical pela Academia das Artes da Universidade de Novi Sad, na Sérvia. Exerceu a profissão de professora de Música em escolas do Ensino Básico, aqui, no nosso País.

Neste espetáculo, o repertório apresentado e executado foi o seguinte:

- Medieval Glória - Vijay Singh
- Glória - Carole Stephens
- Kyrie Eleison - Audrey Snyder
- Ilhas de Bruma - Manuel Medeiros Ferreira
- Vejamos Bem - José Afonso
- Acordai - Fernando Lopes Graça
- Siyahamba - Canção tradicional Sul-Africana

Foi com gosto que se assistiu ao cantar afinado e ritmado deste Orfeão. Estão de parabéns!

Coral Polifónico Queixumes do Hio

Este coral foi fundado em abril de 1986, tendo sido como seu primeiro diretor Tucho Glez Molanes, seguindo-se-lhe António Davila (1994), Eduardo Mallo (1995 - 96) e Gena Balado (1997 - 2014); a partir desta data, a direção ficou a cargo de Emilio Gulin.

O seu repertório é vasto e abrange vários géneros musicais, tendo, de igual modo, criado várias peças musicais, como o Hino da Equipa Local - F. C. Cruzeiro e a melodia David Cal. Tem atuado em vários locais da Galiza, Astúrias e Portugal, para além de participações na televisão. Ao longo dos tempos, tem sido agraciado com vários prémios.

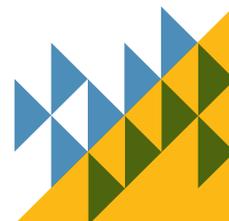
Pertence à Federação e organiza todos os anos concertos em regime de intercâmbio cultural, participando em festivais beneficentes.

Emilio Gulin Hermida, atual diretor deste coral, estuda Solfejo e Canto no Conservatório de Pontevedra. Participa em vários cursos de música em Santiago de Compostela e faz parte, como solista, do Coro do Liceu Vila Garcia. O repertório apresentado por este coro foi o seguinte:

- Te Quiero - M. Benedetti / A. Favero / L. Cangiano
- Muñequita Linda - Maria Grever
- Rosina - Harm. Gonzalo Casielles
- Flor Tropical - F. A. Rey Rivero
- Torrevieja - Ricardo Lafuente

Este coro cantou e encantou. Terminada a atuação, a plateia aplaudiu-o efusivamente.

De pé, batendo palmas, o público agradeceu o maravilhoso espetáculo com que os três coros nos brindaram. A Música esteve presente no seu esplendor!



HOMENAGEM AO VENCEDOR DA VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA 2016 RUI VINHAS

Lasalete Silva



► O Vencedor da Volta a Portugal em Bicicleta de 2016, Rui Vinhas, foi homenageado no dia 10 de setembro, em Lordelo, Paredes.

Este atleta iniciou a sua formação no ciclismo aos 12 anos, revelando, desde então, boas aptidões nesta área. Do seu currículo destaca-se a sua participação nos seguintes clubes/equipas: Clube de Ciclismo de Paredes, aos 25 anos; Louletano/Dunas Douradas, aos 26 anos; W52/Quinta da Lixa/Jetclass, aos 29 anos, e W52/FCPorto/Porto Canal, aos 30 anos (nesta equipa, viria a vencer a *Volta a Portugal* de 2016). Com a mesma idade, obteve o 1.º lugar no 2.º Grande Prémio Ribeiro da Silva, em Lordelo, Paredes.

A sessão de homenagem, realizada na Fundação A LORD, foi moderada por José Vinha e teve como intervenientes: Francisco Leal, Presidente da Fundação A LORD; Rui Vinhas, vencedor da Volta a Portugal; Nuno Ribeiro, Presidente e Diretor Desportivo da W52/FCPorto/Porto Canal; Elías Barros, Diretor da Equipa de Ciclismo da

W52/FCPorto/Porto Canal; Joaquim Andrade, Presidente da Associação de Ciclistas Profissionais.

Ao longo da sessão, foram partilhadas experiências e visionados vídeos ligados à 78.ª edição da volta.

A cerimónia terminou com a oferta, à Fundação A LORD, da camisola amarela, pelo ciclista, e da camisola oficial da equipa W52/FC Porto/PortoCanal, pelo seu Diretor. Por sua vez, o Presidente da Fundação presenteou o ciclista com um relógio, como reconhecimento da sua vitória.

No início e no final do evento, foi possível apreciar uma pequena mostra dos prémios obtidos pelo atleta, das camisolas usadas ao longo da sua carreira e de bicicletas utilizadas na *Volta a Portugal*. Houve, ainda, oportunidade de observar uma das bicicletas pertencentes ao grande ciclista lordelense, Ribeiro da Silva.



UM OLHAR SOBRE OS 20 ANOS DA FUNDAÇÃO A LORD 1996 / 2016

EXPOSIÇÃO DOCUMENTAL

Ana Maria Martins

▶ A exposição “Um olhar sobre os 20 anos da Fundação A LORD” deu a conhecer a todos os visitantes o percurso da Instituição desde a sua fundação.

Esta mostra documental organizou-se a partir das 24 publicações da revista “Presença” - editada pela primeira vez em 1998 -, testemunhando as atividades desenvolvidas desde então.

Apresentou-se o historial da Fundação através dos livros editados, cartazes, fotografias e outros documentos que, em forma de arquivo, lembraram o papel da Instituição, no passado e no presente. As mesas e os painéis das salas de exposição serviram de suporte à multiplicidade de documentos e objetos, dispostos de forma cronológica, tornando-os legíveis.

O público reconheceu, deste modo, os eventos mais importantes - exposições, conferências, concertos, espetáculos de teatro e dança, visitas culturais - marcas do património cultural da Fundação, pertencentes, já, à memória coletiva da região.

A título de exemplo, destacam-se algumas exposições organizadas pela Fundação A LORD: “Lordelo, Património e Identidade”; “Esculturas de Agostinho Moreira”; “Trajes Populares de Lordelo”; “Energias Renováveis”, com o apoio e presença da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Departamento de Mecânica da Faculdade de Engenharia do Porto, Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores, Instituto de Engenharia Mecânica e Gestão Industrial, Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação, Efacec, EDP Produção, Iberdrola, Endesa, Martifer Solar, Vestas Portugal, Centro de Monitorização e Interpretação Ambiental de Vila do Conde, Bifase e Cooperativa de Electrificação A LORD, CRL.; “Rota do Românico do Vale do Sousa - uma experiência fundada na História”, em parceria com a Rota do Românico do Vale do Sousa; “À Descoberta da Cooperativa A LORD”; “O Mundo dos Insetos”, com o apoio do Museu de História Natural da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto; “Uma Ilustração Muitas Histórias” de Marta Neto; “Svoboda - A Liberdade Comum” de Filipe Rodrigues; “Nome de Guerra, a Viagem de Junqueiro”, com o apoio do Professor Doutor Henrique Manuel Pereira da Escola das Artes da Universidade Católica do Porto; “Uma Retrospectiva Recente” de Levi Guerra; “A Magia das Máscaras - máscaras e rituais do nordeste transmontano”, com a colaboração de A. Pinelo Tiza, Presidente da Direção da Academia Ibérica da Máscara; “Arte Sacra - Património da Paróquia de São Salvador de Lordelo”, com o apoio da Paróquia de São Salvador de Lordelo; “Homenagem ao Ciclista Ribeiro da Silva - o Português Voador”, com o apoio da família do Ciclista e do Académico Futebol Clube; “O Linho: Cultivo, Transformação e Utilização”, com o apoio de várias entidades coletivas e individuais, entre elas o “Museu do Linho” de Marrancos, Vila Verde; “Percursos” de Maria José Caraméz; “Outro Modo de Escrita”, com o apoio da Editora Tcharan; “Desenho e Escultura do Mestre José Rodrigues”, com o apoio da Fundação Escultor José Rodrigues.



No que respeita a conferências, apontam-se os debates sobre as seguintes temáticas: “As Energias Renováveis no Quadro de uma Nova Realidade”, proferida pelo Engenheiro Carlos Tello Sousa; “Alimentação Saudável” pela nutricionista Dra. Cecília Morais da Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação da Universidade do Porto e pela especialista em alimentação vegetariana, Olívia Santos; “A Medicina e a Arte” pelo Professor Doutor Serafim Guimarães; “Nome de Guerra, a Viagem de Junqueiro” pelo Professor Doutor Henrique Manuel Pereira; “A Venturosa Presença dos Idosos na Sociedade” pelo Professor Doutor Levi Guerra; “A Família, Hoje!” pelo Professor Doutor Daniel Serrão; “Doenças Malignas do Sangue” pela Professora Doutora Isabel Leal Barbosa e pelo Professor Doutor Herlander Marques; “Violência na Sociedade - debater para intervir” pelo Professor Doutor Levi Guerra, pela Dra. Beatriz de Castro e pela Dra. Sofia Lopes.



Sublinha-se, ainda, a importância da edição de algumas obras: “Eu e os Outros: diário - memória 7.º tomo” de António Mendes Moreira; “O Mercado Feira de Lordelo” de Donzília Martins; “Duas Torres Senhoriais do Vale do Sousa” de Ana Maria da Costa Oliveira; “A Cooperativa de Electrificação A LORD” de Lasalette Silva; “O Director de Turma e o Abandono Escolar” de Beatriz Moura de Castro; “À Descoberta da Cooperativa A LORD” de Lasalette Silva; “Uma Ilustração Muitas Histórias”, concurso de escrita criativa, a partir das ilustrações de Marta Neto; “Fiel / Na Feira da Ladra (História de um Piano)” de Guerra Junqueiro - organização, estudo e notas de Henrique Manuel Pereira; “À Volta da Poesia” de Fernanda Matias, Maria da Conceição Silva e Maria Fernanda Amorim; “Autismo e Atraso de Desenvolvimento” de Miguel Correia; “Ribeiro da Silva - O Português Voador” de José Magalhães Castela.

Este trabalho não se concentrou apenas nas exposições, nas conferências e nas edições realizadas ao longo dos 20 anos da existência da Fundação A LORD, mas também na apresentação de outros eventos realizados pelos diversos departamentos desta Instituição - Auditório, Biblioteca, Cooperação, Escola de Artes, Formação e Museu.

Esta mostra permitiu ao público compreender, em retrospectiva, a linha evolutiva das atividades culturais e sociais da Fundação A LORD.

PARABÉNS A VOCÊ...

Odete Mendes

▶ A 3 de dezembro de 2016, a Fundação A LORD fez 20 anos e está, portanto, de parabéns. Mas, ao contrário do que manda a tradição, foi a aniversariante que nos ofereceu uma prenda a nós, com uma magnífica retrospectiva do seu vasto trabalho.

Quem não sabia, pôde admirar-se com as diversas áreas em que A LORD se notabiliza, apesar de ser uma Fundação sem apoio estatal. Assim, pudemos ver várias das suas áreas de atuação, umas mais visíveis do que outras, como, por exemplo, o trabalho com a rede elétrica de Lordelo, a história da Fundação, a formação de adultos e de crianças, o desenvolvimento artístico com várias exposições de pintura (associadas à edição colorida de obras representativas), um grupo de teatro para várias idades, um coro, uma orquestra e uma escola de música que apresentam já uma qualidade a salientar, etc.

Damos um destaque particular à capacidade da Fundação de agregar colaborações externas para conferências/palestras/exposições de temáticas por vezes inesperadas, como foi o caso da exposição “Lordelo aberto ao mundo: o artesanato dos Yanomami” que alargou a cultura da cidade ao que se passa no mundo.

Finalmente temos a acrescentar os espetáculos de tipo diversificado, de entretenimento ou mais especificamente cultural, mas sempre em prol da comunidade lordelense e outras.

Para a sistematização e memória futura deste vasto e importante trabalho, muito contribuiu a revista Presença com participação de pessoas de várias idades e áreas de formação, sobretudo de gentes de Lordelo, mas também de outras que têm aprendido a amar a cidade e a sua Fundação.



NÃO SEI O QUE O AMANHÃ TRARÁ

TEATRO DE MARIONETAS

Ana Maria Martins

▶ A peça de teatro de marionetas “Não Sei o que o Amanhã Trará”, apresentada pela Companhia de *Teatro Limite Zero Associação Cultural*, no Auditório da Fundação A LORD, em 24 de setembro, deu-nos a conhecer, de forma imaginativa, algumas facetas da vida do poeta Fernando Pessoa.

O título da peça “Não Sei o que o Amanhã Trará” inspira-se na última expressão dita em inglês pelo poeta antes de morrer. A incerteza, a mágoa e o “desassossego” existencial do poeta emergem ao longo da peça através de alguns dos seus poemas. Assim, as marionetas apresentam-se como instrumentos mediadores entre os textos “ditos” e os espectadores.

A peça inicia-se com o barulho de crianças que brincam no exterior. Essa percepção auditiva anima a marioneta que representa Fernando Pessoa e, de imediato, somos transportados para um mundo infantil evocado no belíssimo poema *Quando as crianças brincam*:

Quando as crianças brincam
E eu as oiço brincar,
Qualquer coisa em minha alma
Começa a se alegrar.

E toda aquela infância
Que não tive me vem,
Numa onda de alegria
Que não foi de ninguém.

Se quem fui é enigma
E quem serei visão,
Quem sou ao menos sinto
Isto no coração.

Adivinha-se, assim, a evocação e a nostalgia da infância do poeta.

A apresentação é feita por uma personagem sombra saída do baú de memórias. É ela que aponta as características físicas de Fernando Pessoa: desconchavado, tronco curvado, não muito alto, pernas altas, escanzeladas e magricelas. O sonho e a realidade fundem-se. Ao longo da peça, descobrem-se as suas características psicológicas: solitário, melancólico, triste, cansado de pensar...

Os pregões e o ladrar de um cão contextualizam o ambiente em que a personagem viveu na infância.

Salienta-se, ainda, a importância da música como suporte dos poemas “A fada das crianças” e “Os ratos” que acentuam a atmosfera evocativa da infância. No primeiro caso, a música antecipa e acompanha o poema:

Do seu longínquo reino cor-de-rosa,
Voando pela noite silenciosa,
A fada das crianças, vem, luzindo.
Papoulas a coroam, e, cobrindo
Seu corpo todo, a tornam misteriosa.

À criança que dorme chega leve, e, pondo-
-lhe na fronte a mão de neve,
Os seus cabelos de ouro acaricia -
E sonhos lindos, como ninguém teve,
A sentir a criança principia.

No segundo caso, a apresentação do poema “Os ratos” deixou a assistência perplexa pela qualidade imaginativa das marionetas de dedos que simulam o dedilhar num piano, do qual saem notas que marcam o ritmo do poema:

Viviam sempre contentes,
No seu buraco metidos,
Quatro ratinhos valentes,
Quatro ratos destemidos.

Despertaram certo dia
Com vontade de comer,
E logo à mercearia
Dirigiram-se a correr.

O primeiro, o mais ladino,
A uma salsicha saltou,
E um bocadinho pequenino
Dessa salsicha papou.

Eu choro do rato a sina,
Que a tal salsicha matou,
Por causa da anilina
Com que alguém a coloriu.

O segundo, coitadinho,
À farinha se deitou,
E comeu um bocadinho,
Um bocadinho bastou.

Após comer a farinha
Teve ele a mesma sorte,
Pois o alúmen que ela tinha
Conduziu-o assim à morte.

O terceiro, pra seu mal,
Gotas de leite sorveu,
Mas o leite tinha cal;
Foi por isto que ele morreu.





O quarto, desmiolado,
A negra morte buscou,
E julgou tê-la encontrado,
Quando o veneno encontrou.

E sorvendo sublimado,
Enquanto este gastava,
(Agora invejo-lhe o fado),
O feliz rato engordava.

É só cá neste terreno,
Que caso assim é passado -
Até o próprio veneno
Já fora falsificado!

Foi possível também identificar o sentimento do poeta na incapacidade de “sentir” perante a sua amada Ofélia, deixando a nu o conflito da não correspondência amorosa, como atesta o seguinte diálogo: “... eu gosto das suas cartas que são meiguinhas e também gosto de si que é meiguinha também, a bebé deve escrever-me sempre mesmo que eu não escreva...”.

Para além destes fragmentos poéticos, o poema “Para onde vai a minha vida e quem a leva?” dá conta da inadaptação do Fernando Pessoa à vida e da sua incapacidade de agir e contrariar o destino.

Para onde vai a minha vida e quem a leva?
Por que faço eu sempre o que não queria?
Que destino continuo se passa em mim na treva?
Que parte de mim, que eu desconheço, é que me guia?

O meu destino tem um sentido e tem um jeito,
A minha vida segue uma rota e uma escala
Mas o consciente de mim é o esboço imperfeito
Daquilo que faço e sou: não me iguala.

...

Na parte final da peça, o público teve ainda oportunidade de ouvir Álvaro de Campos, um dos heterónimos do poeta, que diz, com grande expressividade, o poema “Os galos cantam e estou bebedíssimo”.

Os galos cantam e estou bebedíssimo.
Não fiz nada da vida senão tê-la.
Mal amei, bebi bem, sonhei muitíssimo.
Minha intenção não foi a minha estrela.

Os galos cantam e eu cada vez mais
Absorto no disperso que o álcool dá.
Curara-me talvez a vida, ou saís,
Ou poder crer, ou desejar o que há.

Cantam tantos tão galos que me irrita
Que a noite que ainda dura possa ser.
Mas virá o dia, e, ao fim da parte escrita,
A morte marra e eu deixo-me colher.

O poema traduz a procura de uma solução para a vida através do álcool. Note-se que a marioneta que representa Álvaro de Campos traz consigo uma garrafa, símbolo da bebida.

Em contraponto, visualiza-se a presença da Ofélia que chama a atenção para a vida desregrada do poeta.

Face ao que se expôs neste espetáculo, à luz dos poemas ditos e transcritos neste texto, fica-se com a ideia de que Fernando Pessoa foi um magnífico poeta centrado no seu mundo subjetivo que o impediu de desfrutar a vida em plenitude.

OUTUBRO MUSICAL ORFEÃO DA FUNDAÇÃO A LORD E FADOS DE COIMBRA

CONCERTOS

Ana Maria Martins

▶ Para marcar o evento “Outubro Musical” apresentaram-se, nos dias 8, 22 e 29 de outubro, no Auditório da Fundação, o Orfeão e a Orquestra da Fundação, bem como o Grupo de Fados “Memórias de Coimbra”.

O Orfeão, dirigido pelo maestro Manuel Luís Bovião Monteiro, deu a conhecer um repertório variado através da interpretação de temas de caráter litúrgico que remontam aos séculos XVI e XVII - Miserere de Antonio Lotti e *Agnus Dei* de Hans Leo Hassler... -, passando por temas tradicionais portugueses - *Menina estás à janela* de Vitorino Salomé, arranjo de Manuel Luís B. Monteiro, *O milho da nossa terra*, arranjo de Fernando Lopes-Graça... -, trazendo ainda à memória temas de bandas sonoras de filmes, tais como *When You Believe* do filme *The Prince of Egypt* e *The Lion Sleeps Tonight* do filme *The Lion King*.

A assinalar o fim do evento, contou-se com a participação do Grupo de Fados “Memórias

de Coimbra”, constituído por antigos estudantes das Universidades de Coimbra, Porto e Minho, cuja expressiva interpretação deu voz e musicalidade aos belíssimos poemas apresentados. O seu coordenador, Paulo Sampaio, através de alguns comentários prévios, permitiu ao público compreender a evolução natural da canção de Coimbra. Deste modo, ao longo do concerto, foram recordados diversos fados, baladas e variações que evocam a vida estudantil de Coimbra, destacando-se alguns poetas e músicos de renome.

Ouviu-se: *Valsa triste* - que indica que a serenata vai começar - de Gonçalo Paredes, autor do início do séc. XX; *Canção com lágrimas*, poema de Manuel Alegre e melodia de Adriano Correia de Oliveira; *Capa negra, rosa negra*, letra de António Portugal; *Lá menor* de João Bagão; *É preciso acreditar*, poema de Leonel Neves e música de Luiz Goes; *Coimbra*

tem mais encanto de Fernando Machado Soares, entre outros.

Os programas dos dois concertos foram bem estruturados, possibilitando ao público a percepção, em termos musicais, de um conjunto de temas variados

que fazem parte da história da música tradicional portuguesa. A receptividade da assistência foi muito positiva, visível nos momentos de aplauso, justificando, assim, a continuidade ao evento “Outubro Musical”.

OUTUBRO 2016
21H30

**AUDITÓRIO
FUNDAÇÃO
A LORD**

**OUTUBRO
MUSICAL**

DIA 8
SONORIDADES DA MÚSICA CORAL
ORFEÃO DA FUNDAÇÃO A LORD

DIA 22
ORQUESTRA DA FUNDAÇÃO A LORD
PARTICIPAÇÃO DO CLARINETISTA
FREDERIC CARDOSO

DIA 29
FADOS DE COIMBRA
GRUPO MEMÓRIAS DE COIMBRA

ENTRADA LIVRE
COM RESERVA DE LUGARES
ATE AO LIMITE DA LOTAÇÃO DA SALA

AUDITÓRIO DA FUNDAÇÃO A LORD
RUA DA BOVATELA, 27 | 3000-080 LISBOELA PARQUE
TEL. 224 447 267 | 224 514 885
WWW.FUNDAÇAOALORD.PT | EMAIL@FUNDAÇAOALORD.PT

ALORD
Fundação

Ferraz & Borne

ORQUESTRA DA FUNDAÇÃO A LORD

CONCERTO

Odete Mendes

▶ Foi com este título tão sugestivo que a Fundação A LORD propôs aos seus frequentadores habituais (e não só) um outono especial.

No dia 22 de outubro de 2016, a sua Orquestra apresentou-se ao público no grande e ótimo auditório que, como é habitual, estava cheio. Um grupo constituído por muitos instrumentos de sopro e alguns de cordas foi dirigido pelo Maestro Rui Leal e teve como convidado especial Frederic Cardoso, clarinetista,

que, para além do seu virtuosismo, agarra a atenção do público com uma quase constante teatralidade - tocava em pé, continuava num sofá, punha um chapéu, tirava o chapéu...

Mas vamos ao espetáculo.

A Orquestra começou com *Los Barbas* de Ferrer Ferran. A mim sugeriu-me, frequentemente o cantar dos pássaros. Claro que só podia gostar...

Seguiu-se, do mesmo autor, *The Castle of Dr. BassClar*, já com Frederic Cardoso como so-

lista e em estreia nacional. Para quem não é especialista, como é o meu caso, fez-me criar uma adivinha: o que é que é / que parece mas não é? O clarinetista toca clarinete, não é verdade? Mas o emérito Frederic Cardoso apresentou-se com um enorme clarinete baixo que chegava ao chão e que parecia um enorme... saxofone!

Depois, uma surpresa... Temos visto música feita com os mais diversos objetos, desde colheres de chá a bidons velhos.

A Orquestra da Fundação A LORD apresentou-nos *Eli, Eli* de Luís Cardoso, com música feita com... sacos de plástico.

De seguida, voltamos à música mais tradicional, com a Sinfonia n.º 2 de John Barnes Chance e, para finalizar numa forma animada, *The Greatest Hits*, um arranjo de Diogo Costa que pôs toda agente a cantar...

Podemos agradecer à Fundação A LORD mais uma noite muito bem passada!

MULHERES

TEATRO

Ana Maria Martins

► A peça “Mulheres”, apresentada no Auditório da Fundação A LORD a 26 de novembro, cuja autoria e encenação pertencem a Laura Ferreira, põe em cena quatro personagens femininas: Ana, Olívia, Maria e Regina. Cada uma delas faz a sua própria apresentação através da revelação das suas preferências, vulnerabilidades e referência às atividades profissionais que desempenham. O fio condutor da peça desenvolve-se mostrando as relações entre mãe, filha, tia e amiga.

A mãe Ana, advogada, relaciona-se em tensão, por vezes conflituosa, com a filha Regina, estudante. O diálogo entre elas põe a nu a carência afetiva da mãe que procura no *facebook* o preenchimento para o seu vazio; a filha, que refere a falta da presença do pai no dia a dia, dá-nos conta das vivências atuais da juventude.

Assiste-se, também, às confidências das restantes personagens que ajudam a compreender as circunstâncias da vida – “alegrias, singularidades, triste-

zas, desilusões” – e à forma positiva de as ultrapassar, recorrendo ao sonho como a forma de nos projetarmos para o futuro. O caso paradigmático da doença da Ana torna o tema da peça mais próximo das experiências de todos nós. E, surpreendentemente, do tom dramático, expresso pela protagonista, surge uma personagem cuja atuação nos conduz para energias positivas perante o drama.

É de realçar a música que acompanha o desenrolar da peça e imprime o ritmo da sequência dos diálogos, traduzindo as diversas emoções das personagens que, por sua vez, são transmitidas ao público.

No que se refere aos cenários, assiste-se a uma montagem simples e atual que permite aos atores movimentarem-se no palco de forma especial e eficaz.

Perante a evidência do trabalho do Grupo Cultural e Recreativo da Retorta, o público aplaudiu com entusiasmo, confirmando o princípio de que o teatro obriga a refletir, por vezes, através do riso.



XX ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO A LORD XVI ANIVERSÁRIO DA BIBLIOTECA DA FUNDAÇÃO A LORD

Lasaleta Silva

► A comemoração do XX Aniversário da Fundação A LORD e XVI Aniversário da Biblioteca realizou-se, no dia 3 de dezembro, com a apresentação das peças de teatro *Uma espécie de assalto* de Alan Balbino e *A ovelha negra* de Giuliano Freitas pelo grupo de teatro LORDator Juvenil.

De seguida, o presidente da Instituição, Dr. Francisco Leal, teceu algumas palavras de agradecimento pela participação dos presentes no evento.

No final, o público foi presenteado com pequenas lembranças.



PIRMIN TREKU 2016

BAILADO

Ana Silva

► No dia 17 de dezembro, a Fundação A LORD encerrou a sua programação de 2016 com a apresentação de um espetáculo de dança da Academia Pirmin Treku do Porto.

Esta escola iniciou a sua atividade em 1963, na cidade do Porto, sob a mestria do bailarino e coreógrafo basco Pirmin Treku, tendo um longo e reconhecido historial de ensino de ballet clássico.

A apresentação consistiu em duas partes onde, além do repertório, a escola apresentou também coreografias originais.

A primeira parte foi puramente clássica, iniciando-se com a demonstração de exercícios de barra. Seguidamente, foram dançados alguns solos adaptados de excertos de bailados clássicos como “A dança das flores” do bailado “Quebra-Nozes” e “A morte do cisne” do “Lago dos Cisnes”.

A segunda parte consistiu da apresentação de três coreografias originais de diferentes estilos de dança, tendo o espetáculo terminado com um *Port de bras* ao som do cantor Camané.

Como vem sendo uma constante, o público aderiu a mais esta iniciativa, aplaudindo as bailarinas, de pé, no final do espetáculo.

Biblioteca

O papel social e cultural das bibliotecas no século XXI

Já aqui discorremos sobre a importância da leitura para a formação de cidadãos com competências leitoras e que demonstrem capacidades críticas, autónomas e interventivas, de forma a exercer plenamente o seu dever e direito de cidadania.

Espaço de democratização, a biblioteca de serviço público deve nivelar as desigualdades sociais e culturais existentes, promovendo o acesso a toda a informação, dinamizando o contacto com o livro, oferecendo oportunidades de aprendizagem, garantindo o acesso a equipamentos e sistemas informáticos e salvaguardando a identidade cultural num mundo em rápida mudança.

Cada vez mais, a sociedade procura satisfazer as suas necessidades através da informação online. A valorização exagerada, ou melhor, exclusiva, da informação encontrada na Internet (muitas vezes impressa diretamente, sem retoques, críticas ou comparações) pode prestar um mau serviço à educação e ao conhecimento. É a substituição do

conhecimento pela informação. A Internet deve ser um instrumento nosso e não o contrário.

Por isso, o livro continua a ser um meio importante de proporcionar informação e conhecimento, mas também prazer e distração.

Temos consciência de que, infelizmente, em muitas famílias, o contacto com o livro ainda não acontece e a exclusão digital é real.

Assumindo-se como um espaço comunitário, a nossa biblioteca promove diversas iniciativas culturais e projetos de animação/promoção da leitura diversificados, sistemáticos e articulados com as escolas e as famílias e proporciona a todos o acesso à leitura e às novas tecnologias da informação.

Ler um jornal, uma revista ou um livro, pesquisar em fontes diversificadas, aceder à internet ou participar em iniciativas culturais são razões aliantes para uma visita à Biblioteca da Fundação A LORD.

Maria da Graça Mourão



HISTÓRIAS DE ENCANTAR TEATRO DE FANTOCHES



► Um dos nossos objetivos primordiais é estimular o hábito de ler nas crianças, para que possam aprender desde pequenas que a leitura é algo importante e agradável.

Ao longo deste ano, cerca de 1700 meninos de infantários e escolas básicas dos concelhos de Paredes, Paços de Ferreira, Valongo e Penafiel sentiram a magia das **Histórias de Encantar** e a sedução das personagens das histórias apresentadas no **Teatro de Fantoches**.

Como habitualmente, estas atividades decorreram nas nossas instalações, com exceção dos meses de novembro e dezembro em que, por impossibilidade de assegurarmos o transporte das crianças inscritas, a nossa equipa de animação se deslocou aos respetivos centros escolares.

As atividades plásticas foram sempre um complemento presente nestes encontros, estimulando a imaginação e a criatividade.

À saída, para mais tarde recordar, o registo da visita numa fotografia de grupo.



► Divulgar os escritores e a sua obra bem como as novidades mensais disponibilizadas pela Biblioteca a leitores de todas as faixas etárias, no sentido da promoção da leitura e do alargamento cultural, é outro dos nossos principais objetivos.

ESCRITOR DO MÊS

Janeiro:
Svetlana Aleksievitch

Fevereiro:
Pedro Chagas Freitas

Março:
Rosa Alice Branco

Abril:
Bruno Vieira Amaral

Maió:
Hélia Correia

Junho:
José Régio

Julho:
Vitorino Nemésio

Agosto:
Vergílio Ferreira

Setembro:
Nuno Júdice

Outubro:
Mia Couto

Novembro:
Raduan Nassar

Dezembro:
Alice Vieira



O LEITURAS SUGERE...

Janeiro:
O coelho das neves
| Christophe Cazenove

Fevereiro:
A rapariga rebelde
| Enid Blyton

Março:
Conversas com versos | Maria
Alberta Menéres e Géninha
Melo e Castro

Abril:
Mondagró: A grande prova
| Ana Galán

Maió:
Trincas - O monstro dos livros
| Emma Yarlett

Junho:
O livro dos dias
| José Jorge Letria

Julho:
O rapaz milionário
| David Walliams

Agosto:
O adeus a Zoë | Alyson Noël

Setembro:
Para maiores de dezasseis
| Ana Saldanha

Outubro:
O menino que não gostava de
sopa | Cidália Fernandes

Novembro:
O voo do golfinho | Ondjaki

Dezembro:
Laura à procura do Pai Natal
| Klaus Baumgart



UM POEMA

- Mensalmente, publicamos um poema, no nosso blog.
Aqui deixamos alguns dos selecionados este ano, para fruição dos leitores.

PLANO

Trabalho o poema sobre uma hipótese: o amor que se despeja no copo da vida, até meio, como se o pudéssemos beber de um trago. No fundo, como o vinho turvo, deixa um gosto amargo na boca. Pergunto onde está a transparência do vidro, a pureza do líquido inicial, a energia de quem procura esvaziar a garrafa; e a resposta são estes cacos, que nos cortam as mãos, a mesa da alma suja de restos, palavras espalhadas num cansaço de sentidos. Volto, então, à primeira hipótese. O amor. Mas sem o gastar de uma vez, esperando que o tempo encha o copo até cima, para que o possa erguer à luz do teu corpo e veja, através dele, o teu rosto inteiro.

Nuno Júdice, in "Poesia Reunida"

CAI A CHUVA ABANDONADA

Cai a chuva abandonada
à minha melancolia,
a melancolia do nada
que é tudo o que em nós se cria.

Memória estranha de outrora
não a sei e está presente.
Em mim por si se demora
e nada em mim a consente

do que me fala à razão.
Mas a razão é limite
do que tem ocasião

de negar o que me fite
de onde é a minha mansão
que é mansão no sem-limite.
Ao longe e ao alto é que estou
e só daí é que sou.

Vergílio Ferreira, in 'Conta-Corrente 1'

POEMA AOS HOMENS CONSTIPADOS

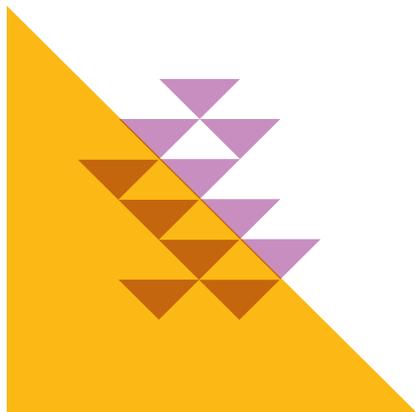
"Pachos na testa, terço na mão
Uma botija, chá de limão
Zaragatoas, vinho com mel
Três aspirinas, creme na pele
Grito de medo, chamo a mulher
Ai Lurdes, Lurdes, que vou morrer
Mede-me a febre, olha-me a goela
Cala os miúdos, fecha a janela
Não quero canja, nem a salada
Ai Lurdes, Lurdes, não vales nada
Se tu sonhasses, como me sinto
Já vejo a morte, nunca te minto
Já vejo o inferno, chamas diabos
Anjos estranhos, cornos e rabos
Vejo os demónios, nas suas danças
Tigres sem listras, bodes de tranças
Choros de coruja, risos de grilo
Ai Lurdes, Lurdes, que foi aquilo!
Não é a chuva, no meu postigo
Ai Lurdes, Lurdes, fica comigo
Não é o vento, a cirandar
Nem são as vozes, que vêm do mar
Não é o pingo de uma torneira
Põe-me a santinha, à cabeceira
Compõe-me a colcha, fala ao prior
Pousa o Jesus, no cobertor
Chama o doutor, passa a chamada
Ai Lurdes, Lurdes, nem dás por nada
Faz-me tisanas, e pão-de-ló
Não te levantes, que fico só
Aqui sozinho a apodrecer
Ai Lurdes, Lurdes que vou morrer."

António Lobo Antunes, in Letrinhas de Cantigas (canções) 2002

PASSOS SEM MEMÓRIA

Olho pela janela e não vejo o mar. As gaivotas andam por aí e a relva vai secando no varal. Manhã cedo, o mar ainda não veio. Veio o pão, veio o lume e o jornal. A saliva com que te hei-de dizer bom dia. As palavras são as primeiras a chegar. O que fica delas amacia o papel. Pão quente com o sono de ontem e os sonhos de hoje. Prepara-se o dia, os passos de ir e vir. Estou cada vez mais perto. Olhas-me como se soubesses o que hei-de saber mais logo. Nesta cidade nunca é meio-dia. Há sempre uma doçura de outras horas. E recordações avulsas. Deixa-as sair de dentro do vestido, deixa soltar as ondas do mar. A janela está vazia. O meu filho caminha na praia e tu soletras as gaivotas. Caminha à minha frente sem deixar pegadas. Perco-me como todas as mães, todos os amantes. Invento passos e palavras para adormecer. A esta hora a minha avó enrolava o rosário nas mãos. Eu estava dentro das contas, dentro do sono que rondava a prece. Durante muito tempo estive fora. Agora caminhamos juntos. Sem memória.

Rosa Alice Branco, in Soletrar o Dia. Obra Poética



DIA MUNDIAL DO LIVRO

► A Biblioteca da Fundação A LORD comemorou esta efeméride com um espetáculo realizado no Auditório, no dia 23 de abril.

Após a abertura da sessão pelo Presidente da Fundação A LORD, Dr. Francisco Leal, teve lugar a entrega dos Certificados de Formação Profissional atribuídos aos funcionários que frequentaram cursos promovidos pela Fundação A LORD.

Seguiu-se a atuação do grupo LORDator que, este ano, trouxe ao palco do auditório a peça *Pai, Mãe, fomos assaltados!* de Luís Gonçalves.

A finalizar, foram entregues os Prémios de Mérito Escolar que a Fundação A LORD atribui, anualmente, aos melhores alunos do Agrupamento de Escolas de Lordelo, visando fomentar o estudo e o desenvolvimento cultural.

Os prémios foram atribuídos aos melhores alunos do ano letivo 2014/2015.



ALUNOS	ANO
ANA SANTOS SERRA	4.º Ano
EDUARDO ALEXANDRE ANTUNES CORREIA	4.º Ano
INÊS MARTINS RIBEIRO	4.º Ano
MARIA DE FÁTIMA SANTOS DA ROCHA	4.º Ano
MARIANA DA SILVA MARTINS	4.º Ano
ANA SOFIA DA COSTA CARVALHO	5.º Ano
FRANCISCO MANUEL RIBEIRO DA SILVA	5.º Ano
INÊS CUNHA SILVA	5.º Ano
TELMA ALÉXIA DE FONSECA NEVES	5.º Ano
MAFALDA DA SILVA CARVALHO	6.º Ano
RUI MIGUEL SOARES AMARAL CARNEIRO	6.º Ano
HELENA ISABEL COELHO MARTINS	7.º Ano
RITA BARROSO	8.º Ano
ANA ISABEL CARNEIRO NETO	9.º Ano
CARLOS MANUEL MARTINS RIBEIRO	10.º Ano
ÂNGELA SOFIA MOREIRA MARQUES	11.º Ano
FILIPA MOREIRA SILVA	12.º Ano

Todos receberam um diploma e um cheque-prenda.

A sessão terminou na expectativa de novo encontro no próximo ano

ENCONTRO COM ROSÁRIO CASTANHEIRA

▶ No mês de abril, para celebrar o Dia do Livro Infantil, recebemos a visita de Rosário Castanheira, autora do livro *Fugas de Mel* com o qual esta educadora se inicia na escrita infantil.

O encontro estava marcado para as 10h com os alunos do 1.º ciclo dos Centros Escolares N.º 1 e N.º 2 de Lordelo.

A autora falou do seu livro que, através de uma história que se desenrola à volta de uma colmeia, ressalta a importância do mel na nossa alimentação. Os meninos, curiosos e atentos, seguiram as

personagens da história, apresentadas de forma dinâmica e cativante pela escritora.

Num segundo momento e no sentido de uma maior sensibilização para este tema, as crianças contactaram com um apicultor convidado que, acompanhado de uma colmeia, explicou a vida das abelhas e o processo de produção do mel.

Entusiasmados com as informações colhidas, os meninos partiram levando consigo a história da escritora, nos livros oferecidos pela Biblioteca.



FEIRA DO LIVRO

▶ A **Biblioteca da Fundação A LORD** realizou a habitual Feira do Livro, de 23 de maio a 4 de junho, no novo espaço do Museu A LORD.

Os livros, aliantes nos seus títulos, ilustrações e cores foram o cenário privilegiado para as variadas atividades do programa de animação cultural, dinamizado pela equipa da Biblioteca e enriquecido com a colaboração dos convidados que, através da arte de contar, dançar e ilustrar, abrem mundos, desvendam mistérios, alimentam sonhos.



As **Histórias de Encantar**, apresentadas diariamente, tiveram como ouvintes atentos os meninos dos infantários do Colégio Marca D'Água, Centro Escolar de Frazão, Centro Escolar da Estação - Valongo e da Creche ADR - Rebordosa.



Presença habitual na nossa Feira do Livro, a contadora de histórias **Sónia Aguiar** voltou a seduzir e encantar quem a ouviu com os contos *O Riscas*, *Girafritz aprende uma lição* e *A Sara tem um grande coração*, entre outros. Este ano, os felizardos foram os meninos do 2.º ano da Escola Básica N.º 1 de Lordelo.



Recebemos, de novo, **Rosário Castanheira**, autora do livro *Fugas de Mel*, para um encontro com os alunos do 1.º ciclo da Escola Básica N.º 1 de Lordelo.

A autora falou do seu livro, da história que se desenrola à volta de uma colmeia, salientando a importância do mel na nossa alimentação. Depois, os meninos ouviram informações pertinentes sobre a vida das abelhas e o processo de produção do mel dadas pelo apicultor **Paulo Santos** e puderam observar, ao vivo, uma colmeia em atividade.



O bailado também marcou presença contando, de modo diferente mas muito enriquecedor, uma história conhecida de todos - **A Gata Borralheira**. O Auditório da Fundação A LORD, em colaboração com o Projeto Alive Story, recebeu os meninos do Pré-Escolar da Escola Básica N.º 1 de Lordelo e os alunos do 5.º e 6.º ano do Colégio Marca D'Água para verem dançar os Alunos da Academia de Dança do Vale de Sousa dirigidos pela Professora Joana Quelhas.



Uma história não se conta apenas por palavras mas também pela força sugestiva das imagens, daí a importância das ilustrações. A nossa convidada **Rosário Nunes** orientou um workshop, explicando as diferentes técnicas que podem ser experimentadas na criação das ilustrações. Os alunos da Escola Básica N.º 1 de Lordelo experimentaram e criaram telas que levaram para a sua escola.



A **Biblioteca da Fundação A LORD** cumpriu, mais um ano, o objetivo de divulgar a cultura e os livros, promovendo o gosto pela leitura e por diferentes representações artísticas.



VISITA CULTURAL

ALTO DOURO VINHATEIRO

VISITA À PAISAGEM CULTURAL DO VALE DO DOURO

► No dia 17 de setembro, a Biblioteca da Fundação A LORD organizou uma visita ao Alto Douro Vinhateiro, paisagem cultural classificada, em 2001, como património da Humanidade, pela UNESCO.

A entrada nesta região fez-se por Mesão Frio, pequeno município vinhateiro onde uma pausa na viagem permitiu saborear uvas e figos da terra e admirar a paisagem.

Peso da Régua, o mais importante entreposto



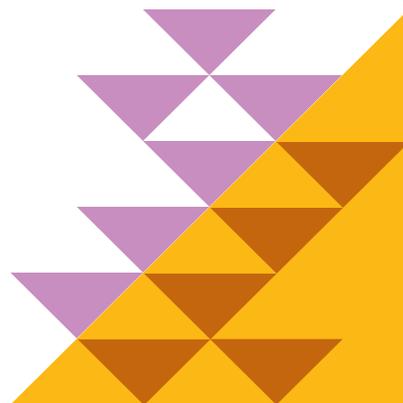
Continuando viagem pelo coração do Alto Douro Vinhateiro, este percurso concluiu-se com a visita à Quinta de Marrocos, na posse da família Sequeira desde o início do séc.XX. O proprietário explicou os diferentes momentos do processo de produção vinícola, desde a cultura dos terrenos ao estágio nas adegas, passando pelas vindimas, e facultou a degustação do tão afamado vinho do Porto.

Um dia e uma visita que ficarão, por certo, na memória de todos os participantes.

económico, fluvial e ferroviário da região foi o destino seguinte. Um cruzeiro no Douro, a bordo da lancha Santa Marta, permitiu contemplar a paisagem dominada pelas quintas vinhateiras, num percurso que se estendeu até às Caldas de Moledo, antiga estância termal de águas sódicas e sulfurosas.

O Miradouro de S. Leonardo de Galafura, situado a 630m acima do nível do mar, proporcionou uma das melhores vistas sobre o rio Douro e ofereceu local aprazível para o almoço. Uma pequena ermida testemunha a passagem de Miguel Torga por estas paragens que lhe serviram de inspiração.

No Pinhão, pequena povoação cujo casario se dispõe entre os rios Douro e Pinhão, mereceu visita a estação ferroviária cujos painéis de azulejos da autoria de J. Oliveira e executados na fábrica Aleluia, em Aveiro, representam os diferentes momentos da produção do vinho da região.



XVI ATELIÊ DE OLARIA

► Em fevereiro, como habitualmente, realizou-se o Ateliê de Olaria, dinamizado pela mestre oleira Maria Fernanda Braga.

As manhãs dos dias foram dedicadas às crianças dos Jardins de Infância do Agrupamento de Escolas de Lordelo que, este ano, modelaram pombas em barro.

Nas sessões da tarde, participou um grupo de 17 senhoras, que executaram uma peça mais elaborada, um espanta-espíritos em barro. Primeiro criaram todas as peças individualmente e na última sessão, depois de todas as peças cozidas, fizeram a montagem final.



XVI ANIVERSÁRIO DA BIBLIOTECA XX ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO A LORD

► No dia 3 de dezembro, no Auditório da Fundação A LORD e com sala lotada, comemoraram-se o **XX aniversário da Fundação A LORD** e o **XVI da Biblioteca**.

Do programa constou a apresentação de duas peças de teatro: *Uma espécie de assalto*, de Alan Balbino e *A ovelha negra*, de Giuliano Freitas, pelo grupo de teatro da Fundação A LORD, LORDator Juvenil.



EXPOSIÇÕES

► Este ano, antes de mudar para as instalações do Museu A LORD, a Biblioteca selecionou e preparou um tema que privilegia a cultura portuguesa e que expôs ao público.

EXPOSIÇÕES PATENTES NA COOPERATIVA E FUNDAÇÃO A LORD

Janeiro e Fevereiro

Trajes tradicionais portugueses:

Minho, Trás-os-Montes e Douro Litoral

Março e Abril

Trajes tradicionais portugueses:

Beiras, Estremadura e Ribatejo

O NOSSO BLOG

O Blog da Biblioteca da FUNDAÇÃO A LORD (<http://bibliotecadafundacaoalord.blogspot.pt/>) abre para a divulgação cultural, desde as notícias sobre as atividades dinamizadas pela Biblioteca até à informação sobre efemérides e acontecimentos relevantes de caráter nacional e internacional, proporcionando, ainda, o acesso a serviços como a consulta de um dicionário ou de um jornal, uma lista de sítios com interesse, as sugestões de leitura e as aquisições mais recentes.

Maria da Graça Mourão
Fátima Carneiro

OUTRO MODO DE ESCRITA

► A Fundação A LORD trouxe até ao seu Auditório a exposição coletiva de ilustração infantojuvenil *Outro Modo de Escrita*.

Esta exposição, composta por 15 obras de diversos ilustradores, permite um jogo entre a linguagem visual e a linguagem escrita, no momento da observação das imagens e da leitura dos livros a que pertencem as ilustrações, pretendendo, assim, ser um espaço de descoberta e de convite à leitura ou aos múltiplos modos de ler.

Dando cumprimento a este objetivo, a Fundação A LORD convidou os alunos dos Centros Escolares N.º 1 e N.º 2 para uma visita guiada, dinamizada pela Biblioteca e composta de dois momentos:

Hora do conto - apresentação de histórias de livros expostos seguida de uma atividade plástica complementar.

Visita guiada à exposição

As crianças do pré-escolar ouviram o conto *Livro dos medos*, de Adélia Carvalho. Depois, cada um desenhou o seu maior medo para ficar guardado na Biblioteca.

Os meninos do 1.º ciclo viajaram pelo *País das pessoas de pernas para o ar*, de Manuel António Pina e experimentaram a representação de pessoas... de pernas para o ar.

Foi gratificante constatar o interesse e a curiosidade das crianças pelos trabalhos expostos, bem como o agrado dos professores por esta iniciativa.



Cooperação



**União de esforços para a
concretização de projetos
solidários em benefício da
comunidade.**

GABINETE DE APOIO AO DOENTE

ARTIGOS ORTOPÉDICOS

Célia Sousa

▶ Para proporcionar bem-estar a alguns residentes na cidade de Lordelo, que precisam de uma assistência específica, o Gabinete de Apoio ao Doente da Fundação A LORD cedeu, gratuitamente, 3 camas articuladas e 2 cadeiras de rodas a quem as solicitou.

LORDELO SOLIDÁRIO

Célia Sousa

▶ Ao longo do ano, o projeto *Lordelo Solidário*, continuando a minorar as necessidades básicas das famílias em dificuldades da cidade de Lordelo, ajudou com géneros alimentícios 671 agregados familiares, alguns deles numerosos.

Este projeto contou com o apoio das seguintes entidades: Fundação A LORD, Cooperativa de Electrificação A LORD, CRL., Câmara Municipal de Paredes, Junta da Freguesia de Lordelo, Associação para o Desenvolvimento Integral de Lordelo, Centro Socioeducativo e Profissional de Parteira, Conferência de S. Vicente de Paulo, Agrupamento de Escolas de Lordelo e Paróquia de São Salvador de Lordelo.

ATELIÊS

Eugénia Gonçalves

Culinária

▶ A arte da culinária esteve presente nas atividades dos ateliês ao longo do ano. A título de exemplo, destaca-se a realização do momento do “Chá Inglês”. Para esse efeito, confeccionaram-se scones, croissants simples, tarte de canela e brigadeiros. Além do convívio e da degustação, houve a experiência culinária, que pode ser aplicada na casa de cada participante.

Artes manuais

▶ Os ateliês de Artes Manuais tiveram como objetivo trabalhar com a comunidade, empregando novos materiais e novas técnicas.

Eis alguns dos trabalhos realizados: pulseiras de pérolas, porta-chaves em eva, telas com bailarinas e velas decoradas.

A troca de experiências e saberes contribuiu para o dinamismo dos ateliês.

Constatou-se que a adesão a estas atividades tem vindo a crescer.



Jogos pedagógicos

▶ Os jogos pedagógicos têm em vista a preservação física e mental dos idosos, estimulando a memória, gerando um sentimento de autoconfiança, desenvolvendo o gosto de viver e conviver em sociedade.

Ao longo do ano, foram concretizados diversos jogos: de destreza manual, de concentração, de memória, entre outros.

Estamos certos de que estes jogos contribuíram para o envelhecimento ativo de todos os participantes.



ATIVIDADES NAS FÉRIAS

Eugénia Gonçalves

Páscoa

► A Fundação A LORD realizou algumas atividades, nas férias da Páscoa, para ocupar o tempo livre das crianças.

Proporcionou um ambiente de convívio agradável, através da realização de trabalhos manuais dos quais resultaram pequenos objetos: vasos com flores, quadros, cestas de Páscoa, caixas, entre outros. Aplicaram-se técnicas simples: pintura, dobragem, tecelagem, recorte...

A concretização destes trabalhos foi muito estimulante para as crianças, já que se destinaram a presentes para os padrinhos e madrinhas.

As crianças tiveram, ainda, oportunidade de assistir a duas sessões de cinema adequadas à sua idade: "Divertidamente" e "Mínimos".



Verão

► A Fundação A LORD realizou nos meses de junho, julho e agosto atividades gratuitas, com o objetivo de ocupar as crianças nas férias de verão.

Entre elas salientam-se os trabalhos manuais e a culinária. Assim, tiveram oportunidade de executar lápis palhaços, vasos com abelhas, molduras com trapilhos, porta-guardanapos, pulseiras com flores, ramos decorados, entre outros objetos. Em culinária, aprenderam a fazer brigadeiros e bolachas de manteiga, com degustação no final.

Houve, ainda, várias sessões de cinema próprias para esta faixa etária: "Os Croods", "Gru Maldisposto", "Alice do outro lado do espelho" e "Snoopy e Charlie Brown".

Estas experiências transmitiram às crianças a importância da partilha, da interação e do diálogo.



Uma noite no Museu A LORD

► Esta iniciativa foi realizada para dar a conhecer o Museu às crianças e para lhes proporcionar uma noite divertida.

Em primeiro lugar, fez-se uma visita guiada ao espaço onde as crianças aprenderam um pouco sobre a história da Cooperativa e da Fundação A LORD.

Após a visita, praticaram o jogo do Tangram para as ajudar a desenvolver a sua capacidade de concentração e raciocínio.

Seguiu-se um jantar de pizza. Antes da hora de deitar, ainda assistiram a uma sessão de cinema com pipocas. Montados os sacos-cama, todos foram adormecendo..., certamente, com bons sonhos!

No dia seguinte, pela manhã, preparou-se o pequeno-almoço: leite, chá, pão e croissants de chocolate.

Antes da hora de regressar a casa, dançaram, cantaram e fizeram coreografias.

Esta iniciativa mostrou-se muito positiva na opinião das crianças e dos pais, ficando a vontade de a repetir.

Natal

► Com a proximidade do Natal, à semelhança de anos anteriores, promoveram-se inúmeras atividades para os mais novos, dando sempre espaço à imaginação e à criatividade.

Surgiram, assim, trabalhos variados de acordo com a época natalícia: molduras de inverno, lápis personalizados, aventais, anjos de espátulas, molduras com letras e canetas com árvores de Natal.

O cinema esteve também presente. Todos os participantes puderam assistir a duas sessões de cinema - "Big Hero" e "Frozen".



CELEBRAÇÃO DO DIA MUNDIAL DOS AVÓS CELEBRAÇÃO DO DIA DE SÃO MARTINHO

Eugénia Gonçalves

▶ No dia 26 de julho, comemorou-se o *Dia Mundial dos Avós* no Museu da Fundação A LORD. O programa constou da hora do conto a partir da história “*Pedro das Malasartes*” de Luísa Dúcla Soares. Esta iniciativa, partilhada pelos avós e netos, permitiu uma troca de experiências vividas em diferentes tempos - brincadeiras, músicas e histórias.

Foi servido um lanche. Cantaram-se os parabéns aos avós.

No dia 9 de novembro, comemorou-se o *Dia de São Martinho* em convívio divertido, com música, castanhas, petiscos e água-pé.

Este dia festivo foi do agrado de todos.



SERVIÇOS DE MEDIATECA

Eugénia Gonçalves

▶ Estes serviços são muito utilizados para pesquisas, realização de trabalhos escolares e ocupação do tempo livre. A Mediateca tem também disponíveis ao público revistas e jornais para consulta.



COLÓNIA DE FÉRIAS

Ana Ferreira

► Com a chegada do verão, começa a procura para a ocupação dos tempos livres das crianças. A Fundação, a exemplo de anos anteriores, continuou a responder a estas necessidades, realizando a colónia de férias, na praia da Apúlia, de 4 a 8 julho. Uma semana esperada com ansiedade, pois para muitos é a única altura que vão para a praia.

Tempo de muito calor, muita diversão, construções na areia, dança, desfiles...

Este ano, tivemos o privilégio de estar em contacto com os jogadores da Seleção Portuguesa de Futebol de Praia, já que os treinos se realizaram na praia da Apúlia.

No último dia, todas as crianças saborearam um gelado, oferta da Fundação A LORD.



OFERTA DE UM AUTOCARRO À ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE LORDELO

Lasaete Silva

► O Conselho de Administração da Fundação A LORD decidiu doar um autocarro à Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Lordelo, já que, por imperativos legais, esta viatura deixou de poder efetuar o transporte de crianças a partir de outubro de 2016. Assim, a cidade e as suas associações passaram a bene-

ficiar de uma viatura em bom estado. A cerimónia desta oferta decorreu, no dia 11 de dezembro, na sede A LORD.

Entretanto, para continuar a garantir a concretização das iniciativas desenvolvidas pelo Auditório, Biblioteca, Cooperação e Museu, a A LORD adquiriu uma nova viatura.





VISITAS CULTURAIS

Célia Sousa

► Este ano, a Fundação A LORD, como vem sendo hábito, proporcionou às gentes de Lordelo um leque de visitas culturais. Deste modo, 572 pessoas usufruíram desta iniciativa, enriquecendo os seus conhecimentos.

Todas as visitas foram acompanhadas por guias profissionais: Santuário Nacional de Cristo Rei - Almada; Amendoeiras em Flôr e Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa - Vila Nova de

Foz Côa; Palácio Nacional de Belém - Lisboa; Alto Douro Vinhateiro - Régua; Aliança Underground Museum - Sangalhos; Museu Marítimo de Ílhavo e Navio Museu Santo André - Ílhavo.

Alargou-se, assim, o horizonte cultural dos participantes que visitaram locais cheios de história.

NATAL, TEMPO DE PARTILHA!

Ana Ferreira

► Presentes, presentes, presentes... e o Pai Natal, claro! Para as crianças, a quadra natalícia resume-se, praticamente, a estas duas coisas. Coisas importantes, sem dúvida, mas limitativas. Afinal, o Natal é muito mais do que isto. É tempo de partilha. É fundamental que as crianças o percebam.

A exemplo de anos anteriores, a Fundação A LORD mimou as crianças, professores e assistentes operacionais com uma pequena lembrança, uma afia com depósito e borracha. Um gesto simbólico que deixou as crianças felizes!



Escola de Artes

A collage of artistic elements including musical notation, a violin, a pencil, and white masks on a wooden background. The image is divided into geometric sections of red, black, and white, with a central wooden texture. The text 'Escola de Artes' is prominently displayed in the upper left.

A Escola das Artes desenvolve competências tendo em vista a expressão artística, fazendo confluir três áreas: música, dança e teatro.

CLUBE DE TEATRO

Eugénia Gonçalves



LORDATOR

► LORDator, um dos grupos de teatro da Fundação A LORD, levou à cena uma segunda apresentação da peça *“O Intervalo da Vida III”*. O espetáculo teve lugar no dia 13 de fevereiro, no Auditório da Fundação.

Esta peça foi baseada em factos passados na região, relatados por alguns lordelenses.

Assim, foi criado o texto por Eugénia Gonçalves que foi, também, responsável pela encenação, figurinos e cenografia. A interpretação da peça esteve a cargo de Andreia Silva, Bruna Gonçalves, Deolinda Ribeiro, Filipe Barbosa, Frederico Bastos, Inês Coelho, Joana Oliveira, Marta Alves e Marta Barros. Ilídio Sousa foi o técnico encarregado da iluminação e do som.

A afluência do público estimulou o grupo para futuros trabalhos na área da representação.

LORDATOR JUVENIL

► No dia 23 de abril, o grupo de teatro LORDator Juvenil apresentou a peça *“Pai! Mãe! Fomos assaltados”*, inserida na *Comemoração do Dia Mundial do Livro*.

A parte inicial do espetáculo começou com um pequeno texto cómico de Eugénia Gonçalves, onde entra em cena uma família e um grupo de amigos.

A peça fala-nos de um jovem que acorda e dá por falta da sua mota. Juntamente com os pais vai fazer queixa à polícia. O sargento tenta resolver o caso e é aí que começam as peripécias...

No final, fica-se a saber que afinal foi mesmo um roubo.

Provou-se que nem tudo o que se pensa e se ouve corresponde à realidade!

No **dia 3 de dezembro**, o grupo LORDator Juvenil apresentou-se, na Comemoração do Aniversário da Fundação e da Biblioteca A LORD, com o seguinte programa:

- música e dança - *“Try”* de Colbie Caillat, com canto de Sofia Matos e dança de Mafalda Carvalho, Rita Leal, Paula Beatriz Ferreira e Eliana Rocha;
- teatro - *“Uma espécie de assalto”* de Alan Balbino;
- teatro - *“Ovelha negra”* de Giulliano Freitas;
- música e dança - *“Volta”* de Diogo Piçarra, dança Rui Barbosa e Octávia Carneiro
- música *“Hallelujah”*, cantado pelo grupo.

O espetáculo mostrou as várias valências do LORDator Juvenil.

O público reagiu de forma muito positiva, o que tornou este dia inesquecível para todos.



ESCOLA DE DANÇA BALLET CLÁSSICO

Ana Silva



► Em 2016, a Fundação A LORD propôs-se oferecer à comunidade de Lordelo atividades na área da dança, na qual se inclui o ballet clássico. Para este efeito, a Escola de Artes foi sujeita a obras de adaptação, de forma a criar condições para o ensino do ballet.

A prática desta disciplina tem como objetivos o desenvolvimento da criatividade, expressão e musicalidade, aliados ao desenvolvimento das capacidades físicas.

Assim, as aulas de ballet tiveram em vista:

- encorajar o movimento como forma de exercício físico;
- providenciar meios para aquisição de capacidades técnicas, musicais e de performance relacionadas com a dança;
- inculcir o sentido de responsabilidade com objetivos específicos em cada aula;
- estimular a noção de comunidade e espírito de equipa, através do trabalho de grupo e parcerias com alunos de outras escolas.

Entre as atividades previstas, para o ano letivo de 2016/2017, contam-se a realização de uma aula aberta e de uma atuação no espetáculo final anual, inseridas no âmbito da apresentação das atividades desenvolvidas na Escola de Artes.

ESCOLA DE MÚSICA

UM CONTRIBUTO PARA
A EDUCAÇÃO MUSICAL

Rui Leal



► A Escola de Música da Fundação A LORD reiniciou a sua atividade musical, em 2013, com nove alunos, distribuídos nas classes de Flauta, Piano, Guitarra e Saxofone.

No ano letivo de 2016, ministrou o ensino musical a cerca de 40 alunos, dos 5 aos 65 anos, repartidos pelas classes de Flauta, Piano, Guitarra, Saxofone, Cavaquinho, Percussão, Violino e Canto. Tendo sido ainda lecionadas as disciplinas de Iniciação Musical e Formação Musical.

Para mostrar o trabalho desenvolvido, ao longo do ano, realizaram-se as seguintes audições: Reis, Páscoa e Final de Ano.

É também de salientar a entrada de dois alunos desta escola no Conservatório de Música do Porto e a integração de alguns alunos na Orquestra da Fundação A LORD.

Acreditamos que este projeto irá prosseguir no sentido de valorizar a nossa comunidade!



ORFEÃO

Manuel Monteiro



► No ano de 2016, o Orfeão da Fundação A LORD fez várias apresentações em Portugal e em Espanha, tendo-se assistido a uma consolidação da qualidade das mesmas.

São de referir as seguintes atuações:

- “Concerto de Reis”, realizado no Auditório da Fundação A LORD, no dia 9 de janeiro;
- “Concerto de Reis”, realizado na Capela de Nossa Senhora da Ponte, em Rio Tinto, no dia 10 de janeiro;
- “Concerto de Páscoa”, com a colaboração de um Quarteto de Cordas, realizado no Salão Paroquial de Lordelo, no dia 2 de abril;
- Participação na “Missa de Aniversário da Cooperativa”, realizada na Igreja Paroquial de Lordelo, no dia 10 de maio;
- Organização do “XVII OrffLORD”, com a colaboração do Orfeão de Recardães e do Coral Polifónica Queixumes do Hío, realizado no Auditório da Fundação, no dia 25 de junho;
- Participação num encontro de coros, organizado pelo Coral Polifónica Queixumes do Hío, em Vigo, no dia 2 de julho;
- Concerto inserido nas festas de Nossa Senhora de Campanhã, realizado na Igreja de Santa Maria de Campanhã, no dia 31 de agosto;
- Participação no “Encontro de Coros”, em Vila Nova de Cerveira, organizado pelo Orfeão desta localidade, em que participaram o Orfeão da Fundação A LORD e o Orfeão de Alter, no dia 1 de outubro;
- Realização de um concerto intitulado “Sonoridades da Música Coral” para celebrar o Dia Mundial da Música, no Auditório da Fundação A LORD, no dia 8 de outubro;
- Participação no “Encontro de Coros”, no Auditório Eng. Eurico de Melo, em Santo Tirso, organizado pelo Coral da Misericórdia de Santo Tirso, em que participou o Grupo Coral de Jobra, no dia 22 de outubro.

Em 2016, os principais objetivos foram:

- a abordagem de novos temas musicais cantados a quatro vozes e à capela, próprios para este tipo de agrupamento;
- a procura de aprimoramento na qualidade das suas apresentações musicais;

Em 2017, pretende-se dar continuidade às atividades do Orfeão tendo em conta o aperfeiçoamento do seu coletivo.

ORQUESTRA

Rui Leal



► A Orquestra da Fundação A LORD, criada em 2012, tem vindo a mostrar um trabalho louvável a nível musical.

A 9 de janeiro, realizou o “Concerto de Reis”, com a participação do Orfeão da Fundação A LORD, apresentando um repertório alusivo à quadra natalícia. As duas formações partilharam o palco, proporcionando um grande espetáculo a um vasto auditório.

Durante o mês de outubro, organizou o “Outubro Musical” tendo como solista convidado o clarinetista Frederic Cardoso, sendo apresentada, em estreia nacional, a obra “Dr. Bassclar” do compositor Ferrer Ferran. A 26 de novembro, esta Orquestra tomou parte no 3.º Concurso Internacional de Bandas Filarmonia D’Ouro, no Europarque, em Santa Maria da Feira, onde obteve o 1.º Prémio, 2.º Lugar na 1.ª Categoria, tendo também o seu maestro arrecadado o prémio *Batuta D’Ouro*, atribuído ao melhor maestro do certame.

É de sublinhar o trabalho de todos os elementos que constituem a Orquestra que se reflete nos concertos apresentados dentro e fora da cidade de Lordelo.

Formação

A close-up photograph of a person's hand interacting with a laptop. The hand is wearing a grey sweater sleeve. The laptop screen displays a website with various elements like a search bar and text. The background is slightly blurred, showing a desk with a pen and other items. The image is split diagonally by a dark orange shape that contains the title and text.

A formação incide sobre três níveis do saber - saber-saber, saber-fazer, saber-ser/saber-estar -, transmitindo conceitos ligados ao desempenho, à rentabilidade e à ética que contribuem para a valorização profissional e pessoal de cada um.

Assim, através da formação, a A LORD proporcionou instrumentos, em contexto profissional, para o desenvolvimento/aperfeiçoamento/reciclagem de competências dos seus funcionários, na área de informática e enriquecimento pessoal.

Mais uma vez, a Instituição, reconhecendo a importância da atualização dos seus colaboradores, apostou na vertente formativa.

Lanaete Silva

FOLHA DE CÁLCULO

Guilherme Moreira

► A Folha de Cálculo é uma das mais completas e versáteis ferramentas (programas) que podemos utilizar para tarefas simples e intuitivas como cálculos, gráficos ou listas, mas também para a elaboração de relatórios e fórmulas complexas ou mesmo na automatização completa de tarefas. Este *software* tem evoluído ao longo dos anos, melhorando e criando novas funcionalidades, adaptando-se à forma de trabalho em rede e de acesso multiplataforma para qualquer dispositivo e em qualquer lugar, permitindo que, por exemplo, uma equipa de *Back Office* possa trabalhar em rede sobre o mesmo documento.

As organizações que se relacionam diretamente com os seus Clientes, têm uma equipa de Profissionais nesta “Linha da Frente” ou “*Front Office*” que utilizam ferramentas de gestão adequadas e fazem frequentes ações de formação e respetivas atualizações. Pretende-se que estas equipas sejam eficazes nesta relação direta com o cliente, que se quer duradoura e mutuamente vantajosa. O objetivo é que consigam transmitir aspetos que são valorizados e que se tornam verdadeiramente importantes, como sejam: a capacidade de transmitir hospitalidade para o cliente, diplomacia e segurança na apresentação de dados ou a abordagem e tratamento de problemas, entre outros.

A eficácia desta equipa também depende, em boa parte, das atividades que ocorrem longe dos olhos do Cliente. Estas atividades de preparação de dados e estudo de soluções a apresentar são conhecidas como “*Back Office*” e são importantes pelo apoio e segurança que transmitem ao “*Front Office*”.

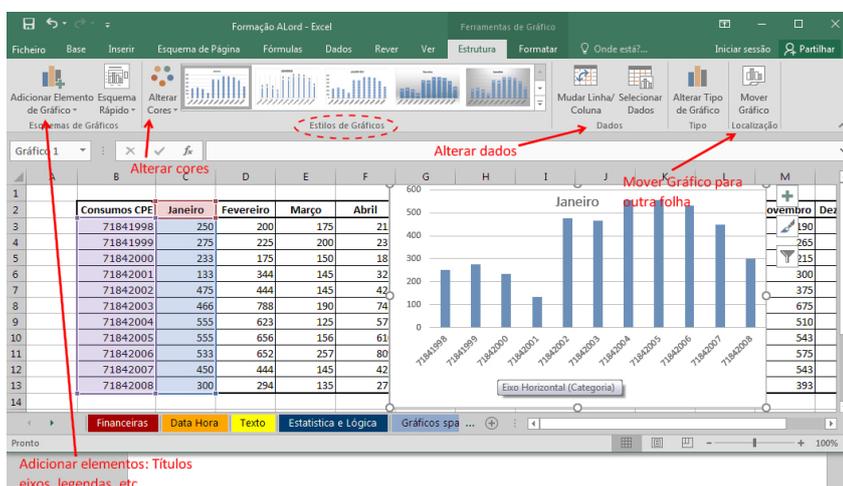
Na atividade de “*Back Office*” têm particular importância, para a Cooperativa A LORD, as Folhas de Cálculo, pelos motivos referidos, mas também por um acréscimo de trabalho vindo da recente instalação de contadores inteligentes na implementação da sua rede elétrica inteligente. Neste contexto, a Direção da Cooperativa A LORD, consciente desta necessidade de Formação e/ou atualização, promoveu a ação “Folha de Cálculo”.

A Formação decorreu na Fundação A LORD para oito formandos, durante os meses de outubro, novembro e dezembro de 2016, e a aplicação utilizada foi o *Microsoft Excel 2016*. A turma revelou-se bastante heterogénea, quer na Formação Académica quer no *Microsoft Excel*, pois integrava formandos com bons conhecimentos em versões anteriores e bom ritmo de aprendizagem e formandos que revelaram mais dificuldades.

Nesta Formação, e de acordo com o referencial, foram abordados conceitos gerais tais como formação e impressão, mas também outros mais complexos de inserção de funções, gráficos e ilustrações. Foi privilegiada a utilização prática das folhas de cálculo com bastantes exemplos em contexto da área de trabalho.

Globalmente, os formandos mostraram-se interessados e empenhados, sendo possível manter uma boa relação interpessoal. É ainda importante salientar o esforço de interajuda, naturalmente supervisionada pelo Formador, que em muito contribuiu para uma avaliação positiva.

Com mais esta Formação, ficámos todos com a certeza de que as equipas estão mais preparadas para novos desafios.



Adicionar elementos: Títulos eixos, legendas, etc.

Museu

MUSEU A LORD
FUNDAÇÃO COOPERATIVA

O Museu A LORD é um lugar onde se preserva a memória e se testemunha a evolução da Cooperativa A LORD para fruição da comunidade.

INAUGURAÇÃO DO MUSEU A LORD

Lasalete Silva

▶ No dia 21 de maio de 2016, a Cooperativa de Electrificação A LORD inaugurou, na sua primeira sede, totalmente reconstituída, o Museu A LORD. O edifício é propriedade da Cooperativa e a dinamização do museu está a cargo da Fundação A LORD.

A cerimónia da inauguração contou com a presença do Excelentíssimo Senhor Doutor Augusto dos Santos Silva, Ministro dos Negócios Estrangeiros, Dr. Celso Ferreira, Presidente da Câmara Municipal de Paredes e Arq. Nuno Oliveira, autor do projeto.

Neste ano, o Museu A LORD deu os seus primeiros passos na área da cultura, permitindo aos visitantes apreciar alguns documentos e objetos, assim como usufruir de experiências informáticas interativas.

Assim, através da mesa interativa, *Timeline*, é possível conhecer a história da Cooperativa de Electrificação A LORD desde a sua constituição, no ano de 1933, até aos nossos dias; fazer o registo fotográfico dos visitantes; aceder à galeria de imagens da A LORD e visualizar as atividades da Fundação A LORD desde a sua criação, em 1996.

A mesa interativa, *Transformador*, é constituída por informações relativas ao sector elétrico e explica a posição da Cooperativa enquanto Operador de Redes de Distribuição, Comercializador de Último Recurso e Comercializador em Regime de Mercado, na cidade de Lordelo, Paredes. Nesta mesa, estão incluídos vídeos que mostram o circuito da energia elétrica e o percurso de alguns pontos de iluminação da freguesia.

Nas instalações do Museu, estão a funcionar todas as atividades do departamento Biblioteca e algumas do departamento Cooperação, destinadas aos adultos e às crianças.

A cidade de Lordelo passará a dispor de um museu interativo que permitirá dar a conhecer à comunidade, sobretudo aos jovens, a evolução da Cooperativa de Electrificação A LORD.



Opinião



Convite à reflexão sobre temas variados que traduzem convicções e experiências de quem os transmite.

HUMANIZAR O SER HUMANO

Álvaro Pacheco

Sacerdote do Instituto dos Missionários da Consolata - IMCD

► Um dos temas mais falado nos últimos anos nos círculos sociais e até mesmo religiosos é o da presença e da influência cada vez mais acentuada das redes sociais, da dependência (em certos casos patológica) dos telemóveis e outros meios de comunicação pessoal e coletiva. Há quem não consiga imaginar a vida sem eles, nem sequer por 24 horas; há quem faça deles o principal meio de comunicação e de afirmação pessoal; há quem não resista sequer a fazer deles “parte da ementa” das refeições, seja para manter as crianças tranquilas, seja para falar com quem está longe... ignorando quem está a alguns centímetros de distância, entre outros. A presença e uso dos mesmos tornou-se tão óbvia e comum, que muitas crianças com poucos anos de vida são já mestres na arte de os manejar; muitos fazem das redes sociais o meio principal de partilha e de afirmação pessoal, alimentando-se dos “likes” que esperam obter com as suas partilhas. Há pais que os “usam” para manter calados e ocupados os filhos, enquanto vários são vítimas de predadores desumanos, como é o mais recente caso do jogo “Baleia Azul.”

A internet fez diminuir drasticamente as distâncias entre povos e culturas, transformando o nosso planeta numa “aldeia global.” A rapidez com que a informação e acontecimentos à escala local, nacional e global é partilhada faz com que se saiba tudo sobre todos (ou quase) e num curto espaço de tempo. Muitos são os que conhecem tudo sobre ídolos e outras figuras de vários “mundos” (arte, desporto, política, religião...) e desconhecem os que vivem debaixo do mesmo teto ou os que são ou deveriam ser na verdade amigos. Sim, porque até mesmo o conceito de amizade tem vindo a sofrer transformações, devido à mistura ou fusão entre realidade real e realidade virtual. Claro, não estou a fazer nenhuma crítica até porque eu mesmo uso as redes sociais e, obviamente, uso um telemóvel e outros meios de comunicação, mas - e este alerta é para mim próprio, em primeiro lugar - devemos ter cuidado com a lenta mas notória desumanização das nossas relações interpessoais. Costumo dizer que o “face-to-face” (cara-a-cara) é mais im-





portante do que o *Facebook* e que um dos dons mais preciosos que temos é o do tempo. Daqui nascem duas perguntas: “como e com quem uso o meu tempo?” Até porque, como bem sabemos, o tempo não volta atrás. Mais ainda: o único tempo de que dispomos é o tempo presente, pois o passado já passou à história e o futuro ainda está para chegar.

Por mais atrativa que seja a realidade virtual, por mais informação que tenhamos ao nosso dispor, por mais tecnologia que seja criada para facilitar em muito a nossa vida, nada substitui a presença e o contacto físico, até porque precisamente somos e temos um corpo com o qual podemos e devemos comunicar. Daí a importância do “face-to-face”, da presença física e real, do partilharmos o dom do tempo com quem nos é querido e importante, para depois não chorarmos lágrimas de remorso quando alguém parte e nos damos conta de que... não há mais tempo para estar e partilhar a vida com essa pessoa.

Claro, não sou pessimista, bem pelo contrário: o que temos à nossa disposição deve ser usado para uma vida mais cómoda, mas não acomodada; para uma vida mais ativa e criativa, mas não sedentária; para uma vida centrada no outro e não só em nós; para uma vida centrada no que ela tem de concreto e real, com alegrias e tristezas e não só no mundo da fantasia e da realidade virtual, que em muitos casos aliena e distancia as pessoas. Não recordo se mencionei este exemplo numa crónica passada, mas mesmo que assim tenha sido, vale a pena recordá-lo porque creio ser importante para compreendermos este tema da desumanização do ser humano: há alguns anos atrás, uma jovem inglesa disse um dia aos amigos do *Facebook* que três dias depois iria cometer suicídio por causa de uma desilusão amorosa. Os de longe (Austrália e Estados Unidos entre outros), aconselharam-na a procurar ajuda; e os de perto, incluindo vários da rua onde vivia? Começaram a gozá-la, pensando que estivesse a brincar. Só que não estava a brincar e, três dias depois, cometeu suicídio. Nenhum familiar ou suposto “amigo” da mesma rua se deu “ao trabalho” de ir ter com ela (vivia sozinha) e falar com ela “cara-a-cara.” Claro, este é um caso raro e extremo, mas exemplos como este devem fazer pensar... e acima de tudo mudar de atitude, caso seja o caso disso. Porque pode não haver tempo para fazer tudo o que devemos, queremos e podemos. Vivamos a vida humanizando a nossa mente e o nosso coração para humanizarmos as nossas relações interpessoais, hoje mesmo.

INDISCIPLINA: UM CAMINHO PARA A PREVENÇÃO

Beatriz Ester Moura de Castro
Diretora do Agrupamento de Escolas de Lordelo



► A indisciplina é um problema complexo e que preocupa os diretores das escolas. A literatura refere que a indisciplina é um fenómeno relacional e interativo que se concretiza pelo incumprimento de regras, em conflitos entre os pares e em conflitos na relação professor/aluno e funcionário/aluno.

Múltiplas causas são apontadas para a existência da indisciplina, designadamente, a Escola, através da permanência dos alunos na escola, em média, cerca de 2/3 do seu dia, currículos extensos e fragmentados, que não respondem aos desafios que a internet e o mundo digital trazem ao acesso ao conhecimento; as normas e as regras que a escola estabelece através do seu reglamento interno, a existência de professores muito permissivos e/ou muito autoritários e a implementação de processos pedagógicos em sala de aula pouco adequados ao contexto da turma; os *Alunos*, a frequência da escola por obrigação legal, a retenção repetida, os interesses divergentes dos escolares, a necessidade de se sentir superior em relação aos outros, a dificuldade de interiorizar as regras da escola e a necessidade de questionar as figuras de autoridade na adolescência; e a *sociedade*, que negligencia a educação para os valores, o aumento das famílias monoparentais e os contextos económicos desfavorecidos.

O aumento da escolaridade para os 18 anos colocou, também no domínio da indisciplina, novos desafios. Neste sentido, incumbe à escola, em parceria com as famílias, encontrar soluções formativas para que todos os jovens percecionem a escola como uma mais-valia na sua formação pessoal e profissional.

A indisciplina perturba o quotidiano das escolas, desmotiva o professor e fragiliza o seu trabalho dentro da sala de aula, assim como, dificulta a aprendizagem dos alunos, nomeadamente, dos mais indisciplinados e prejudica o desempenho escolar. Além disso, a indisciplina pode causar medo e insegurança nos alunos e coloca em causa a imagem social da escola.

Desde 2008, que o Agrupamento de Escolas de Lordelo tem vindo a implementar “Planos de Melhoria Gradual”, para combater a indisciplina. Assim, pretendíamos colocar a escola numa dinâmica de melhoria gradual do seu desempenho, sendo esta a rota a noroeste do seu rumo. Os professores organizaram-se de diversas formas, através da realização de reuniões de departamentos curriculares, reuniões de conselhos de turma e outros modos de prestação do serviço educativo, para fazerem o diagnóstico da situação (para melhorar é preciso saber em que ponto estamos), definir as áreas-problema e as estratégias a seguir.

Neste caminho a percorrer estávamos conscientes que era necessário a implicação de todos os atores educativos (pessoal docente e não docente, alunos e pais/encarregados de educação), o estabelecimento de regras simples, claras e conhecidas por todos, e um trabalho de proximidade com os alunos e com as suas famílias. Foram então definidas dezasseis ações-chave para “combater a indisciplina”, consideradas as pedras para sustentar os passos que pretendíamos dar:



1. criação de um código de conduta para os diferentes espaços escolares;
2. aperfeiçoamento do Regulamento Interno;
3. gradação dos comportamentos em “grave” e “muito grave”;
4. corresponsabilização dos pais e encarregados de educação pelo incumprimento das ações dos seus educandos;
5. tipificação das infrações disciplinares, seguindo uma gradação de forma a uniformizar os critérios de atuação pelos professores;
6. aplicação de uma grelha de observação de comportamentos, disponível no livro de ponto da turma, dos segundo e terceiro ciclos do ensino básico e do ensino secundário;
7. criação do Gabinete de Intervenção Disciplinar, para acolher os alunos que eram alvo de falta disciplinar;
8. criação da disciplina “Educação para a Cidadania”, nos segundo e terceiro ciclos do ensino básico;
9. criação de uma equipa multidisciplinar;
10. implementação de programas de tutorias dirigidas aos alunos de insucesso repetido;
11. envolvimento dos serviços de psicologia;
12. assessorias/coadjuvação nas turmas mais indisciplinadas;
13. desenvolvimento de atividades extracurriculares dirigidas aos alunos;
14. formação para professores na área da mediação de conflitos;
15. trabalho de proximidade com a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens de Paços de Ferreira, GNR de Lordelo e a Escola Segura;
16. tratamento estatístico trimestral das ocorrências disciplinares.

Presentemente, o *clima de escola* melhorou de forma considerável. Para sustentar esta afirmação apresentam-se os dados estatísticos das participações disciplinares ocorridas nos anos letivos 2013/2014, 2014/2015 e 2015/2016: 252 (duzentas e cinquenta e duas); 243 (duzentas e quarenta e três) e 154 (cento e cinquenta e quatro), respetivamente. Assim, constata-se que neste período temporal, as participações disciplinares diminuíram 39%.

Fazendo uma análise segundo a tipificação mais frequente das ocorrências disciplinares, os dados recolhidos permitem inferir que nos últimos três anos letivos mais de 60% das participações disciplinares são pelo facto dos alunos não acatarem a ordem dos professores. As tipificações “Provocar o professor de forma jocosa e satírica”, “Recusa no cumprimento de qualquer medida disciplinar associada a infrações ligeiras” e “Usar linguagem imprópria/calão”, não ultrapassam os 10%.

Para além disso, nos anos letivos 2013/2014, 2014/2015 e 2015/2016, o número de medidas disciplinares (corretivas e sancionatórias) associadas a comportamentos graves e muito graves diminuiu drasticamente: 42 (quarenta e duas), 38 (trinta e oito) e 19 (dezanove), respetivamente, verificando-se uma diminuição de 55%.

Trabalhar a indisciplina é um processo complexo, metódico e moroso, que exige muito diálogo, determinação, um comprometimento de todos os atores educativos e muita vontade de fazer com que a escola pública cumpra a sua missão: garantir o direito a uma formação o mais completa possível, para que cada aluno, à saída da escola, esteja preparado para responder aos desafios do mundo em que vive, como trabalhador e como cidadão.

DE PATRIMÓNIO DOS POBRES A PATRIMÓNIO DA NAÇÃO

Henrique Manuel Pereira

Universidade Católica Portuguesa (Porto) – Escola das Artes

“Só de joelhos é que nós poderemos levantar aqueles que estão caídos e que se contam por milhares e milhares.”

“Seria outro Ovo de Colombo. Todos teriam ocasião de apreciar e de sentir como, afinal, é tão fácil, o que até hoje, aos nossos olhos preguiçosos, se tem posto como impossível: Cada freguesia cuide dos seus Pobres.”
Padre Américo

► Se falar da Obra da Rua é falar do seu carismático fundador – Padre Américo Monteiro de Aguiar –, falar dele é também falar do Património dos Pobres, “obra urgente e inédita”, criada sob o lema “cada freguesia cuide dos seus pobres”. Com o Património dos Pobres, Padre Américo respondeu à escandalosa inércia de resolução do problema habitacional dos pobres, garantindo habitação ao indigente e pão aos trabalhadores.

Para que se perceba o real alcance do Património dos Pobres seria necessário traçar a conjuntura socioeconómica do Portugal de então. Não cabe nas margens apertadas deste texto fazê-lo. Bastará dizer que a propósito do censo ou inquérito às condições de habitação no continente e ilhas realizado em 1950, com resultados publicados quatro anos depois, se afirmava ser “deprimente, mas sobretudo doloroso, o espetáculo de tantas famílias sem lar, sem cama e sem abrigo”, podendo, sem exagero, acrescentar-se famílias inteiras a viver num só compartimento, não raro na companhia de animais. Existiam várias outras modalidades e tentativas de resposta ao grave problema – desde casas e bairros económicos, iniciativa do governo, das câmaras, das misericórdias, etc. Havia, porém, uma escandalosa modalidade que a ninguém ocorrera: “dar uma casa ao Pobre para ele viver até ao resto da sua vida sem pagar renda.”

“Nunca passou pela mente do legislador que alguém viria um dia a construir casas para um tal fim. Que os bafejados da sorte construam prédios de rendimento, é muito natural; que construam chalés ou mesmo palácios, também o é; que os remediados se aventuram a uma construçãozinha modesta, também é das coisas mais naturais do mundo. Que o Estado, Caixas Sindicais, ou outras entidades levistem bairros económicos de renda acessível, até aí ainda se vai. Construir para quem não pode compensar é loucura perante o mundo, que a lei não prevê.”

Assim escreveu Padre Américo. Era um desejo antigo. Pese embora a sua obra de, para e pelos rapazes da rua, escreveu pelos inícios de 1951: “tenho os meus anos contados e sinto que nada fiz no mundo, se não deixar uma casa que venha a servir de abrigo aos que nada têm. Será um sufrágio vivo e permanente, pela minha alma. É a palavra de um morto.” Tratava-se, porém, de segredo íntimo. Foram necessários dois elementos “precipitantes”: o zelo de um gaiato e a falta de trabalho. Ele o explica:

“não temos casa, aonde não haja uma equipa de vicentinos; Paço de Sousa, Porto, Miranda, Coimbra, Lisboa e Tojal. Precisamos dos seus trabalhos como do pão para a boca. [...] Pois o Júlio Mendes, que foi o fundador e é o presidente da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, tinha por costume falar-me com dor da corte aonde o seu Pobre habitava. Acontece, também, que naquele tempo, o mestre-de-obras que ergueu todos os edifícios da nossa aldeia, estes terminados, pede-me para inventar qualquer coisa; acrescentando que, alguns dos seus homens, tinham medo de entrar em casa por amor dos filhos, – e iam fugir!...”

Por via disso, e por diversas vezes, Padre Américo afirmou não ter sido o Património dos Pobres ideia sua mas deles, dos seus gaiatos, e mais concretamente de um: Júlio Mendes.

Nas que viriam a ser as primeiras casas “os pedreiros começaram a trabalhar em fevereiro do ano de 1951” e “foi no mês de março do ano de 1951, que nós lançamos à terra as primeiras pedras das primeiras casas.” A planta original é do próprio Padre Américo: “Fui eu mesmo que, numa vez, naquele tempo, tomei uma folha de papel de embrulho, um lápis mal aguçado e tracei. A necessidade leva o homem a operar o maravilhoso.”

É grande a tentação de historiar com minúcia e demora a génese e desenvolvimento do Património dos Pobres. Cingir-nos-emos a um enquadramento genérico, sinalizando o que se nos afigura mais importante e, sempre que possível, sem paráfrases, dando a palavra a Padre Américo por via de textos dispersos e porventura esquecidos.

Por deliberação dele e segundo os Estatutos do Património dos Pobres, as casas são propriedade da Igreja, da Fábrica da Igreja Paroquial. Porquê? Desde logo porque é uma entidade que goza de personalidade jurídica. Aceita legados, respeita condições, garante continuidade. Como eram e são as casas? “são um amor, de pobres e de pequeninas. Há a cozinha com a lareira, transfogareiro, chaminé e cantareira. Há um forno de meio alqueire. Um armário embutido. Há uma sala pequenina para receber a Cruz na Páscoa. Há um quarto da família. Também um recinto para a corte do bacorinho, a capoeira das galinhas, o vaso das sardinheiras e outras plantas e flores que os pobres gostam de ter. São um amor!”

A quantos se lançavam a construir e a dilatar o Património dos Pobres, Padre Américo apelava a que o fizessem de preferência à



beira de estradas “Aquele preferência das estradas e, entre estas, as nacionais, é um zelo de tornar Deus mais conhecido. Assim, passa um automóvel de categoria, para e vão ver. O pobre, enquanto diz de como chegou até ali e nisso mesmo que diz, fala de Deus àqueles visitantes. Eles regressam ao seu carro. Viram. Ouviram. Impressionaram-se. O carro põe-se em marcha e a ideia também”. De outro modo: “O povo vê e leva para outros a palavra, tal como a abelha, o pólen das flores; e ela vai germinar”.

No termo daquele seminal ano de 1951, eram 18 as casas construídas. O projeto do Património dos Pobres ganha particular visibilidade e dinamismo mobilizador quando, a 13 de maio 1952, em escassos dez minutos, Padre Américo o apresenta em Fátima, numa eucaristia de doentes transmitida pela Rádio. Foi vasto e profundo o impacto das suas palavras, melhor:

“Foi uma bomba!

Os nossos rapazes, depois disso e na primeira venda [do jornal *O Gaiato*], despacharam num ápice 3.500 jornais, cuidando os seus leitores que vinha lá o sermão! E querem o sermão no jornal. Oferecem altas somas!

Mas há mais. São as cartas. Estas que estamos recebendo, pela sua qualidade e quantidade, são uma revelação. Temos tido delas com oito folhas de papel e mais!”

A dado passo, naquela “oração” em Fátima, interroga:

“O dinheiro para as casas? Não perguntes; essa pergunta é profana; isso fazem os publicanos e os pecadores. Então quê? AMA e AFLIGE-TE. E a justiça sendo uma força imanente e viva produz o milagre.

Para terminar esta oração: A semana passada contaram-me e eu não quis acreditar e fui ver, irmãos, fui ver com estes olhos. Eu fui ver e num curral, juntamente com os animais que lá estavam, vivia uma família de seis e uma criança no berço. E quando eu entrava diziam: “olhe que cheira aí muito mal, não entre”. Mas eu ia justamente para tirar o mau cheiro, e já está uma casa quase a meio ao pé daquele curral. Aquela família de sete já vê por vidros nas janelas, já vê outras casas semelhantes onde têm outros a mesma sorte contentes com a certeza. Quem operou o milagre? A Justiça.”

Por força disso e do mais, das muitas histórias que tiveram origem naqueles breves minutos e que aqui não se contam, Padre Américo há de afirmar que “o Património dos Pobres nasceu em Fátima, a treze de maio.”

Também em África, por exemplo em Luanda, a “nota dominante” de todas as sua “comunicações ao público” foi o Património dos Pobres. No seu regresso, em outubro de 1952, dá conta de que se abriu “uma conta no Banco com o nome *Património dos Pobres*”, tendo nele depositado mil contos. Precisamente um ano volvido,

“produziu-se um movimento até aqui nunca visto, na alma dos portugueses. Nasceu um grande espírito de bem fazer. Chorou-se. Fizeram-se muitas e muitas e muitas casas para os Pobres. Distribuíram-se grandes e numerosos subsídios, auxiliando aquele trabalhador e jornaleiro e operário, que um dia começaram a sua casinha e não a puderam concluir.”

Não se chegara ainda à Páscoa de 1953 “e já havia sinais de casas em Amarante, Guimarães, Braga, Coimbra, Vila Real, Viseu. Muitas delas em várias freguesias do distrito do Porto.” Somando “as de Lisboa, Tomar, Leiria, Elvas e outras terras, temos que o fim do ano viu a passar de duzentas moradias ao serviço dos Pobres.”

Não obstante tudo, havia quem entendesse aquele “incêndio”: “Ontem esteve [em Paço de Sousa] um grupo de visitantes. O Armando Pequeno foi cicerone. Eles falavam com um dos nossos maiores a respeito da iniciativa *Património dos Pobres* e diziam que não. Que primeiro é preciso ensinar o pobre a viver numa casa decente. Que ele é feliz na barraca e mais coisas por aí adiante. Armando Pequeno escutava e nota que o seu companheiro não respondia. Que faz ele? Indignado, corre a chamar um outro que lhe parecia ser capaz de responder a aquele grupo e diz-lhe: *vem daí depressa que estás ali a dizer mal das casas dos pobres e o Manuel não sabe responder*. O Armando acertou. O rapaz que ele trouxe pela mão até junto do grupo, também acertou: *a nós parece-nos que a melhor forma de ensinar o pobre da barraca a viver numa casa decente, é dar-lhe uma casa decente*. O grupo retirou-se. O mesmo fizeram os três rapazes; o que não soube responder, o que respondeu e o Armando Pequeno que o fora chamar.

O Cisco transformado em Luz!”

Também pelo Património dos Pobres, Padre Américo foi incansável. A pé e no seu pequeno “Morris”, fez milhares de quilómetros. Instou, denunciou, argumentou, deu carne ao Evangelho, inspirou e animou párocos, mobilizou construtores. Obra incendiária! Assim em Portugal continental, Madeira, Açores, Angola, Moçambique...

Ouviram-se vozes de que, tal como a Obra da Rua, também o Património dos Pobres acabaria com a morte de Padre Américo. Seria caso para dizer que também o Património começou quando ele morreu. Padre Carlos Galamba, o homem que no imediato lhe herdou a missão, escreveu um ano volvido, em agosto de 1957: “Tem sido um corrupio estas últimas semanas. Não há paragem. Ou casas entregues, ou casas a começar – o movimento alastra como o fogo em mato seco.” E, note-se, “falo só das Dioceses de Coimbra e Guarda para o norte e estou longe de esgotar toda a atividade nesta zona. Graças a Deus, já não há domingo em Portugal sem mais casas do Património! Que doce invasão, portadora de paz!”

Assim foi por muito tempo. Estima-se que o Património dos Pobres, conta mais de 5000 habitações espalhadas por largas dezenas de freguesias de todo o país. Património imóvel, se não tanto artístico, funcional, estas casas são monumentos da piedade do povo. Padre Américo tinha razão: “sendo *Património dos Pobres* é também património da Nação.”



“Muitas vezes o vi – batina preta.
E capa, também preta, sobre os ombros –
Olhos iguais aos olhos de um poeta,
Cheios de luz e de perdão e assombros...

Conheceu horas de ópio e sonho e febre,
Mas a si próprio só se conheceu
Quando entrou no silêncio de um casebre
E, interrogando Deus, sentiu que Deus,
Todo misericórdia, de além Céus
Ao seu clamor pungente respondeu.

Mostrou-lhe a vida chusmas de garotos.
Ao sol, na rua, e pelas noites mortas.
E então expiou a treva dos esgotos
E a dor que chora, oculta, atrás das portas.

Fosse o que fosse, tudo o que escrevesse
Era sangue das veias que vertia.
Era sangue às golfadas... era prece.
Íra sagrada para que se desse
Aos pobres o que aos pobres pertencia.

Era a justiça um grito nos seus lábios,
Límpido e puro como um gládio em chama.
Tinha o segredo, que faltava aos sábios,
De transformar em ouro a própria lama.

A cada inverno deu a primavera.
Abrindo à neve rosas de alegria.
Não mentia, de certo, quem dissera:
– No seu peito de herói parece que era
O coração do mundo que batia.

Libertou andorinhas de entre sapos.
De vagabundos quis fazer pioneiros,
E descobriu no meio de farrapos
Ou no canto soturno de uma tenda,
Joias mais verdadeiras que as à venda
Nas montras dos joalheiros.

Mas tudo acabaria por cair.
Poeira ao vento ao fim de cada dia.
Tudo seria inútil e quimérico,
Se Jesus, feito Pobre de pedir,
Não fosse Quem pedia
Nas mãos do Padre Américo...

Padre Moreira das Neves

DA ESSÊNCIA DA VIDA AO VIVER HUMANO

Levi Guerra*

► Diz-me a vida muitas coisas, pois essa é a vantagem de se ser anoso. A história pessoal de cada um ajuda-o, em cada momento - e quanto mais longo melhor - a tentar compreender a vida e os homens, e, talvez, a descobrir Deus.

A vida não se compreende! A Bioquímica e a Fisiologia dos seres vivos têm tido extraordinários avanços. Os conhecimentos já adquiridos abismam os cientistas. Mas os cientistas são incapazes de criar vida num laboratório, por mais meios que usem e na base do que se sabe. São incapazes de infundir o "sopro vital" que é a chave da vida, uma transcendência espiritual!

E como falar do Homem vivo? Naturalmente que é corpo e alma. A Medicina vai muito longe no conhecimento do corpo humano e nos seus complexos mecanismos orgânicos. A alma humana, o "sopro vital", é o princípio imaterial, transcendente, misterioso e de que só pela filosofia e pela religião é abordável. O corpo humano, por seu lado, ainda encerra imensos enigmas, particularmente ao nível do seu órgão central, o cérebro, que é a sede da consciência, o recetor e intérprete de todas as sensações vindas do exterior - pelos órgãos dos sentidos -, sede também da inteligência, da vontade e da memória; ainda da imaginação que discorre autonomamente, mas sempre analisável pela inteligência que aproveita ou rejeita o que ela informa. Diz bem o filósofo quando diz: "Ninguém sabe, a não ser Deus, o que cada um leva em si". Sim, nessa mundividência interior é impossível penetrar e, portanto, impossível é também poder julgar-se o homem! Na verdade, a pessoa humana, ser de razão e vontade, tem, na "consciência de Si", o tribunal que faz de si próprio julgamento, dos pensamentos que gera - depois de filtrar sensações e produtos da sua imaginação - aos seus atos. O homem sabe quando faz o mal e o bem. Daí a sua responsabilidade pessoal e também social. Ai assenta, por outro lado, a sua liberdade, que é o seu bem maior, indissociável da sua responsabilidade. Ser livre é nunca ser dominado por ninguém, nem nunca dominar ninguém! Saber seguir a procura da verdade no seu próprio caminho, e responsabilmente decidir por si, sem medos, mas por respeito de si

próprio, da sua dignidade, da sua realização, mesmo que contra o estabelecido, com a coragem indômita a manter, enfrentando custos inevitáveis, muitas vezes.

Poderá, porventura, ser condenado pela letra da Lei ou das tradições pagãs ou religiosas e até poder ficar aparente ou realmente só! Assim aconteceu a Jesus Cristo! Ah! Leia-se a Paixão de Cristo como os Evangelhos a relatam! Está lá tudo o que ameaça o Homem Livre. Diz L. J. Leuret, padre dominicano e economista célebre, falecido em 1948:

- Desde que um homem abandona os caminhos batidos... tomam-no por louco... (in: "Princípios para a Acção"; Editora Livraria Duas Cidades, S. Paulo).

Direi ainda com Gustave Thibon, filósofo cristão contemporâneo e há poucos anos falecido (in: "Notre regard qui manque à la lumière"; tradução e edição da Livraria Figueirinhas, Porto): *- Não há melhor prova psicológica da existência de Deus do que o desprezo com que os ateus como Nietzsche ou Sartre falam do homem. São aqueles que querem eliminar Deus em proveito do homem que menos perdoam ao homem não ser Deus... Quem crê em Deus, pode ser indulgente para com as misérias humanas... quem apenas crê no homem, vinga a morte de Deus na morte do homem divinizado..."*

Abramos os olhos e percebamos porque é tão mal tratado hoje, como ontem, o homem e tão desrespeitada a vida humana no Mundo onde, naturalmente, inclui o nosso País. A cegueira de centrar a vida - dos homens e dos povos - na busca do lucro desenfreado e do poder é um erro. Mas destruir uma vida humana, seja em que situação for, é um crime. O maior combate a travar hoje é proteger a vida pessoal de cada homem porque a Vida Humana é o valor central do existir no mundo, a condição mesmo da sua sobrevivência, a grande obra do Deus que é, segundo o jesuíta e antropólogo, Pierre Teilhard de Chardin, o Criador, supremo e constante, fonte de graças e Senhor da Vida.

Perceba-se como a Biologia pode ser caminho para Deus!

* Médico e Professor Catedrático de Medicina, Jubilado, da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto; Prémio Nacional de Saúde 2013 do Ministério da Saúde; Medalha de Ouro da Ordem dos Médicos

O SÉCULO XX

ALGUNS ACONTECIMENTOS QUE MUDARAM A HISTÓRIA

Manuela de Abreu e Lima

Sócia-colaboradora da Árvore – Cooperativa de Actividades Artísticas, CRL

► Este texto, que agora se publica, teve ao tempo o objectivo de apresentar, enquanto co-autor da exposição «Poesia Fílmica», um amigo a quem muito estimo e muito admiro, arquitecto de formação e de profissão e a seu pedido. Pareceu-me na altura, hoje voltaria a fazê-lo, redutor situar o meu amigo com um trajecto de vida que já vai longo e definir, em função de uma exposição, toda a sua cultura, sabedoria e envolvimento social. Assim, pareceu-me mais abrangente defini-lo em função da sua vida no seio de uma família intelectual burguesa como tantas outras existentes no Porto.

Permitiu-me, também, convocar as minhas memórias e fazer um périplo ao redor de um SÉCULO XX tão diverso e extraordinário, que inaugurou uma nova sociedade caracterizada pela expansão da vida urbana, pela produção e consumo maciço de bens e serviços.

A minha relação com o meu amigo é de partilha cúmplice com o que foi acontecendo ao longo da nossa vida. Lemos os mesmos livros, ouvimos as mesmas músicas, vimos os mesmos filmes, vibrámos com os mesmos acontecimentos, uns contados pelos pais, outros pelos avós, lidos nos jornais, nas revistas, vistos na televisão ou vividos mesmo, atentos e interessados por tudo o que nos rodeia. Ainda hoje me emociono até às lágrimas ao ver o exército nazi, em passo de ganho a desfilar nos Campos Elísios, invadindo a França, apossando-se de Paris.

Pertencer a esta geração que sentiu e viveu as muitas manifestações, no caminho do Homem através da História, que imortalizaram alguns dos seus protagonistas que nos fascinam e seduzem, com admiração uns e asco outros, pertencer a esta geração, dizia

eu, é um privilégio, é uma conquista, é um êxito que alguns alcançam, é a vantagem de ganhar idade, ganhá-la como alguns de nós é ser-se um vencedor. Afagado por laços familiares na ética republicana nos diferentes domínios do saber, no cruzamento com as várias manifestações culturais e cívicas, adquiriu o meu amigo uma consciência de cidadania cívica sempre activa e interveniente. Disso é testemunho a sua poesia poderosa, viril e eivada de memórias.

Assim, ocorre-me de imediato uma das mais fascinantes personalidades do séc. XX, paradigma da conjugação das várias artes, Pablo Picasso (Málaga, 1881 - Mougins, 1973). Na arte, este homem determina a nossa época: o Século XX é o século de Picasso. Houve, evidentemente, outros grandes artistas, mas Picasso abriu caminho para tornar o nosso mundo mais visível. Pintor, escultor, gravador, fez cenários e figurinos. Autor de uma obra revolucionária, rompeu com todas as tradições, criou uma linguagem Picasso, um estilo Picasso.

Mas, onde a sua arte alcança uma grandeza esmagadora é em Guernica (cidade Basca arrasada, em Abril de 1937, pela aviação alemã que, ao ajudar Franco a instalar um regime fascista em Espanha, testava a capacidade da sua aviação para a guerra que se aproximava porventura a sua obra mais emblemática que se converteu na pintura mais conhecida do século XX só comparável aos Fuzilamentos de Goya. Guernica é um óleo sobre tela com 3,49x7,72 m. Esta obra de Picasso pode ser vista e admirada, em Madrid, no Museu Rainha Sofia.



Através de uma série de poderosas imagens, esta pintura monumental não representa só o acontecimento histórico em si mas a intemporalidade da dor, o horror da guerra, a destruição, a agonia e o sofrimento. É a visão da desgraça, da morte - a realidade da dor insuportável. As figuras, o ameaçador touro com cabeça humana, o cavalo agonizante, o cadáver empunhando a espada quebrada, a mãe com o filho morto nos braços, o preto, o branco, o cinza, a terrível eloquência de formas que transmitem emoções tão avassaladoras e inquietantes.

Quando esta tela voltou a Espanha, em 1981, após um exílio de cerca 40 anos em Nova Iorque - Picasso tinha decidido que a obra só voltaria a Espanha após a queda do fascismo -, a Pátria espanhola tinha ganho um símbolo.

Como uma espécie de consequência de Guernica, a guerra, a ocupação de França pelos nazis levaram Picasso a uma «imigração interior». A sua integridade moral demonstrada durante o período da ocupação levou-o a viver no atelier e restringir o contacto com o público o que para ele era muito importante. «O Ossuário», «Natureza Morta com Crâneo de Boi», «Massacre na Coreia» fazem parte de tomadas de posição de ordem política, assim como alguns dos cartazes mundialmente conhecidos, como «A Pomba da Paz», criado para o Congresso Mundial da Paz em 1949, que deram a volta ao mundo. Algumas destas obras de grande intervenção política estão na base da afirmação de Picasso: «Não, a pintura não foi inventada para decorar casas. Ela é uma arma de ataque e defesa contra o inimigo».

Os Ballets Russos de Serge Diaghilev iluminavam Paris. Acabava de nascer, envolvido em grande alvoroço, um dos grandes símbolos do século de que Picasso foi um colaborador assíduo, fazendo cenários e figurinos para bailado e teatro para obras de vários criadores, incluindo Jean Cocteau, que lhe pede para fazer os cenários e figurinos para o bailado «Parade» musicado por Satie.

Stravinski chega da longínqua e exótica Rússia, com uma bagagem feita de lendas, jogos de infância, ritos pagãos, cria para Diaghilev o «Pássaro de Fogo», a que se seguiram «Petrouchka» e «A Sagração da Primavera», ritual primitivo de um esplendor extraordinário. A estreia desta obra foi um escândalo, sem se saber muito bem porquê. O público não compreendeu que tinha assistido ao nascimento de uma afirmação criativa de uma modernidade que seria um marco na música moderna. Este «tumulto social» fez as delícias e o encanto do snob Cocteau que adorava estas confrontações. Posteriormente, Picasso fez os cenários para «O Chapéu de Três Bicos» de Manuel de Falla, o maior compositor que Espanha já teve, com estreia em Londres.

Nunca acontecimento algum apaixonou tanto a opinião mundial como a Guerra Civil de Espanha. As Brigadas Internacionais reforçam esta afirmação.

Intelectuais como André Malraux, Saint-Exupéry, Hemingway, Steinbeck, Josip Broz, Robert Capa e muitos outros homens e mulheres, anónimos oriundos de toda a Europa e dos E.U.A., portugueses, franceses, alemães, suecos, russos, americanos, etc. combateram e cobriram como jornalistas o acontecimento.

Falar da Guerra de Espanha (1936-1939) é recordar Lorca.

Fuzilado pelos falangistas, em 1936, tinha 38 anos, Francisco Garcia Lorca (Granada, 1898-1936), uma das maiores figuras de poeta e dramaturgo, foi a voz lírica e dramática espanhola mais admirada no mundo. Pelas suas ideias generosas ao lado da República e do

povo, roubaram-lhe a existência, deixando-o para sempre vivo na nossa memória. Quem não conhece «A casa de Bernarda Alba», «Yerma», «Bodas de Sangue», obras que mergulham na Espanha profunda, na Andaluzia grave e trágica. Estas peças tiveram representações no nosso país e no estrangeiro com cenários do Escultor José Rodrigues. Cenários de uma modernidade única e fascinante que consagram José Rodrigues como um precursor nesta arte (estes e outros cenários de J. R. podem ser vistos na Fundação Escultor José Rodrigues - Fábrica Social, Porto).

É também de recordar Robert Capa, o repórter fotográfico que trabalhava para a LIFE e cobriu alguns dos acontecimentos mais marcantes da história mundial: a Frente Popular em Paris, as presidenciais no México, a II Guerra Mundial, a criação do Estado de Israel, etc. e, evidentemente, a Guerra de Espanha onde faz uma fotografia icónica que correu o mundo. A imagem da morte do soldado republicano, no momento de ser atingido, converteu-se noutra símbolo da Guerra de Espanha. Capa morre na Indochina, em 1954, ao pisar uma mina.



A entrada dos americanos na Primeira Guerra Mundial (1914-1918) dá aos europeus o conhecimento do JAZZ. Os grandes músicos da época entusiasma-se com esta nova sonoridade. Um dos maiores «Jazzman» de todos os tempos é Louis Armstrong, o seu trompete e a sua voz. Quem não se lembra de Duke Ellington, Sidney Bechet, Count Basie, Charlie Parker, Ella Fitzgerald que cantava Gershwin com uma voz única.

O rock and roll, produto de uma combinação de factores musicais, económicos e sociais, tem o seu ídolo em Elvis Presley.

Os Beatles e os Rolling Stones são dois grupos ingleses de grande qualidade e impacto mundial na juventude. Os editores de ambos os grupos alimentavam uma suposta rivalidade, fecunda para as vendas entre os gentis Beatles que até as velhinhas apreciavam, e os diabólicos Stones que aterrorizavam as famílias. Georges Brassens, Serge Reggiani, Léo Ferré, Jacques Brel faziam-nos companhia a todo o tempo.

E havia a outra música, a universal, a intemporal, Haydn, Mozart, Beethoven, Mahler, Ravel, etc., etc.. No Porto havia uma vida cultural consequente, alicerçada em instituições de que éramos todos só-



cios, o Teatro Experimental, o Cine Clube, a Associação dos Jornalistas e Homens de Letras, a Juventude Musical Portuense, a Unicepe, a Livraria Leitura, a Árvore, o Ateneu Comercial que, além do mais, eram redutos de luta antifascista e de tentativa de renovo de ideias em oposição a conceitos conservadores e imobilistas de então.

Um dos exemplos mais marcantes da interligação das artes vem-nos da Bauhaus, fundada, em 1919, por Walter Gropius em Weimar. A Escola da Bauhaus é o expoente inicial do movimento moderno. Experiência pedagógica no domínio do design, da arquitectura e do urbanismo. Nomes como Mies van der Rohe, Moholy-Nagy, Oskar Schlemmer, Paul Klee, Kandinsky, Hannes Meyer, Stravinsky, Schoenberg e muitos outros participaram neste projecto. O ensino da arquitectura estava implícito em toda a filosofia do manifesto da Bauhaus que colocava a construção arquitetónica como factor unificador das outras artes: escultura, cerâmica, design gráfico, experiências de luz, música, teatro, bailado... Após várias vicissitudes, esta escola, com mudanças sucessivas de cidade, Weimar, Dessau e Berlim, para tentar sobreviver à perseguição nazi, é, em 10 de Abril de 1933, assaltada por 200 polícias nazis, ficando a Gestapo a ocupar as suas instalações.

O Século XX é o século do horror e do progresso. Duas terríveis guerras mundiais, conflitos permanentes e constantes, o holocausto pela barbárie nazi, a substituição da influência europeia pela americana, mas é também o século em que se assistiu ao maior progresso tecnológico e científico e a uma explosão de criatividade revolucionária nas artes e nas letras.

A electricidade, o motor de explosão, a aspirina, o telefone, a fotografia, os antibióticos, o cinema, o automóvel, o avião, conquistas que caracterizaram todo o século XX. A ciência e a técnica transformaram a vida de milhões de pessoas. A competição imperialista contribuirá para a eclosão da Grande Guerra (1914-1918), dando origem a uma chacina indescritível. Após a Primeira Guerra Mundial não restou nada do mundo antigo...

A Europa, emergente do que restou, acumulou ressentimentos, ódios, queixas nacionalistas, rancores de classe. A Grande Depressão deu oportunidade aos derrotados de ampliar a sua base

de apoio, reforçando os antagonismos sociais, levando o nazismo ao poder na Alemanha. As ambições expansionistas do Terceiro Reich, junto com as da Itália e as do Japão vão dar origem a um segundo conflito mundial (1939-1945), que destruiu a supremacia europeia no planeta. Daqui para a frente os verdadeiros vencedores da Segunda Guerra Mundial, a União Soviética e os Estados Unidos da América, medirão forças num mundo totalmente novo.

Algumas destas manifestações de criação e engenho humano ao longo deste século - e foram muitas - serão aqui referidas. Estes cem anos são um alfofre delas, nunca o conhecimento científico evoluiu tanto!

Sigmund Freud (Morávia, Áustria, 1856 - Londres, 1938), Albert Einstein (Ulm, Alemanha, 1879, Princeton, USA, 1955) e Pablo Picasso (Málaga, 1881- Mougins, 1973) são três nomes universais para um século, com o seu trabalho, com a revolução que originaram e a explosão de criatividade revolucionária nunca antes imaginada marcam e imortalizam os seus nomes, para todo o sempre.

Freud, o explorador da mente humana, criador da psicanálise que projecta nova luz sobre o seu conhecimento, sobre o sexo, a infância, a história e o seu entendimento, o consciente, o subconsciente, o complexo de Édipo, o ego, o superego, a sublimação, o lapso, novas palavras criadas pelo grande neurologista austríaco, que se exilou em Londres para se libertar das botas nazis e das suásticas para «morrer em liberdade»; Einstein e a revolução do espaço/tempo, a teoria da relatividade, o sábio que reformou Newton. Quem não conhece a célebre equação $E=mc^2$; Picasso, «génio do século», com uma obra revolucionária sempre inovadora, rompendo com todas as tradições, com uma personalidade carismática que encantou e fascinou críticos e admiradores. O fenómeno Picasso, a sua influência sobre gerações de artistas que se lhe seguiram; criação pela Brownie Box da máquina fotográfica Kodak, a fotografia deixava de ser de uso exclusivo de profissionais, passando para o terreno de amadores, custava apenas cinco cêntimos; 1900, os primeiros Jogos Olímpicos do século, em Paris, em 14 de Julho, em que participaram 1100 desportistas, dos quais 6 eram mulheres; 1901, morre a rainha Victória, a sua morte pôs fim a uma era em que a Inglaterra era o grande centro industrial do mundo e se assistiu à criação do Império Britânico, onde o sol nascia e se punha; 1901, primeiro ano da atribuição do Prémio Nobel, criado por Alfred Nobel, «o vagabundo mais rico da Europa», nas palavras de Victor Hugo; Ivan Pavlov, apesar de ter recebido o Nobel da Medicina, em 1906, pelos seus estudos sobre o aparelho digestivo, o grande fisiologista russo tornou-se famoso pelo seu trabalho sobre os reflexos condicionados; o advento do desenho animado; o cinema dá os primeiros passos com os irmãos Lumière, mas foi George Méliés quem levou a imaginação à tela. George Méliés (1861-1938), inventor da câmara que lhe permitiu criar o cinema de ficção narrativa; em 1907, surge o aspirador, em 1909, a torradeira, em 1913, venderam-se os primeiros frigoríficos e máquinas de lavar louça; a Revolução Industrial; Santiago Ramon y Cajal e o seu estudo sobre os neurónios que lhe dá, em 1906, o Nobel da Medicina; 1906, Marconi e a telegrafia sem fios, «telecomunicação», uma palavra nova; a emigração para os E.U.A., 12 milhões de pessoas até 1954; o caso Dreyfus, em 1906 este capitão francês, perseguido e falsamente acusado de traição por ser judeu, é reabilitado; implantação da República em Portugal, 5 de Outubro de 1910; a criação da bandeira e do Hino de Portugal, com música de Alfred Keil e letra de Henrique Lopes de Mendonça; o salazarismo; o franquismo; a guerra de Espanha (1936-1939); o naufrágio do Titanic (1912), tal como o Titanic um longo século XIX afundava-se nas

profundezas, símbolo profético do desmoroamento da sociedade; dois anos depois, tinha início o primeiro grande conflito mundial, 10 milhões de mortos; Diesel inventa o motor com o seu nome que, com enorme êxito, substitui a máquina a vapor; nasce o «fecho éclair», em 1912; John Pulitzer (1847-1911), considerado o pai do jornalismo moderno, criou com o seu nome um prémio de jornalismo; Marcel Proust (1871-1922), Prémio Goncourt em 1919, não chegou a ver o último dos sete volumes da sua obra mais conhecida «Em Busca do Tempo Perdido» que saiu do prelo em 1927, cinco anos após a sua morte; Ernest Rutherford, pai do átomo moderno, Prémio Nobel da Química em 1908; 1918, o assassinato de Sidónio Pais; dois cientistas canadianos, Frederick Banting e Charles Best, com a colaboração do também canadiano John McLeod isolam a insulina criando novas esperanças para os diabéticos, ganham o Prémio Nobel da Medicina em 1923; 1915, nasce a aspirina, da Bayer evidentemente; no mesmo ano, invenção do pirex, resistente ao calor e à pancada; 1916, José de Almada Negreiros, (1893-1970), publica o «Manifesto Anti-Dantas»; a Revolução Soviética, o Outubro Vermelho de Lenine, 1917; John Reed, (1887-1920), jornalista americano autor do livro «Dez dias que abalaram o mundo», reportagem sobre a revolução russa que foi um sucesso editorial; 1922, Sacadura Cabral (1821-1924) e Gago Coutinho (1869-1959) fazem a travessia aérea do Atlântico Sul desencadeando uma onda de fervor patriótico; 1921, A Noite Sangrenta foi um dos mais abjectos crimes políticos do século XX português. Na noite de 19 de Outubro de 1921, foram executados, a tiro e à baioneta, alguns dos importantes nomes da República: António Granjo, José Carlos da Maia, Machado dos Santos, Freitas da Silva e Vasconcelos e Sá; 1921, Mussolini funda o Partido Fascista Italiano; 1923, os primeiros métodos de planeamento familiar pela britânica Maria Stopes, a igreja e os médicos iam-na comendo viva, acabou por ganhar a batalha nos tribunais; a descoberta da penicilina pelo bacteriologista escocês Alexander Fleming, em 1928, estando disponível como fármaco desde 1943, salvou milhares de soldados aliados. Tinham acabado de nascer os antibióticos que vinham pôr termo a doenças até então incuráveis como a sífilis, gonorreia, pneumonia e meningite, é-lhe atribuído o Nobel da Medicina em 1945; André Breton funda o surrealismo em 1924 que marcará a cultura do século; 1926, o escocês Baird e as primeiras imagens a que chamou televisão; 1927, o primeiro filme sonoro, Al Jolson, pintado de preto, interpreta «The jazz singer». Este filme deu à Warner o estatuto que lhe permitiu chegar aos nossos dias. Ninguém reparou na mediocridade do filme, o som era o importante. Longe vinha o tempo da consagração dos negros no cinema; 1929, Outubro, quinta-feira negra em Wall Street, o crash, a bolsa desmorona-se, a grande depressão; Manuel de Oliveira realiza o seu primeiro filme, 1931, «Douro Faina Fluvial», seguido, em 1941, por «Aniki Bobó»; a II Guerra Mundial, 1939-1945; os campos de concentração nazis, 6 milhões de mortos; o julgamento de Nuremberga; a criação do Estado Judaico Sionista de Israel, 1948; 1948, criação da Organização Mundial de Saúde, com sede em Genebra. Entre outras coisas organiza a prevenção de epidemias e o controlo de produtos farmacêuticos; 1947, descoberta pelo químico americano Frank Libby do Carbono 14, que permite avaliar a idade de um organismo que viveu em tempos remotos, abrindo caminho à datação de achados de arqueólogos, geólogos, etc.; Egas Moniz (1874-1955) Prémio Nobel da Medicina, em 1949, com a revolucionária operação - a leucotomia pré-frontal; Primavera de 1953, Cavendish, UK. Jim Watson, americano, descobrem, juntamente com Francis Crick, britânico, a estrutura do ADN, que lhes dá o Prémio Nobel; 1955, Jonas Salk cria a vacina contra a poliomielite ou paralisia infantil, erradicando esta

grande praga, cujas principais vítimas eram as crianças; nasce a Gulbenkian, 1956; 7 de Março de 1957, começam em Portugal as emissões regulares de Televisão; o fenómeno Delgado; a guerra colonial; a guerra do Vietname; o assassinato do escultor José Dias Coelho pela Pide, com um tiro nas costas; nasce Brasília projectada pelos arquitectos Óscar Niemeyer e Lúcio Costa; a revolução cubana; o mito «Che» Guevara; a União Soviética põe em órbita o primeiro ser humano; João XXIII, o Papa que põe ou tenta pôr, a Igreja em dia; a pílula e a libertação da mulher; o desembarque dos americanos na lua; o 25 de Abril de 1974; a revolução neo-liberal, Thatcher e Reagan são os seus lamentáveis heróis; 1998, o escritor português José Saramago ganha o Prémio Nobel da Literatura; a sida espalha-se pelo mundo; o narcotráfico, o consumo de drogas e o seu aumento exponencial; a entrada de Portugal na Comunidade Europeia; o conflito israelo-árabe; o fim do apartheid; a libertação de Nelson Mandela; a criação do euro.

Os livros e a sua leitura exerceram uma influência excepcional na nossa formação. Autores como, Camões, Eça, Aquilino, Raúl Brandão, Soeiro Pereira Gomes, Alves Redol, Miguel Torga, Irene Lisboa, Ferreira de Castro, Manuel da Fonseca, Régio, Santareno, Rodrigues Miguéis, Jorge de Sena, Carlos de Oliveira, Namora, Urbano Tavares Rodrigues, Cardoso Pires, Virgílio Ferreira, etc., etc. e, ainda, os estrangeiros, Sartre, Simone de Beauvoir, Camus, Huxley, o de «A Guerra dos Mundos», com que Orson Welles, em 30 de Outubro de 1938, num célebre programa de rádio, lançou o pânico na Costa Leste dos Estados Unidos, aterrorizando os americanos que julgavam estar a ser invadidos por marcianos!!!; Graham Green o grande escritor inglês, católico, autor de, entre outros, «O Terceiro Homem», adaptado ao cinema e considerado um dos maiores filmes da cinematografia inglesa, realizado por Carol Reed, com a célebre banda sonora em cítara; Aldous Huxley e «O Admirável Mundo Novo»; Selma Lagerlof, Graciliano Ramos, Josué de Castro, o grande etnólogo brasileiro; André Malraux, Arthur Miller, o dramaturgo americano mais famoso do pós-guerra, «A morte dum Caixeiro Viajante» que vimos no TEP, inesquecível, com João Guedes no papel principal que parecia feito para ele, mas a mais representada de todas as peças de Miller, continua a ser «As Feiticeiras de Salém», cujo conteúdo é o mccartismo. Este escritor e dramaturgo americano foi um dos perseguidos pelo Comité de Actividades Anti-Americanas, um período de fascismo convulso sob a direcção do reacionário senador McCarthy. Quando em 1947 este Comité dirigido por Parnell Thomas começou a investigar actores, escritores, argumentistas, etc., hasteando a bandeira da extrema direita e apelando à denúncia, Hollywood submeteu-se sem reservas. E ainda Hemingway, Steinbeck, Fitzgerald, Faulkner, Caldwell, Dos Passos que se evidenciaram num período de descalabro económico e preocupantes tensões políticas de amarga e profunda solidão.

As minhas palavras finais têm de ser de reconhecimento e homenagem ao meu amigo, ao artista e ao cidadão e a todos aqueles que, ao longo do tempo, usufruindo e capitalizando o conhecimento e a sabedoria postos ao seu alcance, se foram construindo nas pessoas que são hoje a quem admiramos e estimamos.

Lido na inauguração da exposição «A Poesia Fílmica e as Artes Plásticas» no Salão da Câmara Municipal de Barcelos, em 25 de Junho de 2011.

Breve adaptação do texto para a sua publicação na revista *Presença*, em 2016.

A autora escreve de acordo com a antiga ortografia.

DEM AÍ UMA BONEQUINHA

Texto de Maria Florinda Almeida

Médica Oftalmologista

Ilustrações de Marília Almeida

Professora do Ensino Básico

► O dia amanhecera sem nuvens, apenas uma neblina humedecia o ar fresco daquele final de outubro. O sol, acordando preguiçoso e menos corado, aquecia a terra com suavidade. Não era aquele sol abrasador, qual fomalha ardente, esquentando os longos dias de verão, amorenando as gentes, avivando as sardas das peles claras, amadurecendo os frutos nas árvores, as uvas nas ramadas. Esse verão já partira e o outono instalara-se trazendo o dourado do cair da folha, atapetando campos e caminhos, abafando, assim, o som dos passos de quem os percorria. Um certo romantismo pairava no ar. A serenidade envolvente era apenas quebrada pela azáfama das últimas colheitas, particularmente, das vindimas mais tardias. Colhiam-se as uvas tintas, de castas bem

azedinhas, contudo, indispensáveis para o tão apreciado vinho verde do Douro Litoral.

Numa ou noutra quinta mais vasta ou em alguns retalhos de terra de pequenos proprietários a azáfama agrícola ainda era expressiva, com homens carregando aos ombros cestos peçados de uvas e mulheres equilibrando-os na cabeça, apoiados nas típicas rodilhas.

Ao entardecer, o ritual do pisar das uvas, alongando-se noite adentro, em grande algazarra que a todos contagiava, a pouco e pouco, fora esmorecendo. Era preciso terminar toda a aquela atividade antes do frio e chuva chegarem e a vida decorrer, mais íntima e recolhida, no interior morno das casas. A quietação fora-se impondo. Era tempo de guardar, cuidadosa e criteriosamente, a riqueza que brotara da terra e que a todos alimentaria nos meses mais sombrios que se aproximavam. Batatas em tabuleiros meio escondidos para a claridade não as fazer grelar, as mais pequenas apartadas e protegidas para as novas sementeiras, cabos de cebolas, bem entrançados, penduravam-se ao longo das paredes, frutas diversas e mais resistentes, também se acomodavam, garantindo-se, deste modo, mesmo no inverno, variedades para além da chamada fruta da época. E tudo mais, que se possa imaginar, atarefadamente, se fazia naquele sossego outonal. Para os gaiatos os serões, ao ar livre, tinham terminado. A regra, deitar cedo e cedo erguer, para chegarem a horas à escola, ressurgira. Quando muito, depois do jantar, poderiam entreter-se ouvindo as conversas de pais e avós até o sono chegar e, nas suas caminhas, dormirem profundamente.

Assim acontecia, também, naquela casa avelhantada pelos muitos anos que lhe pesavam. Ainda que caiada de branco, este já era manchado, aqui e ali, pelo esverdeado do musgo que, teimosamente, se entranhava mesmo nas fendas do granito do andar térreo, à conta da humidade trazida pelos



invernos chuvosos e, tantas vezes, gélidos.

Para a pequenina Maria o edifício era tristonho e um tanto misterioso. Contudo, agradava-lhe. Fantasias as historinhas, que lhe contavam, com fadas, príncipes e gnomos ou, até, alguma bruxa má, ficava mais fácil. Gostava de cirandar na loja grande que largas portas envidraçadas, na fachada principal, deixavam ver a rua, os montes profusamente arborizados de pinheiros e eucaliptos e, o rio deslizando no vale. Ao fundo, outra loja mais escura, onde se amontoavam lenha e "irguiço", permitia,



através de dois lanços de escada de madeira rangente, alcançar a sala de entrada na área de residência.

Maria, quando acordou naquela manhã, não teve a mãe para a vestir, pentear, dar-lhe o leitinho saboroso acompanhado do pão branquinho de regueifa com queijo. Maria adorava queijo, especialmente o que vinha da venda do avô materno. Não houve mimos da mãe para ela nem para o irmãozito um pouco mais novo, mas muito traquina e, praticamente, do seu tamanho - era rapaz, diziam. As brincadeiras dele não agradavam a Maria, criança bem-disposta e tranquila. As bonecas de trapos e as roupinhas janotas, que as tias amorosamente lhe faziam, eram a sua predileção. Bonecas de loja não tinham tanta graça.

O vaivém na casa era marcante, mas nada tinha a ver com vindimas ou tarefas afins. Até se esqueciam de Maria e do irmão. Este último permanecia indiferente à mudança. Maria, não. Percebia que algo de extraordinário estava ocorrendo. Não viu a mãe e não podia entrar no quarto dela. Não dormira na sua caminha de grades azuis. Pareceu-lhe ouvir a voz aflita da mãe. Avó e tias movimentavam-se num corropio apressado. Uma senhora estranha chegara. Ninguém chorava, mas os rostos não se abriam em

sorrisos. Palavras, só as indispensáveis. Levavam e traziam coisas do quarto da mãe. Maria sentia-se assustada. Apenas uma prima, já bem moça e namoradeira, é que lhe concedia alguma atenção.

De olhar receoso e inquiridor, encostou-se ao canapé de madeira escura e palhinha, da sala de entrada frente à cómoda alta com grandes gavetões, onde pousava o Oratório que protegia um Cristo crucificado e os santos da avó. Encostara-se ali, porque podia ver a porta do quarto da mãe. Por vezes, tentava aproximar-se, porém sem êxito, Sempre alguém a empurrava, pois Maria, no meio do caminho, só atrapalhava. Ouvia, de novo, a voz da mãe. Estava aflita, tinha a certeza. O que se passava, afinal? A angústia invadira Maria. As lágrimas quase saltavam dos seus olhos amendoados. Viu a prima moçoila e, num ímpeto, correu para ela que a ergueu e segurou nos seus braços.

- Então, Maria? O que é isso? Que lagriminha é essa?

A lágrima rolou pela face, agora pálida, de Maria. Rodeando o pescoço da prima com os bracinhos, disse:

- Se a minha mãe morer (ainda falhava nos erres) fico contigo.

- Claro que ficas comigo respondeu, prontamente, a prima, sorrindo e balançando-a com ternura.

- Não estejas aflita. A tua mãe está bem. Está à espera de uma bonequinha.

- Qué? Balbuciou Maria. Estranho!... A mãe gritar por causa de uma boneca!... Era incompreensível!!

A prima insistiu.

- É, sim. Vem aí uma bonequinha, e de avião.

- De avião?

- Sim, de avião. Vai brincar que eu logo te digo quando a bonequinha chegar.

A ansiedade de Maria cresceu no seu peito. No seu coração, a angústia dera lugar à excitação. Uma bonequinha estava prestes a chegar e de avião!!

Maria esqueceu a mãe e o quarto interdito. Só pensava no avião, na sua aterragem e na bonequinha. Desprendeu-se dos braços da prima e, célere, quase voou para o pequeno pátio donde se alcançava a cozinha, subindo uns poucos degraus ou a rua, descendo uma longa escadaria. Apoiou-se no gradeamento em ferro forjado, protetor de quedas perigosas, e dali, sustendo a respiração, ergueu o olhar e perscrutou, atentamente, o céu. Nem uma nuvem ensombreada a sua bela cor azul cheia de luz. Não viu nenhum avião. Aguardou uns instantes. Nada se modificou naquela abóbada grandiosa. Nada que se parecesse com um avião surgindo no horizonte. Nem um pássaro com o seu cantar quebrou o pesado silêncio daqueles instantes.

Maria lembrou-se, então, que não conseguia ver todo o céu. E se o avião se dirigisse para as traseiras da casa? Lá, haveria, sem dúvida, mais espaço para o avião aterrar. Oh! Como desejava tanto ver o avião e a bonequinha! Uma bonequinha que chorava e mexia os bracinhos e as mãozinhas. A prima moçoila explicara-lhe que era uma bonequinha como ela, mas mais pequenina.

A excitação assustava, um tantinho, Maria. A novidade era tão especial que lhe roubava a coragem de assistir sozinha àquele espetáculo inesperado e único.

Mas quem se disporia a ir com ela? Além disso, as traseiras da casa eram um lugar proibido. Só os adultos tinham permissão para tal. Contudo, naquele dia açodado, quem daria conta da sua incursão aventureira pelo vasto terreno cheio de vinhedos, sem fim à vista? Pensou no irmão. Não lhe agradava a ideia, pois ainda recordava a martelada que ele lhe dera, só porque Maria se sentara numa covinha que ele fizera no quinteiro - espaço fronteiro da casa, resguardado por um muro finalizado, em cada extremo, por dois portões. Um, pequeno de desenho simples, e outro, grande, mais trabalhado, ambos acastanhados pela ferrugem. Foi à traição. O irmão veio de man-



sinho e acertara-lhe na sua linda cabecinha com um martelinho de pregar tachas. Sabe-se lá como o arranjará!... Ao choro de Maria acorreram familiares e caseiros. Um tio exclamou, admirado:

- Olha o maroto, magoou-a de verdade.

Fizeram-lhe o curativo necessário, que doeu tanto como a martelada. Enfim, Maria tinha de arriscar. O irmão era a única hipótese de ter companhia e o acontecimento era por demais fascinante para o enfrentar sozinha.

Procurou de imediato o irmão, dizendo-lhe sem preâmbulos:

- Vem, vem depressa ver um avião que traz uma bonequinha!

Que maçada! Foi a expressão que Maria leu no semblante do irmão. Não desanimou e insistiu.

- Anda! Anda comigo! - e puxou-o pela manga.

- Não queres ver o avião?

A palavra avião despertou nele alguma curiosidade e lá se deixou arrastar para o carroiro nas traseiras da casa e, de seguida, caminhar com a irmã, aos tropeções, por entre as videiras.

No entender de Maria, aquele era o sítio ideal para esquadriñar o céu, vislumbrar o avião a aterrar e a largar a bonequinha. O seu coraçãozinho batia rápido e o seu olhar nada mais via a não ser o azul claro e sedoso daquele céu magnífico. A dada altura, pensou:

- Será que demorei e o avião já veio e já partiu? Não podia ser. A prima não dissera mais nada. O avião não aparecia. Continuou a esperar. O irmão, que fora a contragosto, já



se impacientava. Não saía da vinha porque Maria lhe segurava a manga da camisola. A espera aborreceu-o de vez. Onde estava o avião?

- A prima disse que vem, e traz uma encomenda. Espera.

Passara tempo demasiado para aquele irmão que não queria saber de bonecas.

Deu um puxão e encaminhou-se para a casa a fim de continuar as suas brincadeiras. Maria, descorçoada, seguiu-o olhando, continuamente para os vinhedos, para o céu, para todos os lados. Não conseguia ficar só. Era muito para ela.

Mal chegara à entrada da sala do canapé de palhinha e da cómoda encimada pelo Oratório da avó, quando a prima, eufórica, a questionou:

- Por onde andaste? A bonequinha já chegou.

- Hem? Maria emudeceu. A prima continuou:

- É muito bonita e rosadinha. Daqui a pouco levo-te para a veres.

Ai! Que desilusão. Maria não sabia que dizer ou, sequer, pensar. Como foi possível o avião chegar e partir sem ela ver ou ouvir nada? De rosto contristado, silenciosamente, virou costas à prima e buscou o irmão. Desta vez, com coragem, gritou-lhe:

- A culpa foi tua. Toda tua. Não vieste logo e o avião já tinha ido embora quando chegámos.

O irmão nem se deu ao trabalho de responder. Maria, regressou a casa, depois de tamanha frustração e, desta vez, trepou para o canapé. Balançou o pezinho e os seus olhos, marejados de lágrimas, quedaram-se num vazio.

Um dia lindo, iluminado por um sol suave, sem nuvens no céu, todos contentes, falando e rindo e ela suspirando desconsolada. Perdera algo muito especial. Um avião cruzando os ares, rasando a casa, poisando de mansinho e dele saindo uma bonequinha. Talvez viesse já pendurada na asa do avião. Foi tudo tão breve que Maria a nada assistira. Tudo por causa da preguiça e casmurrice do irmão.

Ouviu distraidamente uma voz:

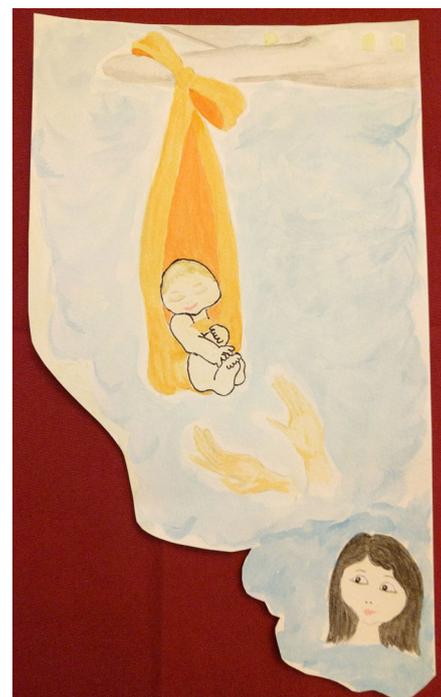
- Maria queres ver uma menina como tu?

Encolheu os ombros e, caladinha seguiu para o quarto da mãe. Esta, apoiada em grandes almofadas brancas, descansava na cama grande, como se tivesse finalizado uma longa e penosa viagem. No berço, uma menina parecia dormir. Era mesmo peque-

nina, o rostinho com bochechinhas cor-de-rosa, como a prima dissera. Maria tocou ao de leve nos seus dedinhos. Estes mexeram-se e Maria riu no seu íntimo.



Depois, manteve-se, aparentemente, indiferente ao cenário. Mas o que parecia não era. Apenas, sem querer, alheada da realidade, via, extasiada, um avião riscando o céu azul brilhante, aproximando-se das vinhas, planando junto da janela do quarto que dava, justamente, para as traseiras da velha casa e, através daquela, uma bonequinha embrulhada num xaile, pendurada por um vistoso laçarote na asa do avião, pousava devagarinho nas mãos da sua mãe que, a recebia, jubilosa e sorridente.



REABERTURA DA TORRE DOS ALCOFORADOS

Rosário Correia Machado
Diretora da Rota do Românico

► A Torre dos Alcoforados assistiu, no dia 18 de janeiro de 2016, a uma nova página da sua já longa vida, com a inauguração da obra de requalificação de que foi alvo.

Na cerimónia, que assinalou a reabertura desta Torre após um longo período votada ao abandono e à inevitável ruína, estiveram presentes o Prémio Nobel da Paz 1996 e antigo presidente da República de Timor-Leste, José Ramos-Horta, o presidente da Câmara Municipal de Paredes, Celso Ferreira, o presidente da Junta de Freguesia de Lordelo, Nuno Serra, e a diretora da Rota do Românico, Rosário Correia Machado, entre muitos outros convidados.



Integrada na Rota do Românico em 2010, a Torre dos Alcoforados foi alvo, a partir de fevereiro de 2014, de uma vasta intervenção de salvaguarda e valorização, que incluiu a remoção das principais dissonâncias da Torre, a construção da sua cobertura, o fecho de vãos, a recriação dos pisos, a instalação de infraestruturas e equipamentos, bem como de uma plataforma metálica de acesso ao seu interior.

Procedeu-se igualmente à demolição integral de um edifício localizado nas proximidades, salvaguardando a recuperação da plataforma de acesso à Torre e à casa rural. Esta casa foi também objeto de requalificação, através da demolição da estrutura interior e da cozinha anexa, da reconstrução da cobertura e dos pisos interiores, do fecho de vãos e da construção de uma casa de banho de serviço. Este edifício foi convertido, entre outras valências, em Centro de Informação da Rota do Românico.

A intervenção na Torre dos Alcoforados representou um investimento de cerca de 285 mil euros, cofinanciado em 85% pelo ON2 - O Novo Norte e QREN, através do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional, e em 15% pelo Município de Paredes.

Classificada como Imóvel de Interesse Público desde 1993, a Torre dos Alcoforados constitui um estimável testemunho da *domus fortis*, a casa senhorial fortificada, no território do Vale do Sousa.

Apesar de intitulada dos Alcoforados, pensa-se que antes destes foram senhores os de Urrô, prováveis mentores da construção no século XIV, e, depois, os Brandões, família ligada às elites urbanas do Porto.



A nova vida da Torre

Os primeiros meses da requalificada Torre dos Alcoforados foram marcados por uma enorme curiosidade por parte dos habitantes locais e de forasteiros, que se traduziu num elevado número de visitas individuais ou em grupo, guiadas ou livres.

A Torre acolheu igualmente diversas iniciativas de cariz cultural, destacando-se três exposições temporárias e a apresentação de um livro.

A primeira exposição, intitulada "Rota do Românico - Caminho de Encanto", esteve patente desde a reabertura da Torre dos Alcoforados, a 18 de janeiro, até ao dia 13 de março. Da autoria de Norberto Valério e Miguel Gomes, era constituída por um conjunto de fotografias e poemas que remetiam para o património da Rota do Românico.



Depois, entre o dia 22 de julho e o dia 29 de setembro, foi a vez de uma pequena mostra de miniaturas de madeira de alguns monumentos da Rota do Românico, elaborada por alunos do Centro de Formação Profissional das Indústrias da Madeira e Mobiliário (CFPIMM), de Lordelo.

No dia 25 de setembro, a Torre dos Alcoforados foi o cenário do lançamento do livro "Para lá de Bagdad", de Alberto S. Santos.

Por último, a 1 de outubro, foi inaugurada a exposição "Alma Tua", de Miguel Gomes e Norberto Valério. Constituída por fotografias e texto (poesia e conto), procura mostrar a beleza das terras e das gentes do Vale do Tua.

A JUSTIÇA E O RELÓGIO

Sílvia Rebanda
Advogada

► Li algures que a Justiça ignora tudo aquilo que veio trazer aos tempos atuais um ritmo de maior velocidade.

Tenho para mim que o que a Justiça ignora mesmo é o relógio! Isto sim, parece-me exceder os limites que são concedidos à ignorância de uma entidade, por mais abstrata que seja.

Por norma, os julgamentos são todos marcados para as 9h30. Às vezes, as testemunhas, as partes, os advogados, os escrivães, os oficiais de Justiça, todas as rodas que hão de fazer funcionar a poderosa máquina da Justiça estão a postos às 9h30. Mas, o juiz não está e sem o juiz a máquina não trabalha. Quando, às 10h30, o juiz dá entrada no tribunal, inicia-se o primeiro julgamento. Às vezes, o juiz só chega às 11h, porque demorou mais tempo no trânsito ou ficou preso no elevador. Entretanto, todos os interessados nos julgamentos seguintes, esperam! Duas horas para um julgamento, não é exagerado. E, às 13h, porque já são horas de almoço, não vale a pena começar novo julgamento. Então, o senhor juiz adia todos os serviços. E os advogados, as testemunhas e as partes regressam aos seus escritórios, aos seus estabelecimentos e às suas vidas com a manhã e, por vezes, o dia inteiro perdidos e na expectativa de outra manhã igualmente inutilizada, quando o julgamento vier, enfim, a realizar-se.

Outras vezes, o juiz, o escrivão, o réu e o autor estão presentes à hora fixada para o julgamento. Mas, desta vez, é o advogado que se atrasa noutra diligência e telefona para o tribunal pedindo desculpa pela demora. O tribunal aguarda que o advogado chegue e, só depois, o julgamento principia.

Acontece, ainda, o juiz chegar realmente às 9h30. E nada o impede de iniciar imediatamente o julgamento. E, se os advogados, as testemunhas e as partes, confiados no costumado atraso da Justiça, chegarem meia hora mais tarde, aí temos uma série de dissabores dos quais nem vale a pena falar...

Mas, perguntará o público desconhecedor destas coisas da Justiça: pode-se prejudicar assim, sem mais nem menos, a vida das pessoas? Pode. A testemunha, se não comparecer nem justificar a falta com um atestado de doença, sofre uma penalidade. Para a parte e para o advogado, também há sanções. E para o juiz? E para o tribunal? Não há sanção nenhuma.



No entanto, o juiz e o tribunal, devem à Justiça que administram o mesmo respeito e veneração que o réu, o autor, o advogado, o escrivão e a testemunha. O juiz é um colaborador da Justiça e não a Justiça em si mesma. E se todos nos curvamos perante a Justiça, não me parece que devamos igualmente curvar-nos ante o tribunal. Daí, o podermos perdoar à Justiça quando chega tarde, mas não termos de perdoar ao tribunal se chega atrasado. E o respeito devido ao tribunal, como transmissor da Justiça, deve estar na razão direta do respeito que esse tribunal dedica à Justiça que transmite.

Espalhem-se relógios pelas salas dos tribunais! Instalem-se carrilhões, se tanto for necessário! Torne-se obrigatório que o advogado, o juiz, o escrivão, o réu e o autor possuam relógios de algibeira!

E, prevenendo, desde já, a hipótese de não ser universal a ciência das horas, exiba-se, para inscrição na Ordem, para os concursos do Ministério da Justiça, para a concessão de cartão de cidadão, documento comprovativo de que os candidatos têm relógios e sabem ver as horas!...



VIAGENS DE ANTANHO (II)

Vítor Moreira

Professor do ensino Secundário

A torre dos Alcoforados

► No número anterior desta revista “falei” do Lordelo dos meus tempos de criança e de um outro Lordelo, ainda muito mais antigo, com séculos de existência. Recordei um Lordelo rural, que esteve dividido em três partes, uma pertencente a Refojos de Riba d’ Ave, outra pertencente ao julgado de Aguiar de Sousa e outra, muito pequena, que pertenceu à Honra de Frazão, onde era mencionada a torre dos Alcoforados.

Hoje vou dar a conhecer esta torre, que considero um dos monumentos mais importantes da nossa terra e tem um inegável valor histórico. Será mais uma viagem de antanho, através de um Lordelo longínquo, que se perde no tempo dos nossos antepassados e... vai terminar nos dias de hoje, levando-nos a sítios de uma beleza sem par.

Foi com imensa satisfação que tive conhecimento da restauração a que a torre foi sujeita recentemente e que veio salvaguardar, preservar e valorizar o património de Lordelo.



Fotos da Torre dos Alcoforados antes e depois da restauração

Esta torre também é conhecida por torre de Lordelo, torre dos Mouros, torre Alta e torre de Arco Furado. Faz parte da Rota do Românico desde 2010 e foi classificada como “Imóvel de Interesse Público”, em 1993.

O visitante, ao chegar perto deste monumento, tem a sensação de ter invertido a marcha natural da sucessão cronológica dos dias e anos e ter sido transportado num recuo de séculos pela máquina do tempo. Mas não pense ter na sua frente a torre de um castelo!... Essa torre é um “domus fortis”, também chamada casa-forte ou casa-torre. Foi uma residência de nobres ou famílias abastadas da Idade Média, e nada teve a ver com a defesa militar do território e sua população. Deve ter sido construída por volta do século XIII, quando estiveram em voga construções desse tipo, que são parecidas com as torres de menagem de castelos e foram, nesses tempos, símbolo do poder senhorial. Pode dizer-se que, neste tipo de residências, a arquitetura civil foi buscar inspiração à arquitetura militar. Assim sendo, pode afirmar-se, com toda a certeza, que a torre dos Alcoforados foi construída não para defesa da população de ataques inimigos, mas para residência particular de grandes senhores. Nas pesquisas que fiz, não consegui encontrar a data precisa da sua construção nem quem a mandou edificar. Nas Inquirições de 1258 ainda não era referenciada, mas encontrei referências como tendo sido pertença dos de “Urrô”, “Brandões”, “Sousas”, “Silvas” e “Alcoforados”. A árvore genealógica dos seus proprietários é de difícil descrição e escasseiam fontes fidedignas.

Descrição da Torre (anterior à recente restauração)

A sua construção, no cimo de um outeiro, assenta num afloramento granítico e tem planta quase quadrangular, cerca de 8,5 m x 8,2 m. A sua altura não chega aos 10 m e faltam-lhe algumas fiadas de silhares na parte superior. Orifícios existentes nas paredes interiores, destinados ao travejamento dos sobrados, permitem concluir que teria três andares e as suas paredes chegam a ter uma espessura de 110 centímetros. À volta desta torre, deviam ter existido



outras dependências de apoio, como cozinha, estábulos, celeiros e alpendres, que teriam desaparecido por serem construídas em madeira e outros materiais de fácil degradação.

A fachada principal tem uma porta de entrada com 2,35 m de altura e 1,25 m de largura. Na parte superior possui um arco de volta inteira composto por oito aduelas e uma verga em arco composta por quatro. Entre estes dois arcos existe um espaço vazado. Nesta porta, veem-se na padieira os característicos buracos para os gonzos. Na fachada principal, além da porta, existem duas janelas de estilo gótico, colocadas a níveis diferentes e com duplo arco. A do piso intermédio é de maiores dimensões e, no interior, possui dois bancos laterais. Entre esta janela e a porta principal há um entalhe em sulco inclinado com cerca de quatro metros de comprimento, que deve ter servido a um telhado de alpendre ou anexo adossado a esta fachada. Vários outros entalhes para encaixe de traves se espalham por esta parede exterior, denunciando sucessivas utilizações.

Na fachada do lado direito à principal, abrem-se apenas duas janelas idênticas às da fachada principal, apenas divergindo na disposição relativa, a inferior encontra-se deslocada para a direita do observador.

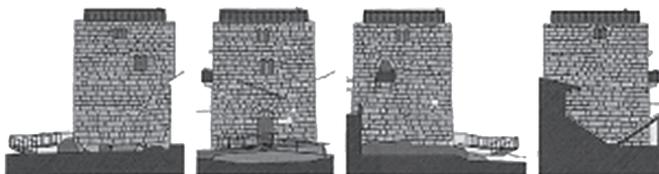
A fachada oposta à principal, semiencoberta por uma habitação particular, ostenta uma única janela no piso superior.

Na fachada esquerda à principal e um pouco deslocada para a esquerda, existe, ao nível do primeiro andar, uma porta em arco apontado com aresta exterior cortada, a qual terá possuído um balcão. Acima deste, sobressaem dois cachorros salientes. Ao nível do piso mais elevado e mais ou menos centrado, existe aqui também um par de frestas geminadas.

Pelo interior, verifica-se que todas as aberturas, tanto as portas como as janelas, rematam em arco abatido. Há janelas que apresentam as chamadas “conversadeiras”, bancos em pedra que serviam para longas conversas, colocando os intervenientes frente a frente. Quantos namorados se terão ternamente olhado, sentados nesses bancos? E quantos velhinhos terão recordado os longos anos já vividos? Estes típicos bancos também permitiam observar a beleza da paisagem envolvente e devem guardar e esconder centenas de histórias que por eles passaram. Se falassem, teriam muito para contar...

É natural que a torre, ao longo dos séculos, tenha sofrido várias intervenções.

Como já disse, foi recentemente restaurada e a sua inauguração realizou-se no dia 8 de janeiro de 2016, com a presença do prémio Nobel da Paz, D. José Ramos Horta, do presidente da Câmara, Dr. Celso Ferreira, do presidente da Junta de Freguesia, Nuno Serra, entre outros.



Pormenor da recente restauração

Dos trabalhos realizados merecem destaque a construção da cobertura, a colocação dos pisos interiores e o acesso à porta de entrada por uma plataforma metálica. Este restauro teve um investimento de 285 mil euros e está prevista uma 2.ª fase destinada à construção de acessos a viaturas e peões, à reabilitação dos espaços verdes adjacentes, à criação de zonas de lazer e conclusão do equipamento de apoio aos visitantes. Só espero que esta 2.ª fase não caia no esquecimento!



Inauguração

O leitor pode encontrar uma descrição mais pormenorizada da torre, lendo publicações sobre “A Rota do Românico” e outros estudos.



Exterior da Torre

É de referir que o edifício que se vê ao lado da torre, também foi restaurado, e poderá vir a dar apoio à torre.

As pontes de Lordelo e a paisagem ribeirinha

Esta torre, como já disse, foi residência de nobres ou famílias importantes. Vamos imaginar que, nos dias de hoje, um dos seus proprietários, cansado da solidão vivida dentro das suas cinzentas paredes de um granito sem alma, iria dar um passeio a pé pelas margens do rio Ferreira e suas ribeiras.

Descendo a encosta, encontraria a ribeira da Feteira, que passa no seu sopé e desagua no rio Ferreira que, serpenteando, corre até aos moinhos de Penhas Altas, passa na nova ponte da Amizade... e vai terminar no rio Sousa. Que pontes encontraria esse caminhante e de que paisagens poderia desfrutar? Vamos tentar acompanhá-lo no seu percurso e dar asas à imaginação... A paisagem é bela, garanto. Desfrutei dessa beleza quando fui um pescador sem grande sucesso... Agora o rio nem peixes tem, a poluição matou-os, sem dó nem piedade...

O passeante, se subisse a ribeira da Feteira, encontraria a ponte do Taio e poderia ir até à zona Industrial. Se descesse a ribeira, logo abaixo da torre, encontraria a ponte do Viveiro, na EN 209 e, mais abaixo, a ponte pedonal da Giesta ou Raivosa, que chegou a ser em madeira.

Ponte do Viveiro

Já nas margens do rio Ferreira passaria na ponte de Ronfe, onde, muito perto, existiu outrora um engenho de serragem de madeira, movido pela força das águas do rio. Esse engenho veio dar uma ajuda ao fabrico das primeiras cadeiras em Lordelo e ao aparecimento dos carreiros e “despachadeiras”. Talvez fale deles um dia!.. Logo abaixo, encontraria a ponte medieval, hoje conhecida por ponte do Júlio (era o Leal do Cosme, pai do Zé Leal e irmãos). Continuando a caminhar, chegaria à levada do Souto, onde se chegou a captar água para consumo doméstico e, onde criança, cheguei a tomar banho, nos dias quentes de verão. No início desta levada desagua a ribeira da Corela, onde existe uma ponte com o mesmo nome. Logo abaixo da levada, veria o terminal de um esgoto que lança no rio as águas vindas da ETAR de Arreigada.



Aí, talvez pudesse sentir o odor nauseabundo dessas águas que matam peixes e poluem o ambiente. Correndo, para mais depressa se afastar deste pecado ambiental e voltar a sentir a brisa saudável da vida rural, encontraria a ponte velha onde, muitas vezes, passei para ir até ao café do Fernando (irmão do Ribeiro da Silva). Foi nesse caminho que em noites quentes de verão fui iluminado (que exagero!...) pelos pirlampos. É verdade que nessas caminhadas noturnas, vi muitas vezes a luz das fêmeas desses insetos, que resplandecendo, tentavam atrair os machos.



Ponte Velha



Ponte Nova

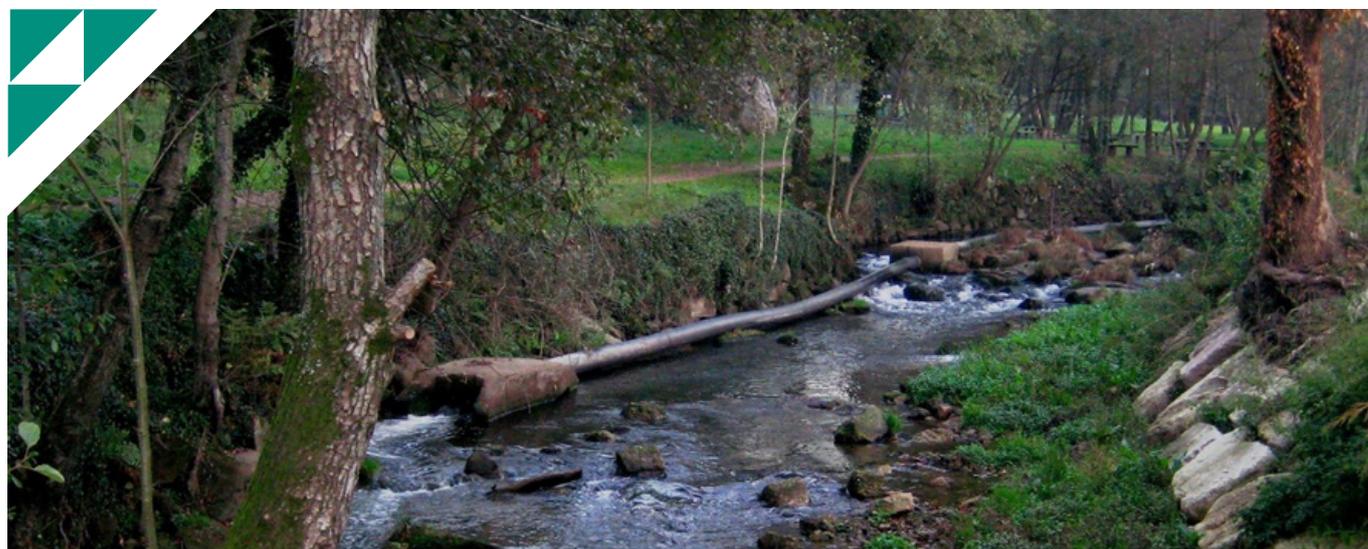


Foto do terminal de descarga da ETAR de Arreigada

Logo a seguir, o caminhante passaria por baixo do arco da Ponte Nova, que foi construída pelo mestre Silva, pedreiro de profissão e meu bisavô. Percorrido o passadiço debaixo dessa ponte, passaria os campos da Petanca, onde encontraria uma nova ponte pedonal. A velha foi levada por uma enchente do rio num dia de inverno. Deambulando pelo parque, daria um passeio por belas zonas de lazer, onde até uma churrascada poderia fazer, em locais próprios para esse efeito. Mais à frente, depararia com a Igreja matriz, seus salões e residência paroquial. Aqui, há séculos, deve ter existido o Mosteiro de Lordelo. Um dia também falarei desse Mosteiro, tão desconhecido da maioria dos lordelenses. Continuando o percurso pedonal, antes de chegar à levada do Tulha, passaria por uma queda de água, que cai de um enorme bloco de granito. Mais abaixo, depararia com a Ponte do Cibo, já em Penhas Altas, e os moinhos ainda em laboração. Antes desta ponte, o caminhante poderia ver o pilar de uma ponte que, em tempos idos, foi construída em madeira. Esta deveria ter sido a "Ponte de Lordello", muitas vezes referida pelos tabeliães, nos muitos documentos, com séculos de existência, que fazem parte do Arquivo Antigo da nossa Paróquia. Esta zona é de rara beleza e aí chegou a iniciar-se a construção de uma mini-hídrica, onde existem

ainda alguns vestígios. Aqui o declive do rio é grande e, mais abaixo, está a Ponte Romana.

Esta será a ponte mais antiga existente sobre o rio Ferreira, no seu longo curso através de Lordelo. Esta ponte é referenciada em vias romanas secundárias com mais de dois milénios de existência. Por ela, há muitos séculos, deviam ter passado peregrinos a caminho de Santiago e exploradores das minas de ouro de Valongo e Castromil. Se o caminhante ainda tivesse pernas para continuar a percorrer as margens do rio Ferreira, ainda encontraria a ponte do Lagar, mais abaixo a ponte do Serrador e outra que existiu chamada de Nova mas que caiu de velha no dia fatídico da queda da Ponte de Entre-os-Rios. O percurso ao longo do rio Ferreira acabaria na Ponte da Amizade e, para retemperar forças, o caminhante já fatigado, poderia tomar banho na chamada praia dos pobres, onde acaba Lordelo e começa o concelho de Valongo...

Antes de chegar à Ponte da Amizade o percurso podia ter um desvio na ribeira da Levadinha com a respetiva ponte sobre a EN 209 e, mais acima, encontraria a Ribeira de S. Roque e a Ponte de S. José.

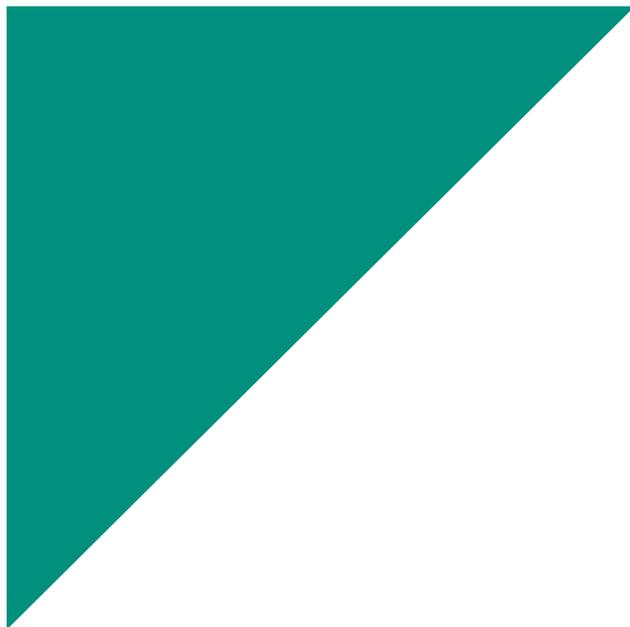
E por agora é tudo...

Há muito para contar sobre Lordelo!...

Até à próxima viagem!



Ponte Romana



Poesia

**Poemas que espelham
a realidade em forma
de sonhos...**

Donzília Martins

Professora do Ensino Secundário

Teu sorriso

O teu sorriso tão leve, tão raro, escasseado,
quando desce ao teu olhar e em teu rosto se atesta,
pinta a ternura de verde
vestindo a casa de festa.
Foi teu sorriso distante, tão discreto, adocicado
que um dia me acenou, para caminhar ao teu lado.
Nessa hora eu hesitei:
será que é este o sorriso, tão parco, vindo de longe,
o mesmo com que sonhei?
Na minha cogitação, meu coração em flor
disse que aquele era o sorriso com que brincava o amor.
E, na falta de palavras, silêncio lançado ao vento,
peguei nesse teu sorriso.
Nele me prendi todo o tempo.

Rosa vermelha

É dezembro!
As árvores do meu quintal fazem um tapete de folhas
amarelas e vermelhas pelo chão.
As hortências secaram, as camélias ainda em botão.

Olho, desolada, à procura duma flor!
Resta o verde do alecrim e o azevinho de bolas vermelhas.
Todo o resto despido sem flor!

Eis senão quando, como com o junquilha amarelo,
surge ao pé de mim, como por milagre,
quase na minha mão,
elevada em haste espinhosa uma rosa vermelha!
num doce aveludado!

Logo penso:
vou cortá-la e levá-la
ao meu amado.

Janela sobre a praia

Hei de ir lá. Ainda não fui! Vai custar-me tanto!

Do mar, olharei de novo a nossa janela
vazia, fria, coberta de neblina sem ninguém a acenar!
Nem toalha desfraldando para almoço anunciar
nem o teu olhar azul roubando ao céu e ao mar
ou tão pouco o teu sorriso estendido pela mesa.

- Trouxe rojões, gostas? - Bifinhos com cogumelos?
Eu gosto de tudo mas muito mais do teu olhar,
do teu gesto, dos teus dedos compridos a tocar os meus,
do teu silêncio dorido, da tua alma branca.

Sobre a praia da Póvoa, ambos estenderemos o tempo.
Ele virá sem idade, com o teu nome escrito na areia
ou na janela da nossa casa.

Do mar, olharei... olharei... olharei sempre
e sempre tu estarás lá.

Levi Guerra

Médico Internista e Nefrologista
Professor Catedrático Jubilado de Medicina

Tocar a alma humana!

*Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas,
mas ao tocar a alma humana seja apenas outra alma humana.*

Carl G. Jung

Tocar a alma humana!
Mas que é tocar a alma?
Ah! É ouvir a pessoa...
E é falar-lhe!
Também tocar-lhe
Que o corpo vivo a alma contém...

Alguém é sempre pessoa...
Ser de razão e paixão,
De vontade e memória,
De futuro e de história,
Que vive e age na ocasião,
No instante que do tempo lhe soa...

Instante mágico, dir-se-á!
A dizer, depois pelo acontecido...
Um ouvir sem se ter entendido...
Uma palavra que na boca fica estancada,
A alma num simples olhar pendurada
E depois... ver-se-á!

Ser alma pois ante a alma de outrem,
Tentar penetrar a mensagem recebida,
Vinda como... quando... e de quem...
Acolhê-la... que logo não percebida,
Dar ao tempo a necessária extensão
P'ra tudo esclarecer bem... então!

Ah! Sim! Há muitas teorias e pouco saber
Tentativas de tudo explicar,
Sem se perceber que o essencial do existir
É mistério, infindo e inexplicável,
É o abismo do extraordinário e do admirável,
Um livro que só o coração sabe ler...
Linguagem da alma é pois a do coração...

Que o coração fala sem palavras...
Mas também com palavras,
Muitas vezes com o simples olhar...
Senão quando com um terno sorriso...
Decisivamente no quente abraçar...

É a Alma rica, quente e delicada,
Vitima de muitos embustes tidos,
Sobrevivente inesperada
De desesperos incontidos...
Apelando por alma irmã...
Que lhe aparece em luminosa manhã...

Almas que assim se tocam...
Que não apenas em confessionários,
Almas que de longe vêm
E baixas ambições não têm...
Almas que p'ra alimentos necessários
O amor, e a ternura lhes bastam...

P'ra tocar a alma humana...
Ah! Então!!!
Dá atenção!
Tem compreensão!
Tem compaixão!
Há sempre a redenção!...

Odete Mendes

Professora do Ensino Secundário

No hospital

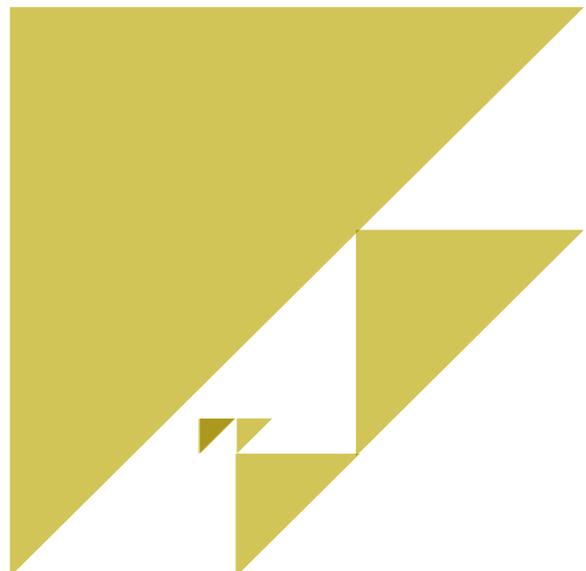
Rostos sérios, tristes
 De gente que dormita,
 Medita
 Desfolha a revista
 Em espera dolorosa
 Dolorida.
 Uma criança andrógina passeia
 Um colar de grandes contas brancas.
 São horas de comer.
 O bar enche-se
 De gente e de cheiros
 E o café é rei.
 Indiferentes,
 As batas brancas e azuis
 Beijam-se e passam.
 Alguém arrasta o mistério
 Dentro de um caixote de cartão.
 Muitos passam: casacos, quispos, parcas, cachecóis..
 Sapatos-barcos,
 Outros de bico e tacões-agulha..
 Calças de ganga muitas
 E muito coçadas, com rasgões, remendos..
 Uma boina preta, afiada em ponta sobre a nuca
 Um anão de andar rígido..
 Neste mundo de odores
 E conversas sem sentido
 Não é possível partilhar a angústia.

Mas eis que os olhos seguem,
 Desejosos de esperança,
 Os gritos agudos, vivos,
 De uma criança
 Que em alegre lida
 Dá pontapés
 Na bola da vida.
 E um sorriso leve
 Colora de um brilho vivo
 O fundo das íris
 Que refletem finalmente
 As suspensas árvores de Natal,
 Vendo aquelas andanças.
 Oh, poeta, que razão tinhas..
 O melhor do mundo são as crianças.

Medos...

Quando tudo é escuridão
 O exército negro avança vitorioso
 Sobre os meus anjos brancos.
 Assustados, frágeis, débeis,
 São destroçados
 E os que não jazem no chão
 Em posições irreais
 Varridos por ventos fétidos
 Arrastam-se doridos
 Pelos fumos da podridão.
 Perdida a inicial brancura,
 Impostos os tons sujos e andrajosos,
 Da sua beleza trágica,
 Grito branco em fundo escuro,
 Ressaltam os olhos enormes,
 Mares profundos
 Da angústia da incompreensão.

Mas quando o dia nasce,
 Da luz que penetra a terra
 Renasce a força.
 Cerro os dentes,
 Ergo o meu pendão ainda claro
 E juntos, os meus anjos e eu, sofridos
 Mas sempre puros,
 Avançamos
 Contra o exército negro
 Que recua
 Com ordem
 Mas sem vontade.
 Enquanto a luz renascer...



Eventos Externos



A Fundação A LORD cedeu os seus espaços - Auditório, Biblioteca, Museu e Salão Nobre -, a título gratuito, a entidades de Lordelo e, com encargos, a organizações que não pertencem à cidade.

No ano de 2016, os espaços foram utilizados por 15 entidades, para a realização de diferentes eventos: dança, música, canto, apresentação de livros, teatro, projeção de filmes e entrega de prémios.

Neste contexto apresenta-se o seguinte quadro:

AUDITÓRIO

18-03-2016

Colégio Nova Encosta

27-05-2016

Aliados Futebol Clube

11-06-2016

Academia de Música e Artes de Freamunde

17-06-2016

Colégio S. José de Bairros

09-07-2016

Associação de Bailado das Antas

23-07-2016

Geração Colorida

29-07-2016

USC Paredes II - Associação Desportiva

30-07-2016

Ginásio Memorial Center

05-11-2016

Astro Fingido

12-11-2016

Grupo Cultural e Recreativo "Os Expansivos"

11-12-2016

Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Lordelo

18-12-2016

Associação Código Musical

BIBLIOTECA E MUSEU

09-12-2016

Diana Ferreira

SALÃO NOBRE

05-03-2016

Diana Ferreira

08-04-2016

Associação de Diabetes do Vale do Sousa (A.D.I.)